



Dr. A.WYLM

o rosário de coral



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Rosário Coral

Romance baseado na fenomenologia psíquica ☆

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO EDITORIAL Rua Souza Valente, 17 —CEP-20941 e Avenida Passos, 30 —
CEP-20051 Rio, RJ — Brasil

. Indispensável se me afigura a apresentação deste livro.

Ele tem por objetivo expor, na medida do compatível com uma obra de imaginação, a face dramática de uns tantos fenômenos cujo estudo é hoje motivo de apaixonadas pesquisas.

A verdade é que uma obra puramente científica não faculta a exata descrição das paixões que o jogo das forças psíquicas movimentam.

E, neste caso, o romance é a moldura que mais convém, com o oferecer-nos meios de mais completamente descrever os fatos, cuja fisionomia deixa de ser verdadeira, sempre que despojados dos seus componentes emotivos.

Os episódios que entrelaçam esta narrativa não são totalmente imaginários, e talvez as personagens do livro se reconheçam através das suas páginas', por mais que me esforçasse em lhes exagerar as aventuras.

Elas também não são únicas, exclusivas por assim dizer, e provavelmente já outros observadores as terão assinalado.

Algumas personagens são místicas, por me parecer que um estudo da influência do misticismo se enquadrava em uma narrativa em que os fenômenos dele dependentes constituem o fundo discursivo.
A. W.

PRIMEIRA PARTE

Conchegado ao lume, no canto do gabinete, devaneava distraído a seguir com o olhar o fumo em volutas do meu cigarro, quando me trouxeram o cartão de visita do jovem I[^]yre.

De nome, já o conhecia. Era um dos mais brilhantes discípulos do professor Durieux, meu velho amigo, célebre por seus admiráveis trabalhos concernentes à fermentação dos vinhos.

Leyre defendera notável tese sobre a ação do ácido sulfuroso na vinificação e Durieux estimava nele um legítimo herdeiro e continuador da sua carreira.

Tal como estava, em trajas caseiros, pois que não passava de 8 horas, mandei que o fizessem entrar.

E, não sei porque, tive o pressentimento de que iria estudar um daqueles casos extraordinários, de tanto interesse para o meu espírito sempre ávido e curioso.

Os acontecimentos, como veremos, confirmaram a previsão, pois Leyre vinha oferecer-me uma das mais insólitas e inverossímeis observações do meu tirocínio médico.

Contudo, a julgar pela aparência, nada pudera deixar-me entrever, quanto aos fenômenos que lhe determinavam a consulta.

Assim, enquanto lia a carta do velho colega Durieux, examinava de soslaio o novo cliente e não via mais que um guapo rapagão, alto, espadaúdo, semblante de linhas regulares na moldura da barba castanha e olhos negros cujo brilho me encantava pela ousadia com que me fixavam, a traduzirem franqueza e lealdade.

Também os termos da recomendação eram calorosos :

"Aí vai Leyre, chefe do meu laboratório, que se julga vítima de perturbações dê fundo nervoso. Cisma exagerada, ao que suponho, pois nada lhe tenho notado de inquietante. Ao contrário, ele é

sempre o mesmo homem que conheci de longo tempo. Nada obstante, peço-lhe que o ouça e assista, como se o fizera ao seu afetuoso

Durieux."

— Pois meu caro Sr. Leyre, estou ao seu inteiro dispor...

— Quero, doutor, a sua opinião sobre alguns acidentes nervosos, que me deixam apreensivo quanto ao futuro. Trata-se, nem mais nem menos, de uns sonhos sempre uniformes e persistentes, que venho experimentando e de que me não posso eximir.

— Queira descrevê-los, então, com justeza e sem omitir qualquer pormenor. Diga como e em que data começou a tê-los, com todas as circunstâncias que os caracterizam.

-- Neste caso, para expor todas as particularidades, terei de alongar-me, e não desejo tornar-me importuno:

— Nada de cerimônias, amigo; os seus sonhos devem ser mesmo de natureza singular. Nem de outro modo eles o impressionariam tanto. Preciso, pois, para opinar, fazer deles uma análise muito completa.

— Antes de tudo, permita o doutor que lhe diga não ser apenas ao médico que me confesso: esses sonhos me transformam o sono em uma vida. mais agitada e fatigante do que a normal. Ao meu mestre Durieux confidenciei essas apreensões que me assoberbam e dai o seu conselho para que viesse ouvir-lhe a opinião.

O Dr. Hertault — disse — especializou-se no estudo dos fenômenos mais raros da vida psicológica e ninguém mais autorizado para deslindar o seu caso. E assim é que, estimulado por tão amistosa insistência, vim socorrer-me das suas luzes. Fique certo de que, de moto-próprio, jamais tomaria a iniciativa de uma confissão que pode até fazer suspeitar do meu bom-senso.

— Vamos ao fato e não receie revelar o seu caso, pois Durieux não lhe mandou aqui vir, àerea- mente. Tome um cigarro e prossigamos...

— Muito obrigado, não fumo. Quanto aos fatos, ei-los: — Em Novembro próximo passado, tive de defender tese para doutorar-me. Foi precisamente há dois meses. Essa tese me acarretou muito trabalho; tive de compulsar numerosos documentos, encetar experiências difíceis, delicadas e prolongadas, experiências não apenas de laboratório, mas também de cubas e lagares. Assim, por espaço de três anos, tive de passar horas a fio em ambientes que a fermentação do vinho satura dos vapores do álcool e do éter. Confesso, entretanto, haver sempre gozado excelente saúde, e nem mesmo lembro ter sido, a qualquer tempo, sujeito a sonhos. Esta disposição só se manifestou após a minha formatura. Dias depois do exame final, fui fazer uma estação de repouso em Arcançon. Ali, nenhum trabalho me preocupava, antes, pelo contrário, só cuidava de me distrair. Aproveitava, assim, a minha estância em exercícios físicos regulares, e tinha um belo apetite, magníficas disposições, em suma. No dia 28 de Novembro, fiz uma excursão fatigante até ao cabo Ferret e de regresso deitei-me cedo, logo após o jantar. Precisamente nessa noite, eis o que sonhei. (Nessa altura, tirou do bolso um ementário, consultou-o e prosseguiu):

— Vi-me no âmago de grande floresta, a caminhar por uma trilha rústica. Noite; fazia frio; mas o céu estava claro e eu marchava sem quaisquer tropeços. Depois de longo percurso, cheguei defronte de uma grande casa, estilo 1840. Havia uma cerca circundando o pátio, ao centro do qual se erguia o edifício. Encostei-me à cerca e levantei maquinalmente os olhos para determinada janela do primeiro andar, no ângulo direito da fachada. Em sonho (bem entendido), assim permaneci pelo menos uma hora, a fixar a dita janela, sem poder dali despregar os olhos. Sentia-me como que fascinado, e, apesar de esforços violentos, não era possível mudar a direção do olhar. Esta espécie de pesadelo, assaz penosa, só terminou quando acordei.

Consultei o relógio, eram 3 horas. Não pude reconciliar o sono, impressionado com a sensação de paralisia experimentada; pesava-me a cabeça, tinha dores agudas pela nuca, mal-estar que se prolongou até a hora do almoço. Depois, tudo se dissipou e não mais me preocupei com o caso. Durante o

dia, cheguei até Cazaux e visitei o lago. De regresso, algo fatigado ainda, deitei-me cedo, logo após o jantar, qual o fizera na véspera.

Reintegrei-me logo no sonho precedente, atravessei a mesma floresta, tomei a defrontar a mesma casa, apoiado à mesma cerca, e fixei o olhar na mesma janela, por força de incoercível atração.

Dessa feita, tentei lutar contra aquela força que me imobilizava não só o olhar mas também as pernas, de sorte a impedir que se modificasse o meu alvo. Fiz esforços inauditos para virar o rosto, para romper aquela fascinação... Baldado intento! O pesadelo devia ter durado mais de uma hora e só cessou com o despertar.

- Extremamente fatigado, doíam-me a cabeça, a nuca, o pescoço. Só me levantei ao meio dia! Fiz, | tarde, curto passeio, jantei ligeiramente e deliberei deitar-me tarde, na persuasão de que os pesadelos das noites de 28 e 29 fôsem devidos à má digestão.

Contudo, o sonho se reproduziu, idêntico aos precedentes, com todos os seus pormenores.

Instruído pela experiência, desta feita não mais tentei desviar da janela o olhar, e ao fim de longo tempo, mais de uma hora talvez, percebi — sempre em sonho — que havia recuperado a liberdade de movimentos. Pude, então, pela primeira vez, caminhar e regressar pela mesma trilha para despertar em plena floresta, junto ao pé de grande carvalho, ao lado de uma choupana — sítio já por mim notado, por ser ali, precisamente, que começam os sonhos.

Para resumir, meu caro doutor, desde o dia 28 de Novembro que venho sonhando a mesma coisa. E' sempre uma hora encostado naquela cerca, impossibilitado de tirar os olhos da janela. Agora, não tento, sequer, revoltar-me contra esse jugo, certo como estou, por experiência própria, de que todo esforço nesse sentido é sempre acompanhado de enxaqueca no dia seguinte.

Mas, a verdade é que receio seja essa sensação de paralisia onírica o prenúncio de qualquer perturbação da vista.

De fato, li algures que certas enfermidades se anunciam eventualmente por sonhos, antes de abroilharem na vida real.

Quero, assim, que o doutor me faça um exame minucioso, sem nada ocultar-me das conclusões a que chegar...

Esse exame fi-lo eu e nada constatei de anormal no consulente. Respiração, circulação, funções digestivas, secretivas, motrize3, sensoriais, tudo, enfim, perfeito. Os músculos, examinados com o auxílio de correntes elétricas, não deram qualquer reação indicativa de degenerescência; o conduto nervoso apresentava-se perfeito; os reflexos, normais; o globo ocular, examinado com cuidado, não revelou nenhum sintoma patológico.

Leyre gozava excelente saúde do ponto de vista físico.

Abordei, por conseguinte, o exame das suas funções psíquicas.

Exame demorado, minucioso e mediante o qual também pude comprovar a inexistência de qualquer distúrbio de atenção, de memória, de vontade e de linguagem, falada ou escrita.

— Tenho a impressão de que goza excelente saúde — disse-lhe depois de o haver examinado — e, pois que seu caso não se me afigura de fundo patológico, vamos encará-lo de um ponto de vista todo especial. Desconfio muito que Durieux já o tenha percebido, de vez que conhece os meus trabalhos sobre este assunto e sabe muito bem o que me pode interessar. Pois bem: eu, creio, quanto ele, haver no seu caSo importantes observações a colher.

Recapitulemos a sua narrativa. Disse-me o senhor que o primeiro sonho foi no dia 28... Lembra-se de haver experimentado nesse dia qualquer emoção particular?

— Não.

— Nenhuma aventura?

— Absolutamente.

— Nada de extraordinário? veja bem...

— De nada me lembro nesse particular ;¹

— Visto isso, acredito que não deve preocupar- -se mais com esses sonhos. Limite-se, apenas, a anotar o que for ocorrendo, sem omitir qualquer minudência. Ninguém avalia quanto pode influir, nestes casos, um pormenor aparentemente insignificante. Faça o favor de manter-me a par de tudo quanto lhe sobrevier. Finalmente, para terminar, aconselho-o a que não tente nunca resistir a essa força que parece, senão dirigi-lo, ao menos imobilizá-lo em quaisquer posições. Aliás, despercebido- não lhe passou que toda resistência é inútil quão penosa. Claro que assim falo, na hipótese de conservar em sonho o império da sua vontade, para conduzir-se de feição consciente e voluntária, circunstância que ainda desconheço, ao menos de maneira mais exata.

Leyre despediu-se e eu me entreguei ao trabalho habitual.

Aquele caso ainda me não deixava lobrigar qualquer dos elementos que me suscitam apaixonado interesse, justamente pelas dificuldades que encontro na minha profissão. .

No dia seguinte, recebi uma carta do nosso cliente, carta que justamente me trazia aquele misterioso elemento. Vejamo-la:

"Caro Doutor.

Ontem me perguntou se algo de extraordinário me sucedera no dia 28 de Novembro, que assinala o primeiro sonho, e respondi negativamente, cometendo uma falta que o sonho desta última noite se encarregou de retificar.

Como das outras vezes, encontrei-me na floresta, perto da choupana que se ergue ao lado do carvalho. Caminhava apressado quando percebi a meus pés um rosário de coral vermelho.

Apanhei-o e segui. Depois, na atitude costumeira, junto à cerca intransponível, despertei sem mais incidentes. Ora, a verdade é que no dia 28 de Novembro, precisamente, encontrei no cabo Ferret, caído na praia, um rosário de coral vermelho."

Esta carta espicçou-me a curiosidade. Haveria qualquer inexplicável ligação entre os sonhos e o tal rosário?

Como médico, é claro, não poderia admiti-lo. Como metapsiquista, mantinha-me em dúvida. Renovava-se, assim, o perpétuo conflito que me cindia o pensamento, como se eu assistisse ao desdobro de mim mesmo. Um dos meus "egos" alçava os ombros e ria-se do outro, como a dizer-lhe: *eis a qwe ponto chegaste!* Vais acreditar agora seja bastante a um jovem químico encontrar uní rosário de coral para que desande logo a sonhar como qualquer histérico ?!...

Que relação poderás encontrar nesses dois fatos? Conheces, em consciência, cientificamente, algo que lhes corresponda? Nada! Não é verdade? E poderás, ao demais, descobrir uma causa onírica nas contas de coral, no metal que as une, na medalha ou na cruz que as enfeita? Tão-pouco... De-frontam-te dois fatos concomitantes sem qualquer relação entre eles. Tudo não passa, portanto, de simples coincidência.

Mas, o outro "eu", assim arguido, defendia-se: "Não tenho como tu, dizia a mesma convicção; não direi que o rosário tenha originado os sonhos; limito-me a dizer que nada sei, mas também não nego que possa haver alguma relação entre o "achado" e os sonhos. Confio muito pouco na minha sabedoria. A ciência humana não se me afigura um monumento acabado, antes um edifício em construção, aliás pouco adiantada.

Eis porque, coisa alguma ousa negar *a priori* e acredito que nada há impossível.

Não ficarias surpreendido, creio, se ouvisses dizer que esse mesmo rosário poderia servir de veículo à tuberculose, desde que um enfermo desse mal o tivesse saturado da própria expectoração. Nada obstante, teus olhos não poderiam ver o agente do contágio; nem teu olfato, nem teu paladar, nem teu tato jamais o revelariam. Foi preciso que aparecessem o moderno microscópio e as sutilíssimas reações de laboratório para te revelarem o agente infinitamente pequeno que origina o mal.

Destrói o microscópio e o bacilo de Koch se tomará um ser inacessível para ti, de vez que vive em mundo no qual não podes penetrar; mundo que é, para nós, realmente, um outro mundo, e que só

podemos conhecer artificialmente.

Pergunto, então, a mim mesmo, se não haverá ainda outros mundos ocultos à nossa vista, outros seres dos quais não prevejamos a influência, mau grado à sua realidade; forças outras, enfim, das quais não sentimos a atuação senão por seus efeitos. Quem ousaria dizer que tais mundos, seres e forças não podem existir? Cá por mim sei que, a esse respeito, nada sei.

E' possível que haja nesse rosário uma influência qualquer... Por enquanto, nada afirmo. Não sou um crédulo; sou, confesso, um ignorante.

Talvez um dia se venha descobrir o instrumento que desvende a presença desses seres e dessas forças até agora desconhecidos.

Ser-nos-á, então, possível penetrar nesses mundos por enquanto inacessíveis às nossas investigações, tal como era o mundo dos infinitamente pequenos às investigações de Arístoto e Hipócrates.

Longe iria a querela dos meus dois egos se me não houvera integrado em mim mesmo para reprimir a imaginação.

Brusco, tomei do estilógrafo e escrevi a Leyre pedindo-lhe me procurasse e trouxesse consigo o rosário.

No dia imediato, muito cedo, o jovem cientista batia-me à porta. Fui logo pedindo que me pormenorizasse o sonho e também a maneira como encontrara o rosário de coral.

— Outro dia — começou — não me ocorreu contar-lhe o incidente, mesmo porque não lhe atribui maior importância, e julgava desnecessário mencioná-lo, antes da sua inesperada aparição no sonho habitual. Anteontem, ao sair daqui, fui à Faculdade e reencetei meus labores normais. O dia transcorreu sem incidentes e a lembrança do rosário não me veio à mente. Tinha esquecido absolutamente esse pormenor. Às 11 da noite, quando me acamei, adormeci sem outras preocupações, exceto a do meu sonho indefectível.

Ele, de fato, não falhou. Ainda uma vez, lá me fui pela floresta, perto de uma choupana, um carvalho ao lado, etc...

— Diga-me: é uma floresta de carvalhos, essa que palmilha?

— Não; é antes uma floresta de pinheiros, com alguns carvalhos de permeio, a lembrar as florestas das Landes. Hã, naquela mata, uma espécie de trilha ou picada de exploração. Caminhava eu apressado quando, de repente, tive atraído o olhar para um objeto vermelho, caído ao solo. Abaixei-me, apanhei-o, era o rosário! E logo reconheci nele o que encontrara nas areias do cabo Ferret. Mas, ao passo que o rosário real foi encontrado com o seu estojo, o do sonho não o tinha.

— Agora, aqui tem o rosário!*?. v

E passou-me um estojo, couro da Rússia, formato carteira, em que se via um rosário de coral vermelho, de contas arredondadas e enfiadas num cordão de prata, tendo por fecho um coração. Da jóia pendia uma medalha também de prata, com a efígie de Lourdes. Era um objeto religioso, de pouco valor específico. Cheirei o estojo, dele se evolava leve aroma de couro da Rússia.

— Continue a história...

— No sonho, a marcha pela floresta é rápida; ao fim de uns 10 minutos, se tanto, a trilha desemboca numa estrada guarneçada de grandes arvoredos e que suponho ser uma estrada real. Percorro-a e logo defronto uma granja cujo portão de altas grades, pintado de branco, está sempre aberto. Enveredo, então, por uma avenida reta de 600 a 700 metros, terminante na cerca de pequeno pátio, todo murado. Dali percebo, algo distante, o grande edifício quadrado, do qual já lhe falei. Um terraço, ornado de balaústres, se estende por todo o pavimento térreo, à minha frente; meus olhos se dirigem a uma janela do primeiro andar, e eu me quedo longo tempo a contemplá-la. Agora não tento mais desviar o olhar e sofro, pacientemente, esse curioso suplicio que a imaginação me inflige todas as noites. E' um sonho absurdo, estúpido mesmo, na minha opinião, e já me sinto irritado ao ver-me assim paralisado diante da uma cerca, sem poder transpô-la.

— Mas, diga-me, já tentou fazê-lo?

-- Não, porque me parece muito difícil.

— Ora... em sonho não há impossíveis.

— Perdão: o que caracteriza os meus sonhos é justamente a integridade do meu raciocínio. Bem sei que o justo critério do julgamento falta, de ordinário, nos sonhos: a33im é que, sonhando, voamos, caminhamos sobre as águas, realizamos, enfim, toda uma série de coisas inverossímeis. As próprias imagens se apresentam flutuantes e a mobilidade do cenário não nos surpreende... Nestes meus sonhos, ao revés, tenho a sensação de estar acordado e aprecio os acontecimentos como se estivesse em vigília. Se, pois, não salto a cerca, é porque julgo difícil e também por me parecer um ato incorreto.

— Permite um conselho?

— Como não?

— Então, queira pensar e desejar, intensamente, transpor essa cerca, como se imaginária fôsse.

Promete fazê-lo?

— Perfeitamente.

— Depois, dar-me-á conta das ocorrências, certo de que acabará libertando-se da sensação de paralisia que tanto o impressiona e acabará por dar-me notícias interessantes.

— Estamos entendidos.

Leyre retirou-se e a presença de um cliente neurastênico logo me fêz esquecer o seu caso. A massa de minudências que me descarregou o novo consulente a propósito do seu mal, com prolixidade de sintomas, empolgou-me o espírito. Só à noite, voltei a pensar no estranho caso de Leyre, caso que, já agora, me interessava grandemente.

Que resultados daria a experiência aconselhada? Minha imaginação, sempre ágil, esboçava o provável êxito do tentâmen. O obstáculo daquela cerca, até então intransponível, seria removido. E depois? Eu não poderia impedir que o nosso homem fôsse até junto da janela... Passar-lhe-ia pela mente penetrar na casa pelo mesmo processo por mim indicado para transpor a cerca? Era de supor que sim, visto que todos os obstáculos que se lhe opunham eram meramente imaginários, tudo ilusão. O jovem químico com certeza se tinha esfalfado, tinha fatigado os músculos oculares e cervicais no trato das cubas e balões, anotando, pesquisando ao microscópio o cabedal do seu estudo. Uma tal fadiga, excessiva, traduzir-se-ia em sonho por essa sensação de paralisia, com expressão onírica do *surmenage* orgânico. Uma questão de tempo, tudo se dissiparia. I. Quanto ao rosário, não constituía ele um fenômeno clássico? Desaparecido da consciência no amálgama das cogitações diárias, aí reaparecia na calmaria do sono. Minha pergunta provocara a emergência espontânea da imagem esquecida: era um efeito dessa atividade inconsciente do espírito, que ao presente começamos a estudar e a conhecer. A lembrança manifestara-se sob forma concreta e dramática, com a entrada em cena ordinária das imagens que se objetivam no sonho. Em vez de se lembrar do fato de um modo abstrato, Leyre tinha pela segunda vez achado o rosário. Reproduzira, assim, a cena primitiva, adaptando-a ao quadro do seu sonho.

Nada, portanto, de extraordinário em tudo aquilo. Sem embargo, nossas ideias e reflexões são quais pêndulos oscilantes. Ainda bem não formulara essa conclusão positiva e já o pensamento se me degarrava para oposta conclusão. Comecei logo por duvidar da legitimidade da primeira e a formular mentalmente a confissão habitual da humana ignorância, em geral, e da minha em particular.

Não haverá alguma coisa que de nós se desprende e se liga aos objetos por nós utilizados? Em ser desconhecido, esse *quid* pode, todavia, ser real. O cão de caça percebe emanações que nos escapam, a delicadeza do olfato lhe revela aromas sutis que desafiam a grosseria dos nossos sentidos.

Que vem a ser um perfume senão algo de imponderável? Até agora nenhuma balança pôde registrar a diminuição do peso de uma partícula de almíscar, capaz de saturar um sabão. E' de supor que essas emanações nos põem em contacto com um estado de matéria muito diferente daquele a que estamos habituados.

Teremos o direito de supor que as emanações odoríferas sejam as únicas peculiares aos corpos materiais? Quem dirá não haja outras ainda mais sutis? A vida, cujas origens nos escapam e cuja verdadeira natureza é para nós um mistério, não poderá influenciar mesmo a matéria inerte? Nossa própria personalidade, pensamentos, sentidos, tudo o que constitui a individualidade, em suma, será um foco inerte? Nenhuma irradiação? Seria, na verdade, inverossímil que tão poderosa fonte de energia, qual o ser vivente, tivesse influência menor que a de insignificante partícula de almíscar. É provável, conseqüentemente, que os objetos, em prolongado contacto conosco, se impregnem de qualquer essência demasiado sutil para não ser habitualmente percebida pelo homem comum, mas acessível a seres mais bem organizados do que o tipo médio.

Demais, não é um fato verificado? Levantei-me, fui à biblioteca, tomei o livro de Denton — *The soul of things*. (A alma das coisas). Pus-me, então, a ler os casos extraordinários, contados a sério por esse escritor americano. Seu sonâmbulo como que deixava entrever uma reminiscência nos objetos materiais, imagens de eventos ambientes que aí se gravassem, a ponto de um fragmento de sílex revelar o artista pré-histórico que o facetara, o caçador de mamutes que o adaptara a uma haste de madeira, errante por florestas gigantescas à cata de animais desconhecidos, dos quais ele, caçador, pouco se diferenciava. Percorri, depois, os minuciosos relatórios das experiências de Richet, Lodge, Hoagson, Myerse tantos outros, como a Sra. Piper.

Tais experiências parecem demonstrar a existência de uma sensibilidade toda especial, nessa senhora. Assim é que, uma jóia lhe permitia evocar a imagem do seu dono. Palpando essa mesma jóia, descrevia, não só o caráter, mas até os principais episódios da vida do seu proprietário.

O olhar da Sra. Piper como que varava a cortina que separa os mundos. Quem sabe se Leyre não era sensível a essas influências secretas? Não seria a sutil essência impregnada no rosário que o levaria a sonhar e a entrever, em sonho, o sítio em que morava a pessoa que, tateando-o, em preces, lhe desfiava as contas?

Depois, precisamente na prece, ato de concentração do pensamento e de expansão volitiva, não haveria uma influência particularmente enérgica?

Assim flutuavam meus pensamentos e chegaram ao ponto de atribuir à banalíssimo rosário, encontrado por Leyre, toda a sorte de propriedades misteriosas e ocultos poderes.

Mas, nessa altura, o pêndulo entrava em oscilação contrária, e já eu me sorria da própria credulidade.

Resolvi sair para o cotidiano passeio, aliás, confesso-o, um tanto aborrecido comigo mesmo.

Todavia, estava escrito que aquela aventura do jovem químico, uma vez entrosada na minha vida, me levaria de qualquer forma a extraordinárias constatações.

Com efeito, no dia seguinte volvia-me a casa o singular cliente.

— Venho cedo — disse — porque tenho de fazer alguns trabalhos experimentais agora, às 8 %. Tomei a liberdade de vir incomodá-lo, porque trago um novo pormenor que lhe vai, certo, interessar.

— Ah! — exclamei curioso — pois vamos a isso...

— O sonho repetiu-se ainda esta noite, e assim que atingi a cerca, *quis* atravessá-la, de sorte que logo me vi do outro lado, sem mesmo dar conta de como rompi o obstáculo. Tudo instantâneo, fulminante, como num relâmpago. Dirigi-me, então, para a casa e cheguei, atravessando o parque, até ao terraço que circunda a fachada. Montei uma escada de sete degraus. O terraço tem 4 metros de largura, mais ou menos, por 21 de comprimento.

Há, uma balaustrada de pedra sobre a qual descansam vasos de "faïence" decorados. Nesses vasos, com desenhos azuis em fundo branco, viçam gerânios encarnados. A fachada tem sete janelas, sendo três de cada lado da porta de entrada.

Mas algo de estranho me aconteceu: consegui caminhar facilmente até o terraço e, lá chegando, foi-me preciso passar entre a porta e a janela de que lhe tenho falado muitas vezes. Em vão tentei ultrapassar esses limites, experimentando aquela resistência insuperável, com a qual estou agora

familiarizado. Continuei o passeio até ao momento de acordar. Note que contei os passos necessários para ir do centro à extremidade do terraço, o que permite fornecer-lhe as I dimensões. Também contei os vasos, que são oito, por sinal. Também havia por lá umas cadeiras e poltronas de vime, isto é, três cadeiras e duas poltronas. Sobre uma destas, um livro, que tentei mas não consegui folhear. A mão não encontrava qualquer resistência apreciável, e parecia-me que os dedos atravessavam o volume.

Não obstante, tinha a sensação de pisar um pavimento resistente, notando que a minha imaterialidade era apenas para os objetos que procurava tocar. As sensações tácteis, não direi que fiquem totalmente abolidas, visto perceber o contorno dos objetos. Contudo, eles não têm para mim realidade material, não passam de aparências.

Certifiquei-me disso ao caminhar sem tropeços através das cadeiras e da balaustrada. Transposta esta, encontrava-me suspenso no vácuo. Pensei que ia precipitar-me e foi quando acordei, bruscamente, trêmulo ainda, coração a bater com violência. Um suor frio inundava-me a fronte, sentia-me perturbado, alarmado. Suplico-lhe, doutor, que me liberte destes pesadelos, que acabarão por me adoecer seriamente.

— Não exagere, meu amigo: com toda a sinceridade lhe digo que não conheço remédio infalível para esse seu estado. Calmantes e narcóticos? Certo, poderia ministrar-lhos, mas nunca afirmar que o curassem. Em compensação, posso assegurar que o uso prolongado dessas drogas acarreta sérios inconvenientes.

Poderia, também, tentar os métodos psicoterápicos com maior probabilidade de êxito, talvez, mas julgo que não há oportunidade para empregá-los. As razões deste meu parecer são as seguintes: esses métodos também não são absolutamente inofensivos, expõem os pacientes a tais ou quais perigos, especialmente em casos análogos ao seu. Eles podem, com efeito, desenvolver, antes que diminuí-los. Um remédio talvez pior que a enfermidade. Demais — chego à segunda razão — o seu estado não me dá maiores inquietações. O que nele vejo é um "processus" físiopsicológico, muito particular e assaz raro, mas nada patológico. Vamos deixar que os acontecimentos se desdobrem por si mesmos sem neles intervirmos, ao menos por enquanto. Se o meu amigo quiser analisar o seu pesadelo, facilmente encontrará a explicação da sua emoção.

— Como assim?

— Disse-me, outro dia, que as suas sensações tinham uma realidade surpreendente. Há, contudo, grande diferença entre os seus sonhos comuns e estes de que ora se lastima. Apesar da intensidade, as sensações que agora experimenta não deixam de ser imaginárias; e assim é que, pensando transpor a cerca, logo o fez sem dificuldade...

— E* exato, mas, também não pude ultrapassar os limites da ala direita do terraço.

— Lá chegaremos. Por enquanto estou cogitando do elemento imaginário, elemento que também existe noutros pormenores. Mínima foi a resistência que o livro lhe ofereceu aos dedos que o atravessaram; o senhor mesmo atravessou as cadeiras da varanda e acabou flutuando no ar, ao nível dela, depois de havê-la transposto... Não é assim?

— Exatamente...

— Logo, que concluir de tudo isso? — Que experimenta, ao caminhar, a resistência do solo e nela se confia. Ora, a resistência do solo é a condição necessária da nossa vida na superfície da terra, tanto quanto o é a impenetrabilidade da matéria. E o senhor constatou então, nos primeiros sonhos, que a cerca era resistente.

— E' verdade.

— Entretanto, não se lembrou de indagar do motivo por que, de resistente que era a cerca, tal como a supunha, se tornou penetrável logo que se dispôs a franqueá-la...

— Por Deus que não!

— Pois foi apenas porque deixou de imaginá-la intransponível. A imagem da cerca, no seu sonho,

tinha apenas a realidade que o senhor lhe emprestava instintiva, inconsciente, habitualmente. Estou igualmente convencido de que descobriu de um modo acidental a imaterialidade do livro. Queira evocar a sua memória.

Ele refletiu um instante e disse:

Tem razão: eu pude tocar no livro e senti que ele resistia à minha pressão. Os dedos só o penetraram quando tentei segurá-lo e folheá-lo. Não obstante, consegui ler-lhe o título: *Romance de um moço pobre*, de Octave Feuillet.

— Essa constatação acidental é, precisamente, o que me parece dar ao sonho a sua significação. Atingimos esses elementos particulares, cuja importância já de certo percebeu. É que, num sonho ordinário, não poderia o senhor tomar e folhear um livro. Esse ato costumeiro é o resultado da experiência diária, que habitualmente transportamos ao sonho. É porque, ao invés, o senhor penetrou o livro como se ele não fora material?

— Sei lá porquê?

— Também não ousa dizer que mais e melhor o saiba, mas, podemos formular uma hipótese: se, por uma circunstância qualquer, o senhor avistasse de longe um sítio real, no qual tivesse imaginariamente passeado, poder-se-ia compreender que o senhor pudesse perceber as coisas tais como são, mas, não que pudesse sobre elas atuar, deslocando uma cadeira ou folheando um livro, por exemplo.

Do mesmo modo, a imagem do livro, da balaustrada, da cerca, não tendo realidade objetiva, não poderiam ser permeados. E foi o que sucedeu: quando o senhor atravessou a balaustrada deveria, logicamente, estar ainda ao nível do terraço. Ultrapassando este, também o solo deveria encontrar-se abaixo daquele nível.

— De acordo...

Em resumo: chegamos a constatar que as coisas se passam tal como o senhor as poderia ver, mas, com aparências imateriais. Elas têm o caráter das imagens alucinatórias do sonho, apenas com esta restrição: — que o sentido do tato tem alucinações autônomas, que nem sempre se sistematizam com as alucinações visuais. Um exemplo dessa discordância tem-na o senhor com a penetrabilidade da balaustrada.

— É fato.

— Dá-se, aí, um fenômeno psicológico muito raro, pelo que lhe rogo observá-lo com atenção, por me parecer que ele confere ao seu sonho um caráter especial.

— Que caráter?

— Nada direi, por enquanto. É preciso aguardar os acontecimentos. Mas ainda lhe não disse tudo. Porque não lhe foi possível ultrapassar os limites do terraço? Porque, de começo, não podia desviar os olhos da janela à direita? Será que haja uma correlação entre esses dois episódios?

— Não vejo em quê.

— Pois reflitamos: coordenemos assim os fatos: 1.º, o senhor não consegue desfrutar a janela; 2.º, o senhor pode caminhar até ao terraço, mas, ali chegando, não consegue mais do que andar da porta até à janela, e vice-versa. Note que se trata da mesma janela; não é verdade?

— E\

— Que concluir, então?

— Que posso realizar os atos que me aproximam da janela ou da porta de entrada.

— E não poderá ir mais longe?

— Mas... como?

— Revertamos aos fatos: é a janela, ou é a porta que o atrai?

— A meu ver, não é uma nem outra, visto que posso ir de uma a outra.

— Apenas isso?

— Nada mais vejo nem colijo.

— Pois se não é nem a porta nem a janela que o atrai, então será outra coisa qualquer que com elas

se relacione.

— Isso sim.

— E que coisa poderá ser?

— Um determinado quarto, certamente, pois que a janela o indica, e a porta é o meio comum de acesso ao interior de qualquer casa.

— Naturalíssimo. Mas, a verdade é que o não teria imaginado sem o seu auxílio. Onde quer, porém, chegar o senhor?

— Vai ver: existe uma força que lhe parece estranha e que o aproxima, em sonhos, do que supomos ser um determinado compartimento; importa satisfazer os imperativos dessa força, que o não dirige mas impede se afaste do objetivo que ela mesma lhe assinalou. Em conclusão: é preciso entrar naquele quarto...

— Seguirei o conselho, embora não comparti-lhe a sua opinião a tal respeito. Agora compreendo porque o Sr. Durieux me mandou consultá-lo. Já me não resta dúvida de que o senhor conhece do meu caso muito mais do que me diz, e é o quanto basta para que me permita insistir para que me dê, francamente, a sua opinião.

— Não. Nada direi, porque a verdade é que, neste particular, sou tão ignorante quanto o senhor. Sem dúvida, posso formular hipóteses, mas, que adiantaríamos com isso? Prefiro mil vezes que o senhor se observe a si mesmo e chegue a conclusões que lhe satisfaçam.

Leyre levantou-se e saímos juntos, ficando combinado que todas as manhãs, ao despertar, escrevesse os sonhos, tendo o cuidado em não omitir pormenores, ainda os mais insignificantes.

Passaram alguns dias sem que o jovem cliente desse sinal de vida.

Começava a preocupar-me com aquele silêncio, quando lhe recebi a visita. De logo lhe notei a alteração fisionômica: estava mais alegre, mais confiante.

— Meu sonho — foi logo dizendo — tomou uma feição idílica, que me proporciona, aliás, um grande prazer, tanto que lhe agradeço o não haver empregado qualquer recurso para extingui-lo, o que me acarretaria enorme desgosto. Sei perfeitamente que é tudo imaginário, que é o meu próprio espírito quem cria a ilusão encantadora, mas essa ilusão tem, no meu sonho, todas as aparências de realidade e, assim, desejaria que ela pudesse perdurar sempre.

— Ora esta! — disse-lhe a rir — como é que esse raio de pesadelo pôde metamorfosear-se em lindo sonho?

— Do modo mais simples... Fiz, muito simplesmente, o que me aconselhou: entrei na casa e penetrei no quarto que dá para aquela janela...

— Ora, conte-me lá isso...

— Outro dia, ao separarmo-nos, refleti muito no que me dissera; esperei a noite com certa impaciência e, naturalmente, só adormeci tarde, tão preocupado tinha o espírito. Uma vez adormecido, veio o sonho habitual e eu tinha, nele mergulhado, a noção muito clara da nossa conversa. Caminhei apressado, atravessei a cerca, percorri a aleia do parque, subi a escada do terraço e barafustei pela casa a dentro sem qualquer hesitação. Confesso que a porta não me ofereceu nenhuma resistência e logo me encontrei numa ante-sala espaçosa, ornada de alto fogão, ao fundo, e tendo à direita uma escada de madeira com acesso ao primeiro andar. Uma galeria contornava a sala, ao nível desse primeiro andar. Galguei a escada e cheguei ao corredor da direita. Havia nele portas de um e outro lado. Fixei a mais afastada, sempre à direita, atravessando-a sem o sentir. Achei-me, assim, na alcova de uma jovem. Era uma alcova forrada de papel azul, atulhada de poltronas, cadeiras e mesinhas repletas de bibelôs.

Havia roupas em desordem, espalhadas junto do leito e pelos móveis próximos. No fogão ardia, brando, um fogo de braseiro.

O quarto estava no escuro, mas, a verdade é que nada me escapava à vista. De tudo aquilo o mais gracioso era o aspecto do leito à Luís XV, de madeira dourada, à direita da porta. Uma jovem ali

dormia, deitada sobre o lado direito, rosto voltado para mim. Jamais vi rosto tão belo! Imagine um semblante juvenil de traços finíssimos, a cútis rosada, longos cílios castanhos e lábios coralinos entremostrando dentes de nácar, brilhantes! Depois, uma onda de cabelos castanhos a coroar esse semblante!! Um gozo enorme, uma espécie de culto me assoberba desde que tive o ensejo de penetrar naquela alcova onde demoro em sonho, todas as noites. Lá me assento junto do leito, contemplo aquela criatura e experimento, junto dela, um esquisito bem-estar.

Tenho a sensação de contemplá-la sem ser visto nem suspeitado. Vejo-a todas as noites, em sonho, e, coisa estranha, agora os pormenores complementares já se não reproduzem, desapareceram aqueles obstáculos do início, como se eu surgisse de improviso naquele ambiente. De fato, nada ali me surpreende: já sei de cor o título dos livros, a cor dos móveis, os adornos que lá se encontram; mas, o que na verdade mais admiro é aquela criatura adormecida e envolta nas cobertas, seja deitada à direita, à esquerda ou de costas, bela, adorável, graciosa sempre! Sentado a seu lado, embevecido, contemplo o arfar rítmico daquele seio, acompanho-lhe cuidadoso o mínimo gesto, receoso de que se descubra e se resfrie. Velo, enfim, o seu sono com infinita ternura, e desejaria que o sonho não findasse nunca.

— Mas — disse-lhe eu, hesitante — apenas se tem limitado a contemplar... sem tocar?

— Não me veio à mente fazê-lo — respondeu com tal ou qual ingenuidade.

Sorri e ele corou como um colegial. Aquele guapo rapaz devia guardar consigo toda a primaverilidade. A química deveria ter para ele menos segredos do que o amor, e os seus arroubos forravam-se ainda do senso das realizações.

— Vejamos — continuei sorrindo —, não lhe veio, então, a ideia de beijar tão formosa criatura?

— Confesso-lhe que não.

— Pois admiro-o, meu jovem Cipião.

Refleti um momento. Conviria levar mais longe

o meu cliente naquela aventura imaginária? Não, decerto; era preferível deixar que os acontecimentos seguissem o seu curso, a Natureza saberia impor sua voz no momento oportuno, e demais, se uma influência ignota havia atraído a imaginação do rapaz para um sonho tão estranho, era mais que preferível não parasse ali a sua atuação. Ela, a Natureza, acabaria por fazer sentir e impor a sua vontade. A mim me palpitava o surgimento de uma personalidade real através do sonho. A prevalecerem as minhas hipóteses metapsíquicas, aquela moça devia ser a dona do rosário de coral. De resto, podia, sem maior inconveniente e incorretismo, tentar a veridicidade das minhas suspeitas. Depois, foi-me preciso silenciar algum tempo, pois, ao fitá-lo, notei que Leyre me olhava atento, como se quisesse adivinhar meus pensamentos.

— A sua narrativa, disse-lhe, torna-se dia a dia mais curiosa. O senhor me afirmou experimentar uma sensação de embevecimento quando junto da beldade adormecida... Pois bem: nunca experimentou na sua vida uma comoção comparável a essa?

. — Bem certo que não.

— Muito bem: neste caso, também nenhum conselho tenho hoje a dar-lhe, a não ser o de que continue a observar e comunicar-me as peripécias do seu sonho. Outra coisa: que fez do rosário?

— Tenho-o numa gaveta da secretária.

— Esta noite, antes de adormecer, queira enfiá-lo ao pescoço.

— Para quê? Estranha recomendação!

— Faça como digo e não me peça qualquer explicação, que, por enquanto, não posso dar. Digo-lhe, apenas, que daí nada de mal lhe advirá.

— Desconfio muito — replicou, sorrindo —, mas, de qualquer forma, não deixa de ser uma recomendação extravagante.

— Espere, depois veremos.

Separámo-nos. Antes, convidei-o a que viesse

almoçar comigo dali a oito dias, quando teríamos maior folga para conversar.

Pontual no compromisso, almoçámos no dia aprazado e passámos logo para o meu gabinete. Lã estavam as xícaras de um moca fumegante, conhaque e licores policromos, de esquisitos aromas. Meu interlocutor não usava bebidas alcoólicas. A sua educação química fazia-lhe temer a toxicidade dos éteres superiores, que tanto valorizam as velhas aguardentes.

Quanto a mim, posto que médico, não era abstinente. Bebia com moderação e nunca me senti mal, cõscio de que só o abuso prejudica.

Ria-me, portanto, das teorias de meus colegas fisiologistas, que aferiam os efeitos do álcool no tubo digestivo, pelos que ele produz quando diretamente injetado nos tecidos. Para mim, a água comum, com os inumeráveis germes que lhe são próprios, era mil vezes mais perigosa. Dado me fora, mesmo, autenticar muitas neurastenias, dilatações de estômago, hiperacidez gástrica e misérias outras, devidas ao uso constante das águas minerais, para não ser fervoroso adepto dos hábitos gastronômicos de nossos avós. Expunha a Leyre, acendendo um cigarro, as minhas teorias e convidava-o a narrar os novos incidentes do seu sonho.

— As coisas se complicam de modo singular... Hoje, antes de tudo, cumpre dizer que percebo o motivo que lhe determinou o conselho para cingir o rosário antes de adormecer. A prescrição figurava-se-me absurda, mas a sua reputação é tal que não permitia julgá-lo capaz de aconselhar um absurdo. Agora, vejo, tinha sérias razões para dar esse conselho. Logo ao deitar-me, coloquei o estojo sobre o peito. Pendurei o colar por um fio e prendi-o com afinete à camisa de dormir. Apaguei a lâmpada e aguardei o resultado. Não tinha qualquer ideia preconcebida do que pudesse suceder. Qual não foi a surpresa, quando me senti penetrado de suavíssimo calor! A origem dessa sensação? Indubitavelmente que provinha do estojo ou do rosário. Pouco a pouco esse calor (eu ia a dizer uma asneira, isto é, calor sem temperatura, que, não obstante, é o que se ajusta à sensação experimentada) invadiu, ganhou todo o meu ser. Eu me encontrava como que mergulhado em atmosfera perceptível apenas por alguma faculdade ou sentido nominalmente indefinível e latente em mim.

Era um grande bem-estar, idêntico ao que experimentava junto da moça adormecida. Tanta era essa identidade, que não hesitei em lhe atribuir uma origem comum, e tive a certeza de que o rosário pertencia àquela moça. Esta conclusão me parece, aliás, inaceitável, de vez que a encantadora criatura não passa de fruto da minha imaginação. Mas, a despeito de tudo, não consigo afastar do pensamento essa ideia. E' como se dentro em mim alguém se revoltasse contra os vereditos da minha razão; e assim assisto, pela primeira vez na vida, a verdadeiro conflito de imaginação e razão, uma afirmando a correlação do rosário com a beldade e outra criticando, impiedosa, os desvios da minha fantasia! Adormeci, presto, e logo me vi transportado ao quarto da misteriosa criatura. Calmo lhe era o sono; a temperatura ambiente agradabilíssima, porquanto se mantinha o fogo espertado e aquecera todo o quarto. Preciso dizer-lhe que cheguei a essa conclusão, antes por observação que por sensação. Pessoalmente, não experimentava nenhuma impressão, mas via que a jovem e enigmática criatura estava superaquecida. Estendera os braços, afastara ligeiramente o cobertor e deixava entrever sob a camiseta meio aberta um colo delicado, alvíssimo, sobre o qual minúsculas gotículas de suor dir-se-iam semelhantes a poeira diamantina. Confesso-lhe, doutor, que as precárias condições da minha infância não me permitiram compartilhar do habitual prazer dos meus colegas. Sempre ignorei os gozos fáceis e nunca pensei nas mulheres. As aventuras banais sempre me repugnaram e, se um dia vier a casar-me, hei-de pedir à companheira não apenas a posse do seu corpo, mas também da sua alma e da sua inteligência. Só compreendo o amor como a fusão definitiva de duas almas, cujo símbolo se represente pela união dos corpos. Demais, a morte de meu pai deixara minha mãe balda de recursos, sendo-me necessário trabalhar sem tréguas para prover necessidades de uma senectude precoce e uma incapacidade prematura. Meus êxitos, não os devo senão à noção dos meus deveres e responsabilidades, constrangido a incessantes labores. Mas... é abusivo falar assim da minha pessoa e rogo me perdoe. Em suma: era a primeira vez que me via em face de uma

mulher, a contemplar um colo encantador, do qual a floravam dois pomos de transparente brancura, como feitos de um raio de luar. O braço esquecido e esticado sobre as cobertas deixava pendente a mão, à borda da cama. Tão bela mão, nunca vi! A mesma alvura do seio, deixava transparecer o azulino das velas, entra- mando na epiderme uma rede delicada; e os dedos longos, redondos, as unhas róseas! Mão que se fazia imã irresistível! Ajoelhei-me, toquei a ponta dos dedos e senti uma resistência algo objetiva, fraca, porém perceptível. Não fiz maior pressão, receoso de despertar a moça adormecida... Aquele Sutil contacto dos seus dedos tépidos, percebidos como através de um tecido de musselina, de uma teia de aranha, provocou-me estranhas sensações. Então, observei-me a mim mesmo com maior cuidado, fiel às suas recomendações, e cheguei assim a analisar as minhas impressões como se o fizesse com qualquer substância submetida a exame químico. Antes de tudo, sentia-me absorto na contemplação daquela deliciosa criatura ali adormecida a meu lado; não pensava senão em passear 03 olhos naquela mão finíssima, sobre aquele braço roliço e meio oculto no rendado da manga, sobre aquele colo de jaspe sulcado de filetes azulados, sobre aquele vulto, enfim, que me não cansava de admirar. Pouco a pouco, particular sensação me alertou os sentidos: parecia-me que leve corrente elétrica me percorria o braço. Era uma sensação muito nítida, posto que fraca. A palma das mãos e a polpa dos dedos eram como que crivados de piques, qual se assentassem numa carta de alfinetes. E a mim me parecia que ligeiro sopro se exalava daqueles mil pequeninos orifícios. Sensação nada penosa, de resto.

Enorme surpresa, escusado é dizê-lo, pois era uma impressão inédita. Durava isso um quarto de hora, mais ou menos, sem modificação, até que me pareceu diminuir, sem contudo cessar inteiramente.

Depois, era uma indizível simpatia a empolgar-me para a dona daquela mãozinha. A corrente elétrica, como que se dirigindo da minha para a sua mão, tornava-me convicto de lhe transmitir a própria energia, como se se tratasse de uma fração de mim mesmo.

Questão de minutos e já o impulso de simpatia, a que aludi, parecia aumentar e definir-se, como acrescido de profunda ternura. Desejaria poder tomar nos braços aquela criatura adormecida, a fim de acalentá-la como se fora filha idolatrada; queria poder acariciá-la, cobrir-lhe os olhos, o rosto, os braços, todo o corpo de apaixonados, cálidos beijos. Sentia-me capaz de morrer por evitar-lhe um desgosto. O coração dilatava-se-me como se fôsse estalar dentro do peito. Eu penetrava uma região onde o sentimento é tão intenso e tão profundo que não permite distinguir alegria e tristeza, porque elas se fundem numa síntese que ao coração se sobrepõe. Compreendi o dulçor das lágrimas, o encanto do sofrimento, a amargura da alegria. Prazer e dor são relativos I contingentes. O estado em que me via, parecia reuni-los num sentimento tão geral, que era como se ainda se não diferenciassem.

É-me difícil fazer-lhe compreender essa sensação simultânea de alegria e tristeza. Procuo defini-la, mas me esqueço de que as palavras são insuficientes para traduzir o que de fato senti.

Essa impressão durou alguns minutos. "Uma sensação glacial arrancou-me daquela beatitude dolorosa. Havia-se esfriado a mão que entre as minhas conservava, ao mesmo tempo que me parecia mais delgada, exangue, diáfana; levantei os olhos para o rosto e notei que ao colorido das faces sucedera um palor evocativo do mármore... Era mesmo uma estátua de mármore! O semblante afilara, os olhos se profundaram, as faces estavam cavas! Quis erguer-me, pedir socorro, despertar a moça. Tolhido! Imobilizado, tal.como no inicio dos sonhos! Depois, sem querer, olhei à esquerda e percebi um nevoeiro tênue, fosforescente, que flutuava muito perto, semelhando-se a coluna de fumo palpitante. Esse nevoeiro era de coloração esverdeada, a lembrar o aspecto da nebulosa Orion ao telescópio. Não apresentava contorno definido e formava, ao nível do peito, pequena mancha de traços móveis, indecisos. Nesse comenos, recuperei a liberdade de movimentos da cabeça, sem poder desligar as mãos da mão que segurava. Fitei outra vez o rosto e fiquei surpreso com a crescente alteração dos traços; o corpo, também, como que se houvesse abatido, encarquilhado; os olhos, profundamente mergulhados nas órbitas, e o nariz afilado, transparente, davam-me a

impressão de ter diante de mim uma figura de cera, a máscara de um cadáver!

Voltei-me para o vapor luminoso que se formava e se condensava lentamente, à proporção que diminuía de brilho. Depois, foi como se ele se estendesse e alargasse no plano vertical. Nesse instante, a sensação de uma corrente elétrica, passando do meu para o corpo da jovem, retomou uma energia crescente. Senti que as forças se me esgotavam rapidamente e tive uma como vertigem. Cerrei os olhos, apoiei a fronte nos braços, oprimia-me uma angústia indizível, o coração tumultuava, tinha a impressão de que ia desaparecer, que o corpo se liquefazia e precipitava torrencialmente numa ferida aberta no vácuo do estômago. Não posso precisar o tempo que durou esse colapso; o que sei é que, quando levantei a cabeça e abri os olhos, distingui a meu lado um vulto, de pé. Essa figura era em tudo semelhante à jovem adormecida, apenas um pouco maior. Sua mão esquerda permanecia entre as minhas e parecia com elas se haver confundido. Também parecia dormir, com seu dúplo material.

O sentimento de ternura, antes manifestado para com aquele duplo, como que se transportara para o seu sócia e mudava de natureza, senão de intensidade.

Não era mais, então, o desejo de animar o objeto dessa ternura, no qual pressentia agora um ser forte, semelhante ao meu, e para o qual a minha proteção se figurava inútil. A ideia de uma carícia material havia desaparecido, substituída pela de uma união genuinamente espiritual. Parecia-me que ela era eu e que eu era ela; que a minha existência só subsistiria se aquela misteriosa criatura comigo se confundisse em definitiva identidade. Era como se pressentisse na identificação do meu ser, com o daquela forma feminina, a condição de uma potência sobre-humana, fonte de alegrias infinitas, imateriais, inexprimíveis, mas, também, de novas obrigações ainda insuspeitadas.

Assomava-me um sentimento de amor universal, que se não prendia a determinada criatura, antes abrangia a natureza inteira. Sentia que íntima solidariedade me unia não somente aos seres humanos, mas a todos os seres viventes. Uma piedade imensa me inflava o coração por esses esforços, incessantes e quase sempre inúteis de todos os seres vivos, na perseguição de uma existência melhor e mais perfeita; e do fundo de minha alma bendizia o Senhor Todo Poderoso e Bom, que me permitia, finalmente, atingir essa vida superior.

Como que percebia, obscuramente, a realidade desse Ser Supremo e compreendia que a condição posta à minha felicidade era justamente a unificação substancial com aquela alma que eu acreditava ter ali, assim, a meu lado. Ao mesmo tempo, percebia que essa felicidade dependia de mim, não apenas, porque haveria de conquistá-la com o complemento daquele outro ser. O acesso a um estado existencial mais perfeito, aparecia-me como o resultado de uma assimilação recíproca, como obra de uma vontade comum.

Leyre calou-se, depois de se haver manifestado com entusiasmo invulgar. Seu depoimento me havia interessado de tal maneira que o cigarro se me apagara e o copo de conhaque estava intacto.

— Estou a enfadá-lo — volveu a dizer — contando-lhe estes meus sonhos metafísicos; entretanto, julguei dever minudenciar todas as minhas impressões...

— O senhor não me enfara, absolutamente, antes, pelo contrário, me desperta grande interesse com estes episódios. Mais tarde eu lhe direi porquê. As suas impressões metafísicas são particularmente curiosas e eu lhes atribuo grande importância. Di- ga-me: leu, algum dia, obras ocultistas, espíritas, teosóficas?

— Absolutamente não.

— Nunca teve ocasião de conversar com adeptos de tais doutrinas?

— Jamais.

— Mas o seu sonho não parou nessa altura, certamente.

— E' verdade. Descrevi-lhe as ideias e senti

mentos que de mim se apossaram. A originalidade deles me surpreende e até agora indago qual possa ser a sua origem. A verdade é que experimentava grande prazer com aquelas ideias, ao mesmo tempo

que me sentia possuído de uma energia extraordinária. Sempre de joelhos, a perturbação se dissipava e experimentava tal sensação de leveza, que era como se fôsse um balão de oxigênio a flutuar. Sim! era como se estivesse em pleno éter, escapado do mundo material. A meio das minhas reflexões, percebi leve movimento da mão que retinha. Nesse momento, a forma que se havia condensado à minha vista, tinha para mim uma realidade mais positiva do que propriamente a do seu duplo material. Vi, então, que a sua mão se escapava de entre as minhas. Levantei-me e fitei a aparição que se erguera à minha frente. Era não outra que a mesma criatura ainda há pouco adormecida: os mesmos traços, a mesma esbelteza, apenas mais serena, porventura mais majestosa. Trajava um "peignoir", de musselina bordada. Abriu os olhos lentamente, sondou o ambiente como que admirada e acabou por fitar-me também. Que lindos olhos castanhos, velados de longos cílios! Mas, esses olhos logo tomaram expressão terrífica e ela projetou-se para o corpo adormecido e despertou com um grito. Eu também despertei no meu leito... Opresso batia-me o coração, zuniam-me os ouvidos, tive receio de desmaiar. Logo, porém, acalmei e verifiquei que eram duas horas da manhã. Tal fora a intensidade do sonho que não mais consegui adormecer. Tive de levantar-me para reencontrar no trabalho o repouso e a paz intelectual. Mas longo não me foi o sono do dia seguinte. Colocara o rosário ao peito, mas isso não me deu qualquer proveito. A sensação de suavidade que se produzira na véspera já não tinha a mesma pureza e dava-me como que uma impressão de temor. Depois dessa noite em claro, senti-me fatigado. No dia imediato, deitei-me cedo, tomei do rosário e adormeci quase instantaneamente. O sonho também não tardou. Não me deterei a descrevê-lo, pois foi em tudo a reprodução do anterior. Observei, contudo, que havia no quarto, acesa, uma lamparina. Ajoelhei-me à beira do leito. A jovem tinha as mãos ocultas sob as cobertas, mas não me foi difícil atravessar essas cobertas e tomar-lhe a mão esquerda.

Renovaram-se as mesmas cenas: ela tomou aspecto cadavérico enquanto o seu fantasma se condensava a meu lado. Experimentei as mesmas impressões, ideias e sensações. Ainda dessa feita, abrindo os olhos, o fantasma precipitou-se para o leito, mergulhou no corpo para despertar num grito. Também despertei, mas, menos bruscamente que na véspera. A sensação foi menos penosa, posto que me sentisse algo fatigado. E consegui readormecer para o resto da noite, sem outro qualquer acidente. Chegamos, agora, à quarta noite, que me trouxe novos imprevistos. Escusado dizer que adormeci nas condições habituais. Aparentemente despertado no quarto da jovem, notei que ela ali não estava e algo de indefinível me arrastou à parede e me levou a franquear o cômodo contíguo, aliás, sem maior dificuldade no atravessá-la, pois que essa parede não passava, a meus olhos, de material aparência, a exemplo desses raios solares que penetram num ambiente, iluminando a poeira nele contida. Esse outro quarto era assaz espaçoso e lá estavam dois leitos. Mobilado no estilo "Império", tapeçarias e estofos pareceram-me da cor de marfim. No fundo assim monocromo, desenhavam-se coroas de louro verde-pálido.

Sobre o fogão, grande relógio de mármore branco formava o pedestal de uma estátua de bronze dourado, representando Napoleão I a cavalo. Dou-lhe estes pormenores para que faça uma ideia da nitidez das minhas percepções. A minha beldade lá estava no leito à direita. O da esquerda era ocupada por tuna senhora idosa. Ambos os leitos, emparelhados, assentavam no mesmo estrado. Como índice de maior precisão direi, também, que tais leitos eram de acaju, com guarnições de bronze cinzelado. Na almofada da cabeceira, acima dos travesseiros da moça, divisei um medalhão de cobre dourado, representando o "Carro da Aurora". Como ia dizendo, fui para ali atraído por uma força irresistível. Tomei a mão da jovem e as coisas se seguiram pela forma já descrita, isto é: — formou-se a aparição, abriu os olhos, para desvanecer-se mergulhando no corpo e acordando em grito. Cheguei ainda a perceber que a senhora idosa também acordava, mas, logo se me apagou a visão, foi-se-me o sonho. Entretanto, ao levantar-me, já não senti, desta vez, qualquer fadiga. A quinta noite me foi pouco agradável. Nesse dia tive de jantar com um amigo que se despedia da vida de solteiro. Bebeu-se e conversou-se até às 2 horas da madrugada e, deitando-me assim tarde, nada

sonhei.

A sexta noite começou como a quarta. Vi-me

O ROSÁRIO DE CORAL

no aposento "Império" com a moça e a senhora, a ocuparem os mesmos leitos.

Calo os detalhes que o amigo já conhece, limitando-me a dizer que tinha o projeto de não me acordar, se a jovem desse mostras de terror. Realizei o intento: o fantasma formou-se, aliás com maior presteza... Em dez minutos, se tanto, estava constituído.

Abriu os olhos e precipitou-se, a jovem acordou gritando...

Contudo, não me perturbei e fiquei no quarto. Vi a bela desconhecida assentar-se na cama e levar as mãos ao coração, ofegante. A outra também se levantou e ouvi-lhe dizer, com voz que parecia longínqua, mas nítida:

— Que tens, minha filha?

— Aquele homem... tomei a vê-lo!

— Mas, tudo isso não passa de um pesadelo; é a impressão forte que te faz esse salteador nocturno. Duvidas ainda? Pois levanta-te e verifica por ti mesmo as portas e janelas.

— Não, mamãe; não... Tenho medo.

Então, a senhora, tocando a campainha, gritou:

Maria! Maria!

E logo de um gabinete próximo assomou robusta rapariga, envolta num roupão de lã e num chale.

— Pronto, senhora, que deseja?

— A menina Lúcia acaba de ter o mesmo pesadelo, um homem moreno, de barbas pretas... Veja debaixo das camas, atrás das cortinas, verifique as fechaduras, faça, enfim, tuna pesquisa em regra.

A criada — que eu sabia agora chamar-se Maria — entregou-se a minuciosa devassa e assim me atravessou três ou quatro vezes sem dar pela minha presença, que ninguém, de resto, poderia suspeitar!

Por mim, contentava-me a contemplar Lúcia, enquanto me procuravam. Ela estava encolhida, na cama, semblante apavorado e cobertas repuxadas até o queixo. Aproximei-me e pude melhor extasiar-me nos seus grandes olhos castanhos.

— Vês? — disse a senhora depois que a criada deu conta negativa das buscas — os teus terrores são absolutamente imaginários; acalma-te e vamos dormir.

A moça nada replicou e a mãe apagou a lâmpada. Eu continuava a tudo enxergar do mesmo modo, a extinção da luz em nada modificava a minha percepção. Habitua-me, talvez, a ver na escuridade, posto que tudo me parecesse banhado de uma luz pálida, qual a de um raio de luar... Lúcia! — que nome encantador! — resolveu acomodar-se, virando e revirando no leito. Estava acordada, evidentemente. Tentei afastar-me, não consegui; ensaiei alguns movimentos e os únicos possíveis eram os que me impeliam a agarrar a mão esquerda de Lúcia, que ela conservava espalmada sobre os olhos. Nessa atitude, imóvel, esperei algum tempo e logo percebi que ela se acalmava, até que adormeceu. Veio-me, então, a ideia de lhe sussurrar ao ouvido que não mais se apavorasse por ver-me . no seu quarto. Extasiava-me a fitá-la calmamente adormecida, quando me senti arrastado por' uma espécie de corda elástica! Em vão tentei resistir a essa força e logo acordei no meu quarto. Dessa feita, nenhum mal-estar. Ontem estive muito atarefado todo o dia, pois tive de redigir um laudo sobre assunto de alta monta. Discuti longamente com dois colegas de perícia, e, sendo o mais moço dos três, coube-me a estafante tarefa de relator. Estive escrevendo até às três da manhã, deitei-me fatigadíssimo, nada sonhei.

— Aí tem, caro doutor, a súmula das aventuras desta semana.

Agradei-lhe, e, como não tinha recomendação a fazer, emprazámos nova entrevista para dali a

oito dias, na hora do almoço.

A química prescreve exatidão. Ao bater das doze, oito dias após, Leyre fazia-se anunciar e dava-me provas de excelente apetite.

Uma vez a sós, tomou a palavra e disse:

— A narrativa de hoje é ainda mais inverossímil do que as precedentes, mas, antes de começá-la, quero alguns esclarecimentos.

— Vá dizendo.

— O senhor acredita possível que uma criatura humana esteja em dois lugares ao mesmo tempo?

— E* duvidoso... Não obstante, lembro que a vida dos santos é fértil nessas histórias de bilocação, que os escritores místicos denominam dom de ubiquidade. Haja vista as biografias de Afonso de Liguore e Francisco Xavier. Mas tudo isso não passará, provavelmente, de simples legenda.

— E não há outros casos fora da Patologia?

— Sobre outros casos ocorrentes não quisera eu cientificá-lo, por se tratar de literatura especializada, e no intuito mesmo de não influenciar involuntariamente o desdobro da sua aventura. Terminada ela, dar-lhe-ei a conhecer quanto sei da matéria. Se algum conselho posso dar-lhe agora, é que deixe correr as coisas naturalmente, porque os fenômenos serão tanto mais significativos quanto menos puder neles influir a sua imaginação, que poderia alterá-los.

— Compreendo a sua intenção, mas o fato é que estou muito intrigado com o que me vai sucedendo. Ouça-me e diga depois se é possível que tudo isso não passe de sonho. Quinta-feira última deitei-me cedo. Na véspera, vigilara até tarde, e assim, ao jantar daquele dia, já cabeceava de sono. Reatei logo o sonho, no quarto da moça.

Omitirei minúcias que o senhor conhece, para dizer que o fantasma se formou em poucos minutos, e, quando assim o lobriguei, levantei-me e fui assentar-me na outra extremidade do quarto. Ele, o fantasma, abriu os olhos e percebeu-me. Por minha vez, notei que não estava assustado e pude dizer-lhe: — “nada tema, nenhum mal lhe quero”,... Respondeu:

— Que faz o senhor aqui? A voz não era já aquela voz longínqua das personagens do sonho precedente, mas de um timbre claro e vivo.

Algo intimidada, a sua atitude era bem a de uma donzela surpreendida a desoras com a presença de um homem no seu quarto. Tratei logo de acalmar a estranha interlocutora, vindo-me à mente o intuito de lhe despertar curiosidade. Ouvira dizer, algures, que é esse o melhor meio de nos fazermos ouvidos de uma mulher... Imóvel na minha cadeira, disse-lhe: — vou contar-lhe, senhorita, a mais estranha história de quantas histórias inverossímeis tenha ouvido falar, pois a verdade é que, neste momento, eu, que aqui estou, permaneço adormecido em meu leito, lá em Bordéus, bulevarde Cauderan, 532! Sim, positivamente, mas, como isso ocorre é o que não sei. . .

— Para que o senhor avalie o meu estado de ânimo, meu caro doutor, preciso é que lhe recorde o que já 'externei a respeito do curioso sentimento afetivo, do amor todo espiritual que eu sentia por aquela figura ali condensada diante de mim. Desejava ardentemente conversar com ela, discretar ao acaso, ihas de modo a não intimidá-la nem aborre- cê-la. Minhas palavras não na impressionaram, ela mantinha-se imóvel, como que algo agastada, num. inquietante silêncio. De repente, tive uma ideia que traduzi quase automaticamente e disse: — a senhorita também está como eu, no mesmo estado. .. Não se assuste, portanto; pois não é certo que me está ouvindo? Nada há que temer; nós fomos em sonho atraídos um para o outro, ou, antes, foi a sua alma que atraiu a minha, enquanto meu corpo, abandonado, lá repousa, longe, como se fora um cadáver. Não é de hoje que aqui venho ao seu quarto; apenas, agora, isto é, nestas quatro últimas visitas é que percebeu minha presença, porque também só agora conseguiu atingir o estado em qu^o me encontro. E' um estado insólito, este, que nem todos alcançam. Agradecemos a Deus o nos haver concedido esta faculdade preciosa. Para demonstrar de pronto a realidade do que digo, repare um minuto ali na sua cama, veja o seu corpo repousado nela e não se apavore daquele semblante lívido, daquela atitude cadavérica, que são efeitos peculiares ao

afastamento ou exteriorização da alma.

Ela voltou-se para o leito e deu um grito. Depois, debruçou-se sobre o a que chamarei seu corpo, para simplificar a linguagem. Vou mostrar- -lhe, agora, que ambos estamos na condição de espíritos, revestidos de um invólucro quase imaterial. Consinta que me aproxime, que lhe tome a mão.. • Levantou-se em sinal de aquiescência. Aproximei-me, tomei-lhe a mão e a corrente elétrica, a que já aludi, manifestou-se logo. Creio que ela por sua vez teria experimentado a mesma sensação, visto que, num movimento brusco, retirou a mão, para entregá-la logo depois.

— Podemos — disse-lhe — atravessar todos os obstáculos materiais... Quer passar-se comigo ao aposento contíguo?

— Quero...

— Tenha a bondade de seguir-me e convença-se de que as coisas materiais não têm para nós realidade tangível e sim, apenas, as propriedades que a sua imaginação lhes queira atribuir. Veja: vamos caminhar à altura de um metro do assoalho. Tanto que o disse, nossos vultos se elevaram e se projetaram contra a parede, atravessando-a para o quarto vizinho, no qual dormia a senhora já conhecida, e, noutro leito, recostado, um homem dos seus sessenta anos. Esse homem, apesar da hora avançada, lia um jornal, que era, por sinal, a *IÁbre Parole*. Atentei naquela figura que ainda não tinha visto. Pareceu-me o tipo de magistrado do antigo regime, com o bigode e mento raspados, suíças bastas e olhar severo. Não podia deixar de ser um obstinado, um impulsivo. A comissura dos lábios, a curva frontal, a quadratura do mento, tudo, enfim, indicava nele o caráter pirrônico...

— Meu pai e minha mãe... — disse a "Forma".

— Não podem vê-la nem ouvi-la. Se quiser certificar-se, procure despertar a sua mãe ou chamar a atenção de seu pai.

— Ela inclinou-se para o velho, abraçou-o, to- cou-lhe na testa: nada! Depois, chamou — papai, papai... não me ouves, não me vêes? Tentou sacudir-lhe os braços e as mãos atravessaram por eles, qual se fôssem tênue vapor.

— Mas é incrível, acabou exclamando e vol- tando-se para mim. Explique-me: como se pode dar isto?

— Mas, creia, eu sei tanto quanto a senhora.

— Estou muito impressionada com tudo isto e não posso aqui permanecer, neste quarto, invisível a meus pais, qual me sinto. Tenho medo, voltemos ao meu aposento.

Tomou-me da mão instintivamente e fi-la atravessar a parede por entre as chaminés a ela coladas, para que visse que não sentia o calor do fogo. Chegados ao seu quarto, assentámo-nos face a face.

— Mas... que coisa extraordinária — disse, ao examinar-se, depois de contemplar o corpo em repouso. Provavelmente, estou sonhando...

—• Tal como eu próprio, repliquei. Senti que de mim se apoderava uma espécie de fraqueza, que algo me atraía para fora do quarto, e mal pude dizer: *é preciso partir, voltwrei amanhã, não tenha medo...*

— Não terei medo, venha.

— Adeus... até logo...

— Até amanhã. E acordei no meu quarto. Agora, confesso-lhe: o extraordinário vigor destes meus sonhos tomam as minhas noites infinitamente mais agradáveis do que os dias. Tenho a impressão de que a hora de dormir tarda, e chego a deitar-me ridiculamente cedo.

No dia imediato, ao reatar a série dos sonhos, chegando junto de Lúcia, já a encontrei quase inteiramente condensada, para, ao fim de quatro ou cinco minutos, abrir os olhos, dizendo:

— Como? pois já aí está?

— Acabo de chegar, justamente quando a senhora começava a condensar-se...

— E viu como me condensei?

— Vi.

— Então, como foi?

Tive de contar-lhe minuciosamente o que vira, enquanto, admirada, ela me entrecortava a palavra com exclamações.

Quando terminei, tomou a palavra e disse:

— Desejaria também presenciar semelhante coisa.

— Talvez pudesse vê-la em mim, se é que me condensa do mesmo modo.

— Mas deve ser curiosíssimo...

— Se deve! Entretanto, como nada conheço ainda deste extraordinário plano em que nos encontramos, talvez seja melhor esperar uma familiaridade maior com ele, antes de arriscar qualquer experiência.

— Pensa?

— Certamente.

Fitámo-nos, silenciosos, como se mutuamente nos estudássemos. Aquela "Forma" era, qual lhe tenho dito, a contra-partida exata da jovem adormecida, apenas mais alta três ou quatro centímetros. Quanto ao tipo, também já lho descrevi e não preciso esboçar novo retrato. Direi, apenas, que possuí dois olhos castanhos, luminosamente claros, atitudes nobres a revelarem inteligência e bondade, e que, quanto mais a vejo, mais a ela me escravizo. Todos os requisitos por mim idealizados, encontrei-os nela reunidos. Em suma: estou apaixonadamente enamorado, conquanto reconheça a absurdidade desta paixão, de vez que ela objetiva uma quimera, nada possuindo de concreto, de real, a desdobrar-se em planos abstratos. Já outro dia tentei traduzir-lhe as minhas emoções diante dessa ilusão. Foi ela, ainda, quem reatou a conversa:

— Como lhe ocorreu a ideia de vir ao meu encontro ?

—j Sei lá...

— De quando data a sua primeira visita?

— Foi a 28 de Novembro último que comecei a aproximar-me destes sítios, primeiro até à cerca; transposta esta, após alguns dias, pude atingir a casa, e finalmente este quarto, onde, também por alguns dias, apenas me era dado contemplá-la adormecida.

E contei-lhe as circunstâncias em que a vira condensar-se, os temores que de início a empolgaram, o seu gradual adestramento.

— Agora, não mais me teme, não é? — terminei por dizer-lhe.

— Não — respondeu sorridente —, e acrescentou: mas, que estranha história a sua!

— Diga antes — *nossa*...

— Pois seja... *nossa*: mas uma coisa continua inexplicável para mim, ou seja o *porquê* desta atração para o meu quarto, para a minha pessoa...

Veio-me logo a intuição de que o *rosário de coral* não deveria ser estranho à nossa aventura. A insistência do senhor para que o cingisse ao deitar-me, a analogia das sensações que experimento ao contacto do mesmo, com as que me proporciona a jovem, durante o sonho, clarearam-me súbito o entendimento.

— Dar-se-á o caso — disse — que haja perdido um rosário de coral?

— Sim.

— E quando foi?

— Foi no dia 27 de Novembro em Arcachon, no cabo Ferret, ou na praia que se estende entre essas duas localidades.

— Bem desconfiava eu... Pois saiba que achei esse rosário no dia 28, isto é, no dia imediato ao em que o perdeu, sobre a areia, no cabo Ferret... E foi nessa mesma noite que comecei a sonhar...

— Mas que quer com isso dizer?

— Que desde 28 de Novembro comecei um sonho que se repete todas as noites, pois é em sonho que aqui venho visitá-la.

— Em sonho?! Tal como se dá comigo, portanto... Mas, que coisa surpreendente!

Tive, então de contar-lhe os sonhos que o senhor já conhece e pelos quais ela parecia interessar-se muitíssimo, formulando diversas perguntas concernentes ao parque, ao caminho, à choça da floresta.

— Era ai, nessa choça, que eu ia frequentemente rezar esse rosário. Entretanto, como explica o senhor que o achado desse rosário pudesse conduzi-lo até aqui?

— Penso que haja qualquer laço misterioso entre a sua pessoa e esse objeto longamente usado. Diga: sente qualquer impressão ao contacto da minha mão?

E estendi-lha.

— Sim, de fato, parece-me que um ténue e tépido vapor se me infiltra e espalha em todo o corpo, assim produzindo como picadas de alfinetes.

— Nada mais?

Retirou a mão, confusa...

— Sim, evidentemente, sinto mais alguma coisa...

— Mas, que é?

— Não poderia defini-la claramente — respondeu algo hesitante. E depois: — diga-me, antes, o que me quer revelar...

— Muito bem: quando tomo a sua mão, sinto igualmente esse vapor tépido, ou, antes, essa corrente elétrica que a senhora acusa; mas sinto, além disso, outra coisa, que vem a ser uma impressão suavíssima, uma espécie de euforia, acompanhada de um — como direi? — sentimento íntimo, particular, único. É a mesma sensação que me produz o contacto do rosário, sempre que o tomo. Parece-me que ele se encontra impregnado da mesma sutil essência, e, daí, o identificá-lo com a sua pessoa...

Ela pareceu refletir um instante, e disse:

— Estamos ambos a sonhar, então?

— Sem dúvida.

— E sonhamos o mesmo sonho?

— Isso agora, não sei. É impossível seja eu o único a sonhar e que a sua imagem, a sua voz, todas as particularidades deste meu sonho não passem de simples efeito imaginativo.

A "Forma" pôs-se a rir.

— E o senhor acredita que eu seja uma "ilusão"?

— Mas, porque haveria a senhora de pretender ser outra coisa? Cá por mim, digo que adormeci ontem à noite, qual o faço todas as noites, que tenho um sonho extraordinário, e... nada mais.

— Mas, eu? garanto-lhe que estou viva e bem viva, tanto que lhe acho suma graça em me considerar e tratar como ilusão, simples aparência!

Levantou-se, veio até onde me achava, apoiou as mãos nos meus ombros, com força. Aquele seu brusco movimento fêz que me abaixasse.

— Pensa que uma "ilusão" tenha esta força?

— Não, a menos que os meus movimentos e sensações sejam também um efeito do meu sonho.

Minha obstinação deveria tê-la impacientado, visto que me beliscou fortemente o braço e logo despertei em minha cama.

Batia-me, oprimido, o coração, a sentir aquela mesma angústia a que já me tenho referido. Consultei o relógio, eram 3 % da madrugada. Tomei a dormir, sem mais incidentes.

O senhor avalia quanto estes sonhos se tomam interessantes, e, quanto a mim, não lhe posso dizer até que ponto eles me parecem reais. Essa impressão de realidade é de tal ordem que chego a perguntar a mim mesmo se a alma, espírito, ou que quer que seja do meu ego não se transporta alhures, a qualquer casa de verdade, para junto de uma criatura realmente viva. Daí, a minha preliminar pergunta, que, aliás, não lhe aprouve responder de modo preciso.

A noite seguinte veio simplesmente confirmar as minhas conjeturas. Logo que o sonho começou, estava eu no quarto da "Forma", e ela, já desprendida e assentada numa cadeira, tinha o ar de quem já me esperava. Acolheu-me com familiaridade, estendeu-me a mão e foi dizendo.

— Boa noite, "Ilusão"! Saiba que começo a compartilhar da sua forma de ver, convencida de que tudo isto é sonho e a sua visita não passa de surto imaginário.

— Não temos meio de nos certificarmos, seja como for.

— Confidenciei à mamãe os sonhos de ontem e anteontem e ela me averbou de maluca! Não obstante, surpreendeu-se quando lhe disse que papai estava a ler a *Libre Parole*, enquanto ela dormia. O papai, por sua vez, sabedor do caso, não ficou menos surpreso. Fiz-lhe ver que tinha procurado sacudi-lo pelo braço, a gritar-lhe alto, e ele me repetiu a frase da mamãe — que eu estava maluca, que estava sonhando... Assim, é claro que nada mais lhes contarei.

— Pois eu também tenho contado estes sonhos a um médico, que os acha muito interessantes.

Terei mentido? — disse, interrompendo a narrativa.

— Não, decerto; o senhor apenas disse a verdade; mas, continue...

— Ela então me perguntou o nome do médico e eu lho disse.

— O Dr. Hertault, aquele especialista de moléstias nervosas? Que lhe disse ele? Certo, achou que estaria enfermo, de vez que fora consultá-lo.

— Mas, sem dúvida, mesmo porque, a sensação de paralisia, que no começo se manifestava, era de molde a inquietar-me. Contudo, ele tranquilizou-me, abstendo-se de receitar e limitando-se a dar-me alguns conselhos.

— Que conselhos?

— Este, por exemplo, de compenetrar-me de que o portão não era' intransponível e que exercesse a volição para transpô-lo. Foi assim que atravessei estas portas e paredes, qual também o fêz a senhora na experiência de anteontem.

— E' exato: mas, afinal quem é o senhor? Há dias, já, que nos vemos e não sei a quem tenho a honra de receber...

Leyre queria suprimir da narrativa todos os pormenores concernentes à sua pessoa, e eu insisti para que o não fizesse. Recorreu aos seus apontamentos, mercê dos quais pude reconstituir a narrativa, que apenas alterei ligeiramente, e prosseguiu:

— Dar-lhe-ei, então, uma completa reprodução da nossa conversa, visto que assim o quer. Antes, porém, de resumir as minhas confidências, deixe-me assinalar o meu estado de espirito, que lhe explicará como pude render-me tão confiadamente.

Calou-se, e pôs-se a rir...

— Veja como me abandono à minha ilusão! E' que, já agora, não me posso persuadir de ter uma confidente imaginária e tenho a inconsciente convicção de ter aberto meu coração a uma donzela.

— Nada disso me surpreende, caro Leyre; um dia o senhor saberá o que eu sei e avaliará a importância que têm, para mim, as suas observações. Continue e não omita nenhum incidente, mínimo que seja.

— A "Forma" tinha solicitado referências da minha pessoa. Dei-lhas, mais ou menos nestes termos: "chamo-me Leyre, Antônio Leyre, tenho 28 anos, meu pai foi dono de uma das lavoufas mais opulentas do Medoc. Confiado na uberdade do solo, nele invertia todas as suas economias, seguindo, nesse passo, o exemplo de meu avô. Em nossa região, a principal cultura é a vinícula. A sorte que tão dadivosa se mostrara com a Gironda, durante 20 anos, justificou em 1880 a sua reputação de inconstância. O filoxera importado da América atacou os nossos vinhedos; o míldio, o black-rot, a conquílis, o endémis, conjugaram seus malefícios aos do cídium. A cultura foi-se tornando assim, dia a dia, mais onerosa, ao mesmo tempo que os preços caíam. Negociantes pouco escrupulosos vendiam vinhos do Sul, ou da Argélia, traçados de vinho espanhol, como se fôsem nossos. Aos grandes lucros de outrora sucederam lucros insuficientes, e, por fim, prejuízos insanáveis. A fortuna de meu pai

estava todá empregada em imóveis, e, quando o custeio anual das lavouras montava a mais de cem mil francos, as vendas, longe de atingirem essa. cifra, agravavam a situação. A princípio, meu pai supôs passageira a crise, não quis vender nenhuma das propriedades, preferindo contrair empréstimos. Em 1888, tendo eu 12 anos, as dívidas hipotecárias somavam uns quatrocentos mil francos. Por morte de meu avô, essas propriedades tinham sido avaliadas em mais de seiscentos mil francos, mas, agora, as terras estavam assaz depreciadas e não era possível levantar novos empréstimos. Tentou vender parte das terras, oferece-ram-lhe preços inaceitáveis. Durante cinco anos assisti a essa luta para conjurar a ruína do nosso patrimônio, em cuja defesa o pobre velho ensaiava todas as resistências. Foram anos de angústia que ainda me pesa lembrar. Depois, veio o sequestro inevitável, as terras em hasta pública, a preços insuficientes para liquidar todas as dívidas. Minha mãe teve de entregar aos credores a sua fortuna pessoal, e o resultado foi que meu pai pouco sobreviveu à catástrofe. Sucumbiu a uma angina pécto- ris, deixando-nos na mais completa miséria. Calara-me, emocionado com a evocação do passado doloroso. Nem me pudera forrar ao fazê-la, mesmo em sonho, de grandes angústias. Ao contar à "Forma" o período amarguroso da minha vida; ao recordar os desgostos de meu pai; as angústias dos seus últimos momentos, o desespero que se lhe estampara no semblante ao pressentir a hora extrema, não pude dominar-me e os olhos se me marejaram de lágrimas. Quis dissimular minha «□□noção. Não sei se esse estado único, que não é bem dor nem alegria, desenvolve em nós uma sensibilidade especial: devo, porém, dizer-lhe que nunca o sombrio crepúsculo da vida de meu pai causou-me tanta compunção. Não é que me pungisse a ideia dos meus próprios sofrimentos; e sim o sofrimento de meus pais era o que realmehte me compungia. Acabei sufocado, em soluços, sem poder prosseguir.

Desviei o rosto, por momentos, procurando recalcar as lágrimas, dominar aquela crise, sem o conseguir. Súbito, senti o contacto de duas mãos macias e quentes a enclayinharem-se nas minhas. Levantei a fronte e percebi, através do nevoeiro húmido que me embaciava os olhos, que a "Forma" se ajoelhara diante de mim! Depois, com infinita doçura, murmurou — *não chore...* Entretanto, também ela apresentava o rosto banhado em lágrimas. Mas, o olhar era tão afetuoso, tão dooe, tão compassivo, que senti meu coração grande demais dentro do peito. E pus-me a soluçar sem saber porquê, como se fizesse pelo só prazer de chorar. E quando acordei no meu leito, de fato chorava, como se fora uma criança. Na noite seguinte, lá estava no quarto azul, novamente. A "Forma" esperava-me, já condensada, enquanto o corpo repousava no leito, aquele mesmo corpo que de começo tanto me impressionara. Agora, pouco me preocupava com ele... Dirigi-me à "Forma" assentada ao canto do fogão e ela me apertou a mão de maneira que me perturbou. Aquele aperto de mão era nada e era... tudo! Só posso dizer que, se ele se prolongasse de mais um instante, bastaria para transmitir-me todo um mundo de impressões.

— Meu caro Leyre, o senhor ontem desapareceu inopinada e justamente no ponto mais interessante da sua biografia...

E, ao dizê-lo, parecia que um róseo dilúculo lhe banhava a fisionomia risonha.

— Pois saiba que estou ansiosa por conhecer o fim da sua história...

— Ela tornou-se banal, repliquei. Quando faleceu meu pai, acabava eu de concluir meu curso. Cedo compreendera a necessidade de trabalhar. Um amigo da família, professor da Faculdade de Ciências, procurou colocar-me junto dele e mostrou-se magnânimo, quão solícito, em ajudar-me. Assim foi que consegui modesta colocação em seu laboratório e pude prestar outros exames. Ganhando 150 francos mensais, já podia prover à subsistência de minha mãe. Que lhe posso dizer mais, a não ser que tenho trabalhado muito. Revi-lhe nos olhos aquele mesmo fluido de simpatia, de ternura, de bondade. Era um olhar que me confortava, e o manifesto interesse que tomava pelas minhas aventuras animou-me a prosseguir.

— Tenho podido viver, não sem tropeços, certamente, mas, enfim, viver. Consegui o diploma de licenciado em ciências e cheguei à chefia do laboratória do Dr. Durieux.

— Durieux? — aquele que dirige o laboratório de enologia?

— Esse mesmo... E, que mais lhe direi a não ser que tenho realizado alguns trabalhos que, graças ao mestre, não lograram maior reputação do que a realmente merecida. Ainda agora, por exemplo, acabo de fazer com êxito a minha prova de doutoramento, e talvez ainda venha a ser, de futuro, lente da Faculdade.

— E toda a sua ambição limita-se nisso?

— Pois então?

“A “Forma” tornou-se pensativa... Eu não ousava cortar-lhe o fio da meditação, contentando-me em contemplá-la. Seu traje era sempre o mesmo:

colo alvíssimo, a descoberto, e eu lhe percebia ao alto do seio, à esquerda, um sinal preto que parecia ali posto expressamente para mais evidenciar a brancura da epiderme. As mangas, largas, morriam nos cotovelos, deixando entrever os braços admiravelmente torneados, de pulsos redondos, e as mãozinhas mimosas, de afilados dedos. Dado me era ver, também, uns tornozelos muito delicados, uns pés finos, calçados de meia zula, em sandálias de cetim. Extasiavam-me, ainda, um corpo bombeado, quadris bem desenhados, um peito de linhas impecáveis, a arfar harmoniosamente. E se o corpo era encantador, que dizer do rosto? Imagine-se um semblante oval, nariz reto, narinas delicadas, boca pequenina de lábios graciosamente a florados, dentes magníficos, cabelos e olhos de um castanho raro! Oh! meu caro doutor, asseguro-lhe que nunca, jamais, vi olhos assim tão límpidos, tão meigos, tão profundos... Creio que nunca me fartaria de os fitar, de viver neles absorvido...

Não pude deixar de sorrir ante o entusiasmo do jovem químico. Ele percebeu, e disse :

— Devo parecer-lhe bem estúpido, não?

— Absolutamente, meu caro amigo.

— Mas, como não? Eu mesmo assim me julgo, pois o fato é que ainda posso raciocinar para concluir de mim para comigo que tudo não passa de um sonho, muito embora também não possa deixar de entemecer-me sempre que penso no “meu” fantasma. Mas... perdoe, só agora reparo que venho tomando três horas do seu precioso tempo!

— Não. Só tenho trabalho às quatro, e, dado que também lhe sobre tempo, pode continuar a narrativa interrompida quando, prestes a terminar sua biografia, ficou absorto na contemplação da criatura dos seus sonhos.

— Bem: depois de longo silêncio, a interlocutora pediu-me informações do meu viver atual, das minhas ocupações diárias, dos trabalhos em mão.

Meus hábitos são simples: — repliquei. — Entro no laboratório às 8 da manhã, fiscalizo os estudantes, leciono a alguns deles. Ao meio dia vou almoçar com minha mãe, cuja saúde é sempre precária. Em que pese à sua coragem, a pobrezinha nunca pôde dominar o desgosto que lhe acarretou a morte de meu pai. Também sinto que a transformação da nossa vida não deixa de concorrer para seu acabrunhamento. Às 14 horas, mais ou menos, retomo o caminho da Faculdade e de lá só me retiro à tarde, para jantar. Findo este, converso com a velha ou lhe leio qualquer coisa até às 22 horas, quando ela se recolhe e vou trabalhar até meia noite...

— E nas férias? > ^

— Não as gozei jamais, desde a morte de meu pai.

Vejo que é um bom filho e Deus hà-de abençoar o seu esforço, a sua piedade filial. Diga-me, agora, do seus trabalhos técnicos, das pesquisas que está realizando...

— Com isso só posso enfastiá-la — respondi melancólico. — Que interesse lhe podem despertar as minhas experimentações químicas?

— Não pense desse modo, supondo-me uma ignorante, pois também tenho o meu diploma de humanidades e conheço um tantinho de química. Qual o trabalho de sua preferência?

— Estou perquirindo um processo prático, destinado a eliminar do vinho o ácido sulfuroso, ou, pelo menos, o seu excesso. Sabe que grande parte desse ácido provém principalmente da lotação e

exposição do barrilante, que se transforma em ácido sulfuroso e em sulfatos. Pois eu quisera encontrar uma substância capaz de substituir o ácido sulfuroso.

— E acredita consegui-lo?

— Pelo menos espero, mercê de auspiciosas experiências; e, se o conseguir, será a felicidade de minha mãe.

— Desejo que assim seja — disse ela em tom da maior gravidade.

A conversa tomou logo uma feição mais íntima; falámos daquela singular vida noturna, do prazer daquela nossa intimidade dentro da noite silenciosa. Minha impressão era a de que a "Forma" experimentava a mesma alegria ao avistar-me.

Quisera perguntar-lhe o nome, mas não ousava interrogá-la, temendo que a indiscrição pudesse quebrar o encanto daquela frágil ventura.

— Que pena não passar tudo isto de um sonho. .. Que pena não ser eu uma criatura real... — aventurei num suspiro.

Ela cruzou as pernas graciosamente, juntou as mãos atrás da nuca e explodiu às gargalhadas!

— De que lastimar-se, ó laborioso fantasma? Que poderia fazer eu para convencê-lo da minha realidade?

Levantou-se, dirigiu-se para a secretária, sobre a qual estavam algumas folhas de papel.

Tentei segui-la, mas fui como que retido por um peso insuportável, e, quando dei acordo de mim, estava no meu leito. Era dia claro e minha mãe ali estava junto de mim.

— Filho, como acordaste tarde... Estás doente?

Tranquilei-a e mal tive tempo de me vestir e chegar à Faculdade. Uma tarefa lá me aguardava. O Dr. Durieux havia por bem incumbir-me de importante trabalho, que deveria ser bem pago, mas precisava ficar pronto dentro de 48 horas. Destarte, tive de passar no laboratório as noites de segunda e terça-feira, alimentando-me de café, pois de outro modo não terminaria o longo exame, aliás, com feliz resultado.

Ontem, fui deitar-me às 5 horas da tarde, após frugalíssimo jantar. Tresnoitado, adormeci pesadamente e logo me encontrei no quarto azul.

Ninguém! Percorri toda a casa, descí e subi escadas, esquadrinhei salas e corredores, e apenas ouvia um leve rumor lá para os lados da cozinha.

Voltei ao quarto, assentei-me na poltrona que me servira anteriormente e pus-me a refletir na singularidade dos meus sonhos. O resultado foi aumentar-se-me a inquietação...

— Diga-me: quais as suas reflexões?

— Ei-las: assentei-me como que saturado de uma espécie de calor muito suave, que parecia penetrar todo o organismo. Experimentava, ao mesmo tempo, aquela sensação de calma e bem-estar que a vizinhança da "Forma" costuma suscitar, posto que menos intensa do que a produzida pelo contacto do rosário. Não se pode idealizar maior lucidez de ideias, memória mais sutil, maior euforia anímica. Então, comecei por analisar-me a mim mesmo, do ponto de vista mental, a principiar pela memória. Recitei, correntemente, os versos do XI cântico da Odisseia, dos bons tempos das aulas de retórica... Impressionou-me a analogia que descobri entre aquele meu estado e o das sombras descritas por Homero. A mim mesmo repetia as palavras trocadas entre Ulisses e sua mãe, quando ele tenta abraçá-la e ela se escapa, qual sombra ou sonho, e ele diz que *essa é a condição dos mortos quando a sua força não tem mais carne nem ossos, consumidos no fogo das exéquias, desde que a alma abandonou o arcabouço para adejar corno em sonho.*

Esta ideia me prendeu a atenção por longo tempo, jamais encontrara tanta verdade e contentamento nos versos do remoto poeta grego. Depois, continuei o exame de consciência, procurando recordar as fórmulas químicas mais complicadas, e elas me vinham espontaneamente à memória. Por fim, depois de me haver *identificado*, quis analisar a própria situação. Qual o estado em que verdadeiramente me encontrava? Aparentemente, é claro, no meu estado mental comum; apenas, afigurando-

do-se-me haver perdido o corpo material. Deixei provisoriamente de lado este aspecto da questão, reservando-me para encará-lo e analisá-lo mais tarde. A meu ver encontrava-me, assim, na plena posse das minhas faculdades. A partir de 28 de Novembro,, vivia num mundo fantástico... e seria esse mundo uma criação da minha fantasia? Em primeiro lugar tive que confessar que nenhum meio se me ofereceu para assegurar a certeza dos meus raciocínios. Se tudo não passava de aparências, a minha lógica também poderia estar em o número delas. Podia *imaginar* que estava a repetir versos de Homero e que desenvolvia fórmulas químicas verdadeiras; podia, na verdade, sonhar tudo isso e contentar-me mais ou menos com uma simples verbiagem, uma parlenda sem outro valor que o de uma quimera. Esta conclusão não me desanimou, todavia; pois se de fato aquilo era um sonho, nem por isso deixava de ser bem extraordinário. Quase todas as noites vinha, ali assim, ao mesmo sítio; chegara a conhecer aquele quarto azul melhor que ao meu próprio quarto. Eram detalhes impressionantes. Lera, sem ousar dizer-lho, todos os livros que pude adquirir, concernentes ao assunto. Conhecia os caracteres principais que distinguem o sonho, a saber: o enfraquecimento da atenção, da volição, do julgamento, da abstração, da objetivação das imagens mentais, ilogismos dos laços de associação que se contratam entre si, recalçamento da consciência pessoal...

Recapitulei, sucessivamente, a análise desses sintomas; vi que minha atenção podia fixar-se à vontade em qualquer assunto. Aquele mesmo trabalho analítico que acabava de realizar, constituía uma prova. Minha volição não sofrera qualquer alteração, o discernimento mantinha-se íntegro. Poderia exercer as faculdades de abstração? Pus-me a formular demonstrações geométricas e refiz, mentalmente, a demonstração de todos os casos de igualdade dos triângulos. Não lhes encontrei a menor dificuldade. A seguir, pensei em diversas coisas: num cavalo, num cão, num gato, cujas imagens permaneceram subjetivas, sem que me fôsse dado perceber qualquer dos animaia evocados. Tentei ver um hipogrifo, combinar associações das mais bizarras imagens; o ilogismo tornava-se evidente, de vez que percebia e sentia, lucidamente, as atividades da minha consciência pessoal. Aquele meu estado não tinha, portanto, as características do sonho... Sim! repetia a mim mesmo, tudo isto não é sonho, mas, sem embargo, todos os meus raciocínios podem ser falsos, ilusórias todas estas contra-provas, sem que disso me precate. Levantei-me, apalpei-me, senti perfeitamente a pressão dos meus braços; cofiei os bigodes e percebi a sensação consecutiva desse ato. Claro, portanto, que a sensibilidade era mantida, à proporção que me tocava a mim mesmo. Sabia que a mesma coisa se dava com a "Forma". Ela sempre se me afigurava material. Lembrei-me do episódio delicioso durante o qual experimentara o reflexo da sua bondade, ao sentir suas mãos entre as minhas. Outro tanto não se dava com os objetos inanimados, que se me tornavam perceptíveis pela forma e pela cor, ao demais, imponderáveis. Esta circunstância pareceu-me decisiva. Estou muito afeito a considerar a matéria como impenetrável e resistente, para não aceitar como ilusão tudo o que se opõe a esse conceito. O resultado de minhas reflexões foi, repito, concluir que era joguete de um sonho assaz extraordinário. Contudo, longe estava de me dar por satisfeito e, bem a meu pesar, ainda duvidava. E levantando-me da cadeira, disse — pois vamos até ao fim; vamos atravessar a parede ao nível da chaminé, ou seja no meio de fogo, porque, raciocinava, se de fato não estivera sendo vítima de uma ilusão, não poderia impunemente realizar aquela façanha. Abaixei-me, meti a mão no braseiro e apenas recolhi levíssima quentura.

Sonho! mero sonho! Ilusão! — exclamei decepcionado, porque, nesse caso, aquela *Visão* encantadora também não passava de mentirosa quimera. Fixei o relógio e dei um grito involuntário ao deparar com uma folha de papel de carta, deixada sobre uma coluna. Era um belo papel azul-cinzento com as iniciais L. F. entrelaçadas e gravadas a ouro fosco. Calcule o espanto com que li estas linhas:

"Ontem e anteontem esperei pela "Ilusão". Hoje vou jantar em casa de uns vizinhos e só voltarei lá pelas 23 horas. — Lúcia."

Aquele bilhete veio persuadir-me da irrealidade das minhas sensações. Ele era tão aparente, que não permitia fôsse eu tão distraído que o não visse desde logo. Ao demais, correspondia tanto aos

meus desejos íntimos, que me não ensejava pensar outro fôsse, que não eu mesmo, o seu fator. Eis aí evidente a *mise en scène* do sonho... — dizia.

Lastimei a ausência da "Forma" e foi bastante para engendrar automaticamente essa ausência e preparar o seu reaparecimento. Pouco depois ouvi um surdo rumor, que foi aumentando até que o traduzi na parada de uma viatura diante do portão. Vozes... Depois, um como abrir e fechar de portas, roçar de saias, passos ligeiros e logo a linda criatura a entrar pelo quarto. Divagou o olhar em torno, encaminhou-se para a chaminé, tomou o papel e lançou-o ao fogo. Assentou-se na cadeira em que eu me achava e tive a impressão de ser por ela atravessado, posto que não deixasse de experimentar uma leve resistência.

Ela não parecia apercebida da minha presença. A criada ajudou-a despir-se e retirou-se. Ei-la inteirinha defronte de mim! A camisola curta deixava entrever-lhe as pernas elegantes, as espáduas rijas, a leitosa turgescência da garganta. Vestiu o *P&G- noir*, encaminhou-se ao gabinete, aonde não me atrevi acompanhá-la. Quando voltou, deitou-se depois de breve oração. Acerquei-me, então, do leito e vi que estava deitada do lado direito, tendo a cabeça apoiada ao braço e a mão esquerda pendente da cama. Posso garantir que o senhor jamais contemplou um quadro tão gracioso. Os cabelos, presos por uma fita azul, caíam-lhe da nuca em onda espessa, enquanto os olhos pensativos indiciavam querer esquadrinhar o ambiente!

— Já estará aqui o Sr. Leyre? — pareceu-me ouvir em surdina.

— Sim, sim, aqui estou a seu lado...

Ajoelhei-me, colei os lábios na mãozinha pendente. .. Não se deu por achada, não me via, não me ouvia, não podia sentir meus lábios.

Ocorreu-me, então, o que já fizera: impus-lhe a mão na testa, adormeceu e logo surgiu o fantasma, rápido, a emergir de um vapor azulado, que lhe aflorava do estômago. Três minutos, se tantos, e a "Forma" estava integrada como se fôsse viva. Deixei-me ficar de joelhos...

— Que fez o senhor?

— Tentei apenas facilitar a sua condensação.

— Por onde andou ontem e anteontem? Saiba, que o esperei toda a noite...

— Tive de fazer uma análise química, muito urgente e muito complexa, que me tomou dois dias e duas noites.

— Então, há 68 horas que não dorme?

— Estou dormindo agora...

— Sempre a mesma cisma! Pois eu quisera me explicasse, neste caso, como é possível esteja eu a ver meu corpo adormecido, ao mesmo tempo que me sinto desperta e consciente, a seu lado.

— Nada mais simples; sonho que a vejo e sinto que lhe falo, que percebo o seu corpo e todo este encadeamento de sensações não passa de um efeito imaginativo. Deu de ombros...

— O senhor não encontrou nada ali na chaminé?

— Sim. Um bilhete no qual me dizia haver esperado duas noites e participava que saía para regressar às 23 horas. Assinava-se Lúcia...

— E' como me chamo.

— Bem sei, pois certa noite ouvi que a senhora sua mãe assim lhe chamava.

— Então falemos a sério: como pode o senhor acreditar seja tudo isto um sonho, quando pôde ler o recado que lhe deixei? Quanto a mim, estou perfeitamente convicta de haver escrito esse bilhete. E o senhor tanto o leu que mo repetiu... Ai temos uma demonstração irrefutável.

— Mas, por Deus que não. Uma vez que a senhora sonha, é muito natural que eu saiba o que a senhora sabe, visto que, na minha hipótese, a senhora não passa de uma criação da minha imaginação.

— O senhor é impagável, disse a rir, abertamente; classifica-se a si mesmo no número das ilusões e dos fantasmas! E', indubitavelmente, uma grande vitória da lógica.

— Disparei a rir, por minha vez.

— Assente-se, pois, "Ilusão", e queira contar-me como correram os seus trabalhos químicos. Que urgência foi essa que lhe embargou a visita?

— Sentiu a minha ausência?

— Como não? se começo a habituar-me com estas visitas... Entretanto, conte-me o que de tão grave lhe tomou o tempo e o sono.

Hesitava, caro doutor, em confiar à "Forma" o segredo da análise que se me impusera com tanta urgência. Tratava-se de vultosos interesses em jogo, e qualquer indiscrição poderia acarretar graves consequências. Todavia, aquela hesitação se me afigurava ridícula, de vez que a "Forma" era simples produto da minha imaginação.

Revelar-lhe o meu segredo seria, portanto, re-velá-lo a mim mesmo. E, não obstante, usei para com a "Forma" de uma linguagem que me pareceu extraordinária, quanto involuntária.

— A senhora pede-me um segredo: ora, para revelá-lo, fora preciso estivesse convicto de ter na sua pessoa uma amiga criteriosa, devotada, fidelíssima, pois se trata, nada mais, nada menos, que de minha honorabilidade profissional. Estas palavras, eu as pronunciava em tom grave, sem lhes medir alcance e sentido, acabando por me surpreender com essa expressão de pensamentos, que, em consequência, não tivera voluntariamente. O efeito não foi menos surpreendente.

— Pois eu serei essa amiga, disse, assumindo uma atitude grave.

— Sabe a senhora até onde pode levar esse compromisso? Estará mesmo disposta a assumir o papel de amiga e confidente de todas as minhas esperanças e desalentos? A vida não me tem sido fácil, a fortuna não me sorriu à juventude e, se é verdade que me lisonjeou na infância, foi apenas para tornar mais amarga a sua perda. Terei de repartir, com a senhora, mais cuidados e pesares do que alegrias, e não é mesmo a felicidade o que lhe posso ofertar em comunhão. Ela refletiu um momento e disse, estendendo-me a mão:

— Aceito.

Apoderei-me daquela mão, concheguei-a ao coração; depois, nossos olhares se cruzaram... Eu estava profundamente comovido, tinha uma como intuição de que aquelas palavras eram proféticas e haveriam de ter decisiva influência no meu futuro. O olhar da "Forma" revelava-se de uma profundez única, ainda por mim não entrevista.

De mãos entrelaçadas, disse-lhe, então, da natureza e da finalidade daquela análise difícil, concernente a um produto industrial de alta importância, obtido por novos processos que viriam facultar a fabricação a preços baixos. A sociedade interessada na compra do segredo não queria decidi-la antes de obter a identidade dos produtos tratados pelos novos processos. O prazo que concederam era de três dias, visto que o inventor tinha outra proposta de poderosa companhia alemã. O Dr. Durieux fora solicitado e excusara-se, atento à exiguidade de tempo, fazendo o favor de inculcar-me como o único químico da região capaz de remontar a dificuldade num verdadeiro *tour de force*. Fi-lo, é fato, mas, ainda assim, graças a uma insignificante descoberta minha, que pennite realizar, em 48 horas, algumas operações que demandam comumente alguns dias. O Conselho Administrativo me remunerou generosamente esse trabalho. Fomeci-lhe dados muito preciosos e exatos, tais como o de que minha análise permitira compreender o novo processo de fabricação, descoberta impossível, aliás, fora dos métodos pessoais por mim imaginados. Assinalei de modo mui completo estes métodos em meu relatório, prevenindo a Administração de que a sua divulgação poderia facilitar a descoberta do meu processo. Ajuntei, finalmente, que, nesse caso, me absteria de o divulgar e limitava-me, para efeitos futuros, a enviá-lo, sob sigilo e chancela, à Academia de Ciências.

— Um belo ato de generosidade, disse a "Forma", ao mesmo tempo que me afagava a mão.

— Que quer? Eu não podia pensar, sequer, em trair a confiança dos meus constituintes, que vão inverter enormes capitais na compra de um processo que me não parece suscetível de ser patenteado. Ninguém, dé resto, poderá vulgarizá-lo, de qualquer forma. Se, contudo, eu der a conhecer os meus métodos de redução, qualquer químico b empregará na análise dos produtos da Sociedade e

descobrirá o seu processo de fabricação. Acredito mesmo que seja impossível evitar essa difícil descoberta, que isso venha a dar-se a todò o tempo, seja dentro de 6 meses ou de 10 anos.

A Sociedade não o ignora e sabe què precisa agir de molde a cobrir todos os seus empates com o lucro dos primeiros dois anos. Daí por diante, esses lucros serão avultados. Há pois, como vê, muito a ganhar, mas, de forma aleatória.

— E assim, minha cara "Ilusão", poderia ter ganho pingues proventos, se quisesse vender o segredo, ou mesmo ameaçar simplesmente fazê-lo...

— Diga-me: a sua pobreza não o tentou?

— Mas, por Deus que não.

— Estou satisfeita. E tomou a premir-me a mão...

— Agora, sabe quem sou, mas a senhora ainda não me demonstrou igual confiança... Já possuí todos os meus segredos, mesmo aqueles que eu não devia revelar e jamais o faria, se a não prezasse mais que a mim mesmo. Sem exigir outro tanto, não poderia, ao menos, saber com quem tenho a ventura de falar?

— Pois sou Lúcia Franchard, tenho 22 anos, meu pai é um velho juiz substituto do Tribunal do Sena, aposentado de muitos anos, quando os franco-maçõs começaram a governar o país. Vivemos aqui nesta herdade, costumamos passar um mês em Paris, um em Bordéus e outro nas praias ou em Luchon. De Setembro a Maio, raramente deixamos a vivenda de Balizac.

— Balizac, chama-se esta granja?

— Perfeitamente. Minha vida aqui é calma e até monótona. Tenho ainda na minha companhia a velha professora que dirigiu minha educação e a quem devo a vantagem de saber hoje o francês, o inglês, o alemão. Também com ela aprendi a pintar medio crememente em porcelana e marimbar um pouco de piano. E' a minha assídua companheira das melhores horas e eu procuro atingir o nível intelectual que a distingue.

— Trata-se, então, de uma mulher muito ilustrada?

— Instruída, não sòmente, mas bondosa, tanto que fiz dela a minha confidente.

— Já lhe contou estes nossos sonhos?

— Isso, não. Ela tem tendências para o misticismo e eu não quis referir-lhe episódios a que poderia ligar importância exagerada. Afora isso, já estava encarmentada com a atitude de meus pais.

— Contudo... se não estivesse sonhando — disse eu depois de breve silêncio. Mas, como certificarmos-nos? A senhora afirma que esta é a sua moradia de Balizac... não? Qual o seu endereço certo?

— Lúcia Franchard, Castelo de Balisac, comuna de Balizac, Gironda...

— Pois o meu é Antônio Leyre, Chefe do Laboratório da Faculdade de Ciências, Bordéus.

— Mas, que lhe importa os nossos endereços?

— E' que tenho cá em mente uma experiência e desejo saber se está disposta a me ajudar.

— Diga, antes, o que tenciona fazer.

— Simplesmente escrever-lhe, dizendo que encontrei um rosário de coral, que fica à sua disposição, caso o tenha realmente perdido. Se a senhora se lembrar deste nosso sonho habitual, responda pedindo a remessa do colar e acrescente quaisquer palavras evocativas desta confiança que ora fiz.

— Estamos entendidos.

Continuando a conversar, ela me pediu que lhe contasse todos os incidentes posteriores ao falecimento de meu pai, como que procurando pretextos para me testemunhar afeto e simpatia. E o grande caso é que eu ainda lá estaria junto dela, se me não sentisse èmpolgado e despertado por aquela sensação de arrebatamento a que me tenho referido.

— E o senhor chegou a escrever-lhe a prometida carta?

— Não. A verdade é que me senti grandemente tentado a fazê-lo. mas... fiquei envergonhado de

mim mesmo.

— Pois é preciso escrever essa carta.

Dei-lhe papel e tinta; ele escreveu:

"No dia 28 de Novembro, achei na praia

do cabo Ferret um rosário de coral. Ouvi dizer que o mesmo lhe pertence, e, dado que assim seja, queira avisar-me a fim de lho remeter."

Ia assinar, quando lhe detive a mão.

— Se deseja uma experiência probante, não há que subscrever-se. Compreende que apenas nós dois temos conhecimento da expedição desta carta, e, conseqüentemente, se ela tiver resposta, colheremos uma preciosa indicação.

— Então o doutor crê que tudo isso não seja fruto de um sonho?

A voz lhe tremia.

— Nada sei, meu amigo, nem posso algo dizer, senão que investigo e precisamos aguardar os fatos.

Chamando pelo criado, mandei logo postar a carta, enquanto o rapaz me fitava com olhar de assombrado. Deixasse a expedição a seu cargo e certo estou de que não na'faria. Tomar-se-ia de novas dúvidas, escrúpulos, hesitações, e o preconceito humano acabaria vencendo.

Disse-lho e ele não deixou de concordar, pedindo licença para se retirar.

— Presumo que a resposta aqui esteja depois de amanhã e peço-lhe me certifique logo.

De fato, dai a dois dias, ele vinha trazer-me a carta. Escusado é dizer que interrompi as consultas para conduzi-lo ao meu gabinete particular, E3tava radiante, o rapaz; sem articular palavra, passou-me às mãos um envelope em papel de linho grosso, timbrado de Balizac. No fecho, impresso a ouro, as iniciais L, F., em cursivo inglês. Restitui-lhe o envelope, recusou-o, pedindo que o abrisse eu mesmo e lesse o conteúdo. Dentro, um cartão da mesma cor, com as mesmas iniciais, que dizia numa caligrafia bem lançada:

"Lúcia Franchard agradece ao Sr. Antônio Leyre a comunicação do achado de um rosário de coral, que efetivamente perdeu no cabo Ferret, no dia 27 de Novembro p. p., e toma a liberdade de cumprimentá-lo pelo conhecimento que tem dos seus *trabalhos químicos* e do seu *desinteresse*. Espera, também, que ele não terá sempre ensejo de enviar envelopes sigilados à Academia de Ciências."

O rapaz estava trêmulo, não podia articular uma palavra.

— Não há necessidade de quebrar a cabeça, disse, batendo-lhe no ombro. Não há pedir à vida senão o que a vida pode dar... Nada de saques sobre o futuro, de quimeras, enfim.

— Obrigado, respondeu com tristeza.

— Agora, diga-me: — continuou a sonhar nestas duas últimas noites?

— Sim, trocámos ideias a respeito dos meus projetos de futuro. A "Forma" manifestou-se sempre afetuosa e tema, mas, parece que evita falar de si. Disse que havia respondido & carta. Agora, certo estou de que não se trata de um sonho, sendo eu apenas juguete de um fenômeno inexplicável. A minha visitada é uma criatura real e eu desejo vê-la realmente, não apenas em sonhos. Amanhã irei a Balizac; sei que ela vai assistir à missa das 9 e lá estarei. Agora, sei que o senhor está ocupado, permita que me retire.

— Adeus! — disse-lhe com afetuosa tristeza — desejo que seja feliz.

O dia seguinte era um domingo. Jantei e fui para o consultório, minha peça favorita. Ocupava-me com a classificação de documentos importantes e destinados a um trabalho científico, quando Leyre me surgiu de improviso. Pálido, fisionomia alterada, olhos avermelhados!

— Ela vai casar-seü! — disse simplesmente.

Calei-me, fi-lo assentar-se a meu lado, tomei-lhe das mãos num gesto amigável. Ficou imóvel, muito tempo, crispados os dedos e fixo o olhar. A

mim me fora preferível contemplar um desespero mais desabrido, por saber quanto as lágrimas, os gritos e as palavras nos aliviam as mágoas. Os silentes, os concentrados, sempre São os que cometem os desesperados. Eu como que adivinhava o curso das ideias do pobre Leyre, tanto que lhe disse: — é preciso pensar em sua mãe. Feri o alvo. Ele fitou-me demoradamente e respondeu:

— O senhor tem razão; ela não tem por si mais ninguém neste mundo.

Calei-me, acendi um cigarro e pus-me a observá-lo.

Assim ficámos mudos cerca de meia hora, quando bateram à porta e o criado me apresentou um telegrama que dizia:

"Espero-o pelo trem das 5 em Laugon.

Pernoitará no Castelo de Balizac, onde o chamam com urgência e grande empenho."

Singularíssima complicação! Que haveria em tudo isso?

— Chamam-me, como vê, com urgência; fique por aqui o tempo que lhe aprouver... Olhe para mim

E enquanto ele me fitava com os seus grandes olhos negros, fui-lhe dizendo intencionalmente:

— Muitas vezes, quando tudo nos parece perdido, é quando tudo encontramos. Tenha confiança em mim, nada delibere sem nos tomarmos a ver.

E paria.

O Dr. Dussiron esperava-me em Laugon. Uma limousine em cujas portinholas se liam dois F. F., entrelaçados e sobrepostos a uma coroa de barão, conduziu-me ao solar Balizac.

SEGUNDA PARTE

O Dr. Dussiron é um velho ágil, céptico, espirituoso e, a par disso, excelente clínico.

Também por isso, goza de legítimo conceito em toda a região de Bazadaise. Popularíssimo, percorre no seu cabriolé rápido as estradas locais e não há quem, ao encontrá-lo, não saude com prazer aquela figura jovial, de olhos vivos e bigodes brancos. Com 72 anos, o velho facultativo sabe conservar toda a energia e entusiasmo da juventude.

Cioso das suas ideias políticas, não foge a discussões e até as provoca, para demonstrar nas refregas a inteireza das suas razões e argumentos. Suas convicções — é licito empregar o termo para designar as opiniões políticas de Dussiron — limitam-se às crenças políticas. É um reacionário violento. Não obstante, os próprios adversários o apreciam, dados a excelência do seu coração, o seu ânimo prestimoso e o seu devotamento profissional. Não se poderia imaginar adversário mais violento e ao mesmo tempo mais simpático, nem amigo mais firme.

Nele o ódio à República não atinge os republicanos e fica no âmbito das fórmulas meramente teóricas, tanto que alguns dos seus melhores amigos, conta-os ele entre esses "terríveis canalhas".

Fora das suas crenças políticas, é um perfeito céptico, mas gosta dos padres, do mesmo modo que detesta os republicanos.

A religião, ao seu ver, é um freio necessário e um consolo indispensável, mas... para os outros, sòmente.

A própria arte não lhe inspira fé, chegando a dizer que os enfermos se curam à revelia da sua intervenção, o que talvez não seja bem a verdade, visto como o seu espirito ativo, curioso, penetrante, manteve-se sempre a par dos novos métodos e processos, ao mesmo passo que consumada experiência lhe facultava o critério da seleção e da aplicação. Ninguém mais divertido que Dussiron à conversar. Linguagem viva, colorida, comparações ousadas, de vulgaridade intencional e pitoresca, a retratarem incisivamente pessoas e coisas.

Eis o nosso homem.

— Bom dia, caro amigo; e estendeu-me a mão. Telegrafei-lhe, para que viesse tomar conhecimento de um caso deveras extraordinário e perfeitamente integrado na sua especialidade.

— Vamos à ele, caro colega, a esse caso que deverá ser mesmo muito extraordinário, de vez que

você é daqueles que não se impressionam facilmente.

— Mas a verdade é que estou desconcertado, disse — subindo para o automóvel. O caso é o seguinte: vamos ao castelo de Balizac, do barão de Franchard, velho magistrado compulsoriamente aposentado. Trata-se de uma excelente criatura, que não ficaria mal colocada num quadro, entre Luís Filipe e Guizot. De resto, descendente de velho tronco de togados, creio que o avô foi qualquer coisa em Paris, no Governo de Julho. Rico, passa ele aqui nove meses do ano, com a mulher e uma filha única. À margem das atividades partidárias, eu o considero apenas uma figura ornamental; mas, enfim, você vai conhecê-lo. Quanto à mulher, é nulidade; excelente mãe de família, não prima pela inteligência, tem mais coração que cabeça. A filha, essa, é uma criatura esquisita e é justamente por causa dela que aqui vamos rodando. Quero-lhe, aliás, muito bem, e temo que a "besta" do Franchard cometa alguma asneira a seu respeito. A menina está noiva, deverá casar-se brevemente com um dos proprietários vizinhos, o Sr. Delile, moço rico, bem colocado e educado pelos jesuítas.

Trata-se de um guapo mancebo que preenche bem a vida compatível com a sua hierarquia: caça, pesca, ouve missa, comunga uma vez que outra e lê "Gaulois" todos os dias. Pois esse Delile é o tipo ideal para o velho Franchard.

O Padre Fürster, velho jesuita, maligno como um símio, foi quem arrumou esse casamento. Pretendem eleger Delile ao Conselho Geral, o que decerto se dará, casando-se ele com a Lúcia. Em seguida, virá a candidatura para deputado, aliás uma péssima escolha, visto que Delile fareja uma batina a dez passos de distância, o que vale dizer que o deputado de fato será o padre Fürster...

Mas, tudo isso não lhe interessa. A verdade é que Lúcia deverá casar-se dentro de oito dias.

— Lúcia — obtemperei — é a senhorita Franchard, a que está doente?

— Pois então? Ela jamais se opusera ao casamento e até parecia aceitá-lo de bom grado, quando, esta manhã, ao sair da missa, pediu ao pai que lhe permitisse entrar para um convento. Franchard ficou estomagado, a filha nunca revelara inclinação para a vida monástica. Repreendeu-a, negou-se a retirar a palavra empenhada, exigiu explicações, as razões daquela imprevista atitude, daqueles escrúpulos de última hora... e daí, toda uma história fantástica. A rapariga diz que recebe em sonhos a visita de um moço, que esse moço existe, que ela o viu na igreja, hoje de manhã. Há um rosário de coral que, para mim, desempenha um papel incompreensível neste negócio, mas Lúcia está convencida de que o rapaz do sonho é o noivo que lhe foi escolhido pela Santa Virgem, e assim, dado que o não possa desposar, só lhe cabe dedicar-se a Deus. Neste sentido, insistiu com o pai a fim de o demover, e o velho assumiu ares "Filipescos" para lhe responder que os pais sabiam, melhor do que os filhos, o que mais convinha a estes, recusando-se acreditar que a Virgem se imiscuisse no caso. Resultado: crise de lágrimas, delírios e tudo mais que o colega pode imaginar. Chamaram-me. Encontrei a pobre Lúcia com 40 graus de febre, delirante! Apelei para os seus serviços, não só porque, repito, quero muito bem à menina, senão por saber que o caso se enquadra na sua especialidade. Nada pescando destes sagrados acidentes nervosos, preferi aguardar sua presença, antes de prescrever a qualquer droga.

Ouvira eu a narrativa com a maior atenção: um caso extraordinário levava-me, assim, a ter nas mãos as duas pontas do misterioso fio que ligava Leyre e Lúcia Franchard. Claro que nada revelei ao confrade do que sabia, limitando-me a dirigir-lhe algumas perguntas. Por ele me inteirei de que a moça nunca se revelara um espírito romântico. Impressionável, muito sensível, algo emotivo, também não acusara, jamais, quaisquer distúrbios nervosos. Ascendência sadia, do ponto de vista físico e mental. Todavia, indiciava-se um tio-avô, que vivera na intimidade de Deleuze, de Puysegur, de Du Potet e de todos os magnetizadores célebres, de 1810 a 1860, compartilhando-lhes as doutrinas. Isentos de tara, os antecedentes pessoais. Tinha ela tido o sarampo, a escarlatina, mas, ainda assim, benignos. Gozava de excelente apetite, dormia bem, não era achacada a resfriados e constipações.

Do ponto de vista intelectual, nada de anômalo; séria, um tanto discreta, frequentava a igreja e dava exemplos piedosos.

Eis tudo quanto me pôde informar o Dr. Dussiron no curso da breve viagem, pois não tardou visse a cerca, o parque, o terraço, a grande casa quadrada, tais como Leyre me havia descrito.

Chegámos. O Sr. Franchard, ouvindo a busina do auto, logo veio postar-se na entrada do parque.

Ao vê-lo, não pude deixar de sorrir, tanto o seu aspecto correspondia à descrição de Dussiron. Estatura mediana, um tanto adiposo, cabelos grisalhos penteados em topete, suíças curtas e bigodes escanhoados. Vestia um casaco preto e calças cinzentas. Boca fechada, queixo quadrado, arcada superciliar saliente, sobrancelhas bastas, eram índices de obstinação, ao mesmo tempo que o olhar inexpressivo negava-lhe inteligência. O acolhimento foi polido e solene.

— Seja bem-vindo a este lar, disse, estendendo-me a mão: — deploro, apenas, que tenha a honra de o conhecer em tão tristes circunstâncias. .. Queira ter a bondade de entrar...

Respondi, lacônico, e segui o Sr. Franchard ao salão de espera, que para logo identifiquei com as informações de Leyre. A casa tinha o seu quê de nobreza e lembrava um tanto, nas disposições internas, as construções inglesas dos primeiros tempos da rainha Vitória.

Mal tive tempo de lançar um rápido olhar a esse vasto compartimento, à escada, à galeria, quando um criado me tomou o chapéu e o sobretudo, convidando-me a franquear vasto e austero compartimento guarnecido de altas estantes atulhadas de livros. Era a biblioteca. Cerimoniosamente convidados, assentámo-nos ao lado do anfitrião, que, por sua vez recostado a uma cadeira de molas, começou dizendo:

— Certo, já o Dr. Dussiron lhe teria falado do caso que nos levou a recorrer para os seus conhecimentos. Minha filha foi acometida de violenta febre, com delírios consecutivos. O Dr. Dussiron houve por bem julgar indispensáveis as suas luzes científicas e eu tenho a pedir-lhe desculpas pelo incômodo que lhe causo.

— Mas, não faço mais do que cumprir um comezinho dever profissional. Queira ter a bondade de me informar as circunstâncias em que se declarou a enfermidade da sua filha.

Com ares solenes, replicou: — Lúcia foi conosco à missa desta manhã e parecia bem disposta, como sempre. Finda a missa, detive-me por instantes a conversar com algumas pessoas, e, quando me reuni à baronesa, já na carruagem, notei algo de anormal na atitude de minha filha. Mantinha-se calada, como que preocupada. Abstive-me de a interrogar, mas, tanto que aqui chegámos, pediu-me ela um minuto de atenção. Para que o doutor possa compreender o que se segue, importa que lhe refira uma circunstância particular, isto é, que minha filha é noiva de um vizinho nosso, o Sr. Delile, filho de excelente família e sobrinho-neto do conde Delile, que foi guarda do selo no reinado de Luís Filipe. Relações de velha amizade unem as nossas famílias. Até então, minha filha nenhum embargo opusera às pretensões do Sr. Delile, que parecia agradar-lhe. Assim, não foi sem grande surpresa que a vi aqui mesmo, neste lugar, lançar-se-me ao pescoço e pedir-me emocionada, comovidamente, que adiasse o casamento, alegando querer melhor refletir. Julgava-se muito criança e inexperiente, não queria comprometer-se em definitivo.

Como de meu dever, fiz-lhe sentir que os seus escrúpulos vinham fora de tempo; que o Sr. Delile contava com o nosso assentimento e nada poderia constranger-me a desonrar minha palavra; que a sua felicidade me era tão cara quanto a dela mesma, e que a escolha feita era a garantia do seu melhor futuro. Surpreso, vi que resistia aos meus argumentos, e isso digo porque foi sempre a mais dócil das filhas, nunca me contrariou em coisa alguma. Quis, então, conhecer a causa daquela transformação e foi quando lhe ouvi que era a Virgem Santíssima quem se opunha, por já lhe haver destinado outro marido. Acreditei-a louca e disse-lhe — um tanto levemente, confesso-o — que a Virgem não se intrometia nestes assuntos e que a nossa religião preceituava a obediência filial. Seu pesar tomou, então, maiores proporções...

A narrativa interrompeu-se com a entrada da Sra. Franchard, mulher dos seus quarenta e cinco anos, cujos traços fisionômicos ainda guardavam os vestígios de beleza em declínio. Não era, efetivamente, uma fisionomia inteligente, mas tinha nos olhos o selo da meiguice e da bondade.

O barão ergueu-se, eu lhe segui o gesto e ele, formalizado, disse:

— O Sr. Dr. Hertault... a baronesa Franchard. ..

Uma vez assentados, prosseguiu:

— Aquela emoção de minha filha afigurou- -me inexplicável: convidei-a, delicadamente, a que se acalmasse e me desse os motivos fundamentais daquela imprevista resolução. Disse-me, então, que via em sonho, todas as noites, um rapaz cujo nome declinou, e a quem se afeiçoara por ser digno de sua admiração. De começo, não ligara maior importância ao sonho, nem imaginara que o rapaz tivesse existência real; g foi quando, em virtude de um compromisso tomado, tudo em sonho, o reconhecera na missa desta manhã. Considerando a singularidade desse encontro é que deduzira a intervenção da Virgem.

Respondi-lhe que. certamente se deixara iludir por meras aparências, simples coincidências, e que não fora razoável arvorar sonhos em regra de conduta. E' possível que eu tenha falado com insólita severidade, que tenha evidenciado o meu desgosto com maior acrimônia... Seja, porém, como for, o certo é que ela se levantou sem nada responder e vi-a oscilar e tombar desmaiada!

Transportada ao leito, não saiu do seu letargo senão para balbuciar frases desconexas. Crê estar vendo a Virgem, dirige-se a Ela e fala de um rosário, de um Sr. Leyre, das suas visitas, ao mesmo tempo que suplica à Santa lhe perdoe a forçada desobediência. -

— Vamos vê-la, disse eu — após tão longa exposição.

A Sra. Franchard nos indicou o caminho, aquele mesmo caminho que Leyre já me havia assinalado. Era o quarto já de mim conhecido através das suas referências, aliás descrito com extrema fidelidade. Lúcia estava deitada, faces afogeadas, brilhante o olhar, monologando consigo mesma. Sintomas evidentes dos delírios místicos.

— Perdão, 6 Santa Mãe de Deus! perdão! — eram palavras que lhe afloravam aos lábios entreabertos, de mistura a frases outras, dirigidas à Santa Virgem. Prestei maior atenção e concluí tratar-se, evidentemente, de um delírio agudo, de forma alucinatória, sistematizada. Nenhuma crise convulsiva. As palavras repetidas, como que indicavam a trama do sonho delirante, pois que a Virgem lhe exprobrava não se entregar ao noivo que lhe elegeram. De quando em quando, dirigia-se a Leyre como se o amasse e se visse constrangida a repudiá-lo. A intervenção de Leyre, no delírio, era ocasional e parecia provocada pelas palavras atribuídas à Virgem, na sua alucinação; mas o seu papel era episódico e o principal papel cabia à santa personagem.

A ausência de crises convulsivas tranquilizou- -me. Posto que não tivesse absoluta certeza, inclinava-me a crer que se não tratava de uma forma delirante de caráter grave. Um exame atento da enferma, que a ele se prestava inconsciente de nossa presença, não me revelou qualquer distúrbio orgânico. Retirando-me com Dussiron para um quarto contíguo, expus-lhe minha opinião, que era a da existência de um traumatismo moral determinando perturbações vaso-motoras primárias, e uma auto-intoxicação secundária. Isto, enquanto me propunha não intervir durante a noite, por motivos que não podia, claro, confiar ao céptico colega. Nem foi sem muito hesitar que ele se decidiu a concordar com aquela minha terapêutica expectante. Tive de lhe fazer ver que os distúrbios de origem psíquica se curavam muitas vezes espontaneamente, a fim de o demover de qualquer medicação imediata. E foi-me também preciso fazer discreta alusão à história, para lhe vencer as últimas resistências. Assegurei-lhe, também, o intuito de passar a noite à cabeceira da enferma, pronto para intervir enèrgicamente, caso não se verificasse a previsão de melhoras espontâneas.

Mal terminávamos a conferência, ouvimos tilintar a campainha.

Conduzido ao quarto que me haviam destinado, após ligeira troca de roupa, retomei para junto do barão, ficando a baronesa junto da filha. •

— Estamos à espera do nosso pároco, disse o barão.

Pedi-lhe licença para examinar os quadros do grande salão, um salão quadrado, mobilado em acaju entalhado e forrado de damasco rosa.

A chaminé assentava em branca coluna de mármore, com ornamentos de bronze dourado e encimada por um Telêmaco e um Mentor do mesmo cabedal. Belos quadros me atraíam a atenção, entre eles dois magníficos retratos de Ingres com ilustrações da família — o Procurador Geral da Corte de Paris, e sua mulher.

O abade Jauga não era, absolutamente, o tipo clássico do cura de aldeia. Sessenta anos prováveis, alto e extremamente magro; a fisionomia ascética, o olhar percuciente, a própria fronte de altura exagerada por uma quase completa calvície, denotavam inteligência e labor espiritual. Que estranhas circunstâncias teriam levado aquela mística figura a um pobre curato de aldeia? Eis um problema que logo me propus resolver. O abade não era mal visto pelo Arcebispado, a sua ortodoxia tão-pouco era suspeita, mas a fama de místico e iluminado não deixava de preocupar um tanto os seus superiores hierárquicos. O Cardeal o havia com muita justeza denominado Beditino do XIV, transportado ao XX século. E, como ele não pleiteava acesso qualquer, ninguém pensava em lho proporcionar. Em compensação, identificava-se tanto com a sua paróquia rodeada de vinhas e com os seus ingênuos paroquianos, que também não tinha vontade de os deixar.

Simpatizei logo com o sacerdote, cuja figura me interessava. Depois de cumprimentar o barão, ele se dirigiu a mim com a maior naturalidade para saber se era ao Dr. Hertault a pessoa a quem falava. Diante da afirmativa, exprimi o prazer que tinha em conhecer-me. Lera trabalhos meus sobre o Misticismo e desejava conversar comigo. O barão que, evidentemente, se desinteressava do assunto, tentou desviar-me a atenção, reatando a biografia dos avoengos, mas o padre insistia no seu tema predileto. Um cozinheiro, formalizado e metido em desusada indumentária, cortou a embaraçosa situação ao escancarar a porta do salão de jantar para dizer com intencional formalidade: — está na mesa o jantar. O barão justificou a ausência da senhora baronesa de Franchard, como lhe chamava, e nos acompanhou à mesa. Dussiron, sempre impontual, veio depois.

— Boa noite, abade — disse ele familiarmente ao cura —, aí tem o Dr. Hertault e, certo, vão ambos ter pano para mangas. Hertault tem lido Ruysbroeck, Taub, Santa Teresa e Santa Maria de Agreda...

— Esta última não foi canonizada — disse calmamente o abade.

— Ora essa... Mas, há-de o ser... e gargalhou gostosamente. Contudo, antes de estumar os cachorros, espere que o barão e eu nos afastemos, pois de outro modo desfaleceríamos.

— Como vai a menina? — perguntou-me o Cura, algo desconcertado com a pilhéria de Dussiron.

— Por enquanto nada lhe noto de inquietador, não obstante defrontarmos um estado melindroso, que requer todo o cuidado.

Seguiu-se um jantar interminável, ao qual, seja dito, só o anfitrião e o colega Dussiron fizeram as honras. Eu, como de hábito, pouco comia e apenas de leve provava aquela excelente frasqueira de vinhos finíssimos, que o colega gulosamente entornava. Certifiquei-me logo de que os acepipes eram magníficos e que o barão tinha uma adega de primeira ordem. Jauga apenas se servia de legumes e água pura, a estimular com a sua frugalidade a "verve" de Dussiron, que inquinava de blasfemo ao pobre homem, por desprezar aquelas preciosas dádivas do céu. Chamava-lhe herético em recusar as invenções do Patriarca Noé, preferindo água ao vinho. Que visse: — Jesus não transformara vinho em água, mas água em vinho... Que iria fazer Jesus do seu abade? Liquefazê-lo, porventura? não, decerto... e, ao demais, não era com vinho que ele, abade, enchia as suas galhetas? Tal o tema que desenvolvia, com a sua costumeira verbosidade, o meu confrade Dussiron. Jauga já me parecia afeito às pilhérias do velho médico, acolhendo-as sorridente e mudamente. O Sr. Franchard pouco falava; de quando em quando, respirava uma apologia: este Yquem é 1869, comprado por meu pai ao defunto marquês de Lur-Saluce; aqui temos Guiraud, 1874,* do qual dificilmente pude conseguir um barril... Este frango-d'água está bem assado...

Aliás, o frango ensejou uma cerimônia em que o meu colega fêz o papel de oficiante. O prato fora preparado consoante os ritos "bazadeses", comportando infinidade de ingredientes, tais como a noz-

-moscada, a pimenta, a aguardente e as vísceras do próprio frango. Todos nós, silenciosos, contemplávamos Dussiron convencido, grave, atento, a operar como se estivesse praticando uma laparotomia, até que o barão se dignou aplaudir:

- Não sei de alguém mais perito no trinchante!
- E* que me tenho especializado muna técnica de 50 anos, meu caro barão.

E olhe que ainda desejo tomar-me mais consumado. Prove, colega; prove sempre um bocadinho, disse ao ver-me recusar o prato, pois do contrário sentir-me-ei ofendido... *1 nvidia medicorum péssima*, como diz o nosso abade...

Não tive remédio senão ceder, e confesso que o prato era excelente.

— Com o senhor, meu caro abade, eu não insisto; mas comprometo-me a preparar-lhe, para o nosso primeiro ágape, uma salada com hidrolato simples e purê de ervilhas idem.

— Mas quantas palavras inúteis, meu caro Dússiron... — disse sorrindo o abade. — Que pesadas contas terá o senhor de prestar a Deus!

— E' boa! — então, que há-de dizer Deus a um excelente pecador católico?

Daí por diante a conversação tomou caráter político. Jauga e eu permanecemos neutros. O barão deplorava, em estilo lapidar, a cegueira da França, "caminhar para o abismo". A sorte das congregações religiosas perseguidas, comovia-o grandemente. O sequestro das mesmas não era mais do que o sequestro mesmo da nação. Aquele povç renegado de Deus, abandonado à mercê da sorte, estava fadado à destruição. Quando as duas ar- quitraves da ordem social — família e propriedade — se aluem, o edifício inteiro desmorona e soterra nos escombros os responsáveis da catástrofe.

Dússiron replicava, mas, ao passo que Franchard dava aos seus comentários uma feição geral, indistinta, o médico atacava os homens do governo e cobria-os de sarcasmos. Por minha vez, admirava-me de ver homens instruídos, pertencentes à classe dita dos dirigentes, assim tão destituídos da noção da evolução por que passava o país. Calei, não obstante, as minhas reflexões, limitando-me aos conceitos interessantes do ponto de vista psicológico.

O barão anquilosara em Luís Filipe, e Dússiron não transpusera ainda o segundo império. Jauga, esse, parecia-me absorto em cogitações outras, evidentemente estranhas ao diálogo dos comensais.

Uma vez sovados os mações e os judeus, o barão levantou-se e fomos para a biblioteca, onde nos serviram excelente café, destilado em filtro de prata.

Franchard convidou-nos a escolher dos variados licores o que mais nos agradasse e retomou com Dussiron a conversa que tanto lhes comprazia. O abade veio sentar-se a meu lado. Ele não bebia café, ignorava o paladar dos licores, nunca fumara um cigarro.

Ao recusar o charuto que lhe ofereci, foi logo dizendo que a fumaça não o incomodava. Percebi que procurava ensejo de me falar a sós.

Depois de refletir muito tempo, disse de chofre, como que vencendo grande esforço:

- Qual a sua opinião real sobre o estado da menina Lúcia?
- Já lha dei com sinceridade.
- Mas, tê-lo-iam informado das circunstâncias em que se declarou a febre?
- Sim, mais ou menos.

— Ter-lhe-iam dito que ela via, em sonhos constantes, um rapaz cuja presença se lhe deparou real na missa desta manhã, e que foi esse o motivo que a levou a pedir, senão o rompimento, ao menos o adiamento do consórcio com o Sr. Delile?

Nada respondi. O que sabia, sabia-o em caráter profissional, e assim julguei dever calar. Sem dúvida, o bom do cura atinou com o motivo do meu silêncio, porque logo acrescentou:

— Desculpe a indiscrição; eu estimo sinceramente a menina Franchard; fui quem a batizou e estou agora muito apreensivo com esta ocorrência.

Temo, isto é, a mim mesmo pergunto, ou antes eu... Mas, por Deus, dispense-me de circunlóquios. Não sou diplomata e não se trata de assunto da minha competência. Sei que o barão lhe falou do

extravagante sonho da filha, sei que ele não atribui ao caso maior importância, mas sei também que ele não está inteirado de tudo quanto se passa. Saberá o senhor como começaram os sonhos? Pois essa criança contou-me toda a sua história, mas, não no confessionário, como poderíeis supor. Ela sabe que eu acredito em coisas que pouca gente acredita; de resto, deposita em mim a maior confiança. .. Pois bem: disse-me haver perdido um rosário *de cora/que eu mesmo lhe trouxera de Roma*, um rosário bento por S. S. Papa Leão XHL A menina é de natureza muito sensível, é delicada, é sincera e bondosa. Sempre que a via, era com aquele rosário em mão, e eis porque, ao perdê-lo, não pôde deixar de me justificar a ausência dele. Não dei maior importância a essa confiança, da qual apenas inferi a delicadeza de uma alma juvenil. Entretanto, eis que outro dia foi procurar-me e pedir um conselho. Disse-lhe, antes de tudo, que nenhum conselho cabia dar-lhe fora do confessionário, e que o seu dever era ouvir a mãe, ao que respondeu já haver revelado aos pais aquilo mesmo que desejava dizer-me, porém fora mal acolhida, chamada louca e não ousava expor-se mais aos sarcasmos paternos. Minha curiosidade, confesso-o, foi espicaçada; consenti que falasse e assim foi que ouvi a mais estranha história que se possa imaginar. Aliás, ela disse-me que também o senhor não ignorava essa história, e é por isso que me atrevo a ferir o assunto.

— A senhorita Franchard lhe disse que eu conhecia a sua história? — respondi, admirado.

— Perfeitamente; e vai saber em que termos o fêz, se me permite falar.

O que tenho a vos revelar não comporta testemunhas. Diga-me, Dr. Hertault, o senhor conhece Leyre?

— Se conheço...

— Pois Lúcia me confessou que Leyre lhe dissera tudo.

— Isso não vem ao caso, reverendo; abordemos o ponto que mais interessa.

Fitou-me com expressão enigmática, sorriu e entrou a fazer a narrativa minuciosa das singulares entrevistas oníricas de Lúcia e Leyre, em tudo concordes com a descrição deste último, a mim feita.

— Acreditei — disse o cura ao terminar j— no interesse mesmo da menina, dever pô-lo a corrente do que sabia, visto que o Sr. Leyre em um desses encontros espirituais lhe dissera que depositava no Dr. Hertault ilimitada confiança, da qual compartilhava também a pobre menina. Ria sabe que o senhor não deixa de ser, de algum modo, o guia espiritual do seu amigo, e, como vê, só a estima que voto a essa criança me leva a cometer a indiscrição de que, já agora) me penitencio. A Deus e à Virgem peço me perdoem se cometo uma falta inconsciente.

Mudo, agora eu, refletia profundamente no que acabava de ouvir . Considerava que as confidências de Leyre ao "seu" fantasma tinham sido maia completas do que mas revelara. Os idílios espirituais de que falava o padre deviam ter ultrapassado o nível da sentimentalidade comum.

Jauga como que já se não preocupava comigo, imerso que estava em profundos cismares. O olhar, vivo e claro, parecia fixar coisas longínquas. Seus pensamentos deveriam estar absortos no temor de uma falta imaginária, visto que assim exorou & Virgem: "O' Divina Mãe, eu, creio obedecer-vos... Não fostes vós que fizestes desse rosário abençoado o misterioso laço que deve unir duas almas de escol? Consentireis, Mãe Santíssima, que a ignorância e cegueira humanas entrem a obra do vosso Divino Filho? Pois não foi a Providência que os talhou um para outro? Sem dúvida, quisestes recompensar a piedade de uma e a virtude de outro; mas, quem sabe também não lançastes as vistas para o homem de ciência, por fazer dele um soldado da vossa igreja, no momento exato em que ela sofre dos seus inimigos os mais rudes assaltos?"

Calou-se. Fêz como que uma ligeira oração, encerrada com esta frase fervorosamente dita: *cumpra-se a vossa vontade...*

A conversa e o monólogo do velho sacerdote fizeram-me conhecer sob novo prisma o caráter de Lúcia Franchard. Assim, conclui que ela não só confiara o seu segredo ao místico reverendo, como lhe teria exposto no confessionário os mais íntimos sentimentos; e aí estava, a meu ver, a origem dos delírios. Tratava-se pois, seguramente, de criatura sensível, inteligente, sonhadora. E o cura deveria

ter exercido na evolução das suas ideias considerável influência, de vez que ele era por seu turno um místico piedoso, sincero, convicto. A sua linguagem singela, mas inquinada de fé ardente, até a mim mesmo impressionara. Grande teólogo, mas inexperiente do mundo, o seu posto deveria ser uma cátedra de seminário, em vez de uma paróquia campesina. Lá, ele poderia prestar relevantes serviços; aqui, poderia cometer perigosos erros. E' o que se dá com os faróis cuja luz cega os que lhe estão próximos e guia os que longe se encontram. Só prestam serviço com a condição de serem colocados em altas torres.

O misticismo de Jauga só poderia ter encorpado com a solitude da sua aldeia, na profunda paz das florestas landesas — catedrais cüjas colunas eram troncos de anosos pinheiros, entoando o cântico perenal do vento nas galhadas esguias, voltadas para o céu. Ele topara naquela jovem uma alma predisposta aos sonhos românticos; ele tê-la-ia encaminhado para a senda da meditação e da contemplação místicas... A Virgem deveria ser o alvo preferido das suas orações de penitente, e assim se explicava a feição insólita daqueles delírios. Os sonhos extraordinários deveriam aparecer ao padre como obra da Virgem, de vez que se prendiam ao *rosário de coral*. A influência desse objeto piedoso, abençoado pelo Papa, pelo maior dos Papas modernos, não poderia deixar de ser divina. Em reunir aquelas duas almas juvenis durante o sono, a Virgem Santíssima definia claramente o desígnio de as ligar. Era assim que, a meu ver, se identificavam as alucinações da jovem Lúcia: vendo-se constrangida a desobedecer ao que ela imaginava um mandado divino, a pobrezinha se lastimava e se exculpava. Cruel, sem dúvida, haveria de ser o combate travado no seu espírito leal e crédulo. O cérebro enfraquecido não resistira ao embate doloroso. Estas as ideias que me atropelavam a mente, enquanto o abade terminava a sua breve oração. Como que despertado em si mesmo, corou quando percebeu que eu o espreitava.

— Com certeza, estou a causar-lhe estranheza, caro Dr. Hertault — disse um tanto confuso. Não passo, na verdade, de um velho pároco sem traquejo social, sem atitudes maneiras.

— Sois uma excelente criatura, senhor abade; e Deus, se existe, só pode julgar as intenções. E' possível que apenas tenhais sido imprudente aos olhos do mundo, sobretudo, dos médicos. Mas a culpa, neste caso, será dos que plantaram a bolota na seara e o trigo na floresta. Confiai e permiti que me retire, pois quero passar a noite junto da enferma, na previsão de uma reação benéfica. Dizei-me, contudo, uma coisa, já que preciso sabê-la: — o Sr. barão é religioso?

— Não digo que não, mas receio seja a sua religiosidade como a da maioria dos homens, que prezam mais a forma que o fundo, pensando agradar a Deus quando vão à missa e ali não oram. De sorte que, exteriormente presentes, permanecem ausentes, visto que Deus não considera corpos e sim almas!

— Poderemos presumir que, a beneficio da filha, a existência de um agente misterioso e oculto, como, por exemplo, a intervenção por vós atribuída à Virgem, seria argumento convincente, de molde a retardar o casamento?

— Não o creio: o barão não aceitaria quaisquer intervenções miraculosas contrárias aos seus planos. Para ele, Deus é bastante sensato para não divergir das suas convicções; e a Virgem muito sábia para não estimular a desobediência filial. Em suma: o critério do barão é o da maioria dos homens ao tomarem por estalão da Sabedoria Infinita as próprias ideias tacanhas, mesquinhas, sem termo de relação com a onisciência imanente! Conseqüentemente, meu caro doutor, não há supor seja' o barão um desses espíritos abertos- a essas ideias profundas, que, de origem divina, só tinham almas de escol. Penso que, antes de tudo, deixar-se-á impressionar maiormente pelo temor de comprometer a saúde da filha; mas, ainda assim, superficialmente: Verá que toma atitudes dramáticas para clamar que vai sacrificar a honra da estirpe aos caprichos de uma... doente; o renome da família, as fantasias de um rebento degenerado... De sorte que a bondade será mais cruel dp que a própria cólera, e à baronesa acabará também por ceder sem maior resistência.

— Irredutível, então?

- Penso que sim.
- E quanto à Sra. Franchard?
- Dócil, boa, piedosa; grande ternura pela filha, mas acabará sempre por concordar com o marido. Falta-lhe força de vontade.
- Obrigado. Vejo que a partida é difícil, mas, ainda assim, não perco a esperança.
- Deus o ouça — concluiu o sacerdote — a persignar-se convencidamente.

Pedi licença ao Barão e ao colega Dussiron, que, durante todo aquele tempo, nenhuma atçção prestaram à minha conversa com Jauga. Reacionários, eles se compraziam em apostrofar o governo e o parlamento, a excitarem-se mútuamente para uma boa digestão. Era o processo favorito dos velhos partidos; subscrever, por ocasião das eleições, qualquer manifesto de Paris que lhes divulgasse o nome e papasse os cobres; ultrajar em palestras os homens do governo, sustentar periódicos de ideias antidiluvianas...

Mas, entrar na vida popular moderna, compreender as necessidades contemporâneas e esforçar-se por satisfazê-las sem comprometer a estrutura social, dando-se conta, por si mesmos, *ããB* construções e reparações indispensáveis, tudo isso menos lhes interessa do que uma corrida de automóveis. Na França, o partido conservador já não tem a noção do seu papel histórico e parece timbrar no só propósito de sustentar as ideias mais justamente condenadas. Estas, as reflexões a que não podia eximir-me, ouvindo as críticas inócuas do meu hospedeiro e do seu correligionário, conquanto a política não me seduza.

Lá os deixei. Eram 10 horas e encaminhei-me para o quarto da enferma, encontrando-a tal como a deixara, com febre alta — 39,8.

O solilóquio continuava, mais acentuado de monoideísmo. Não cessava de pedir perdão à Virgem. A baronesa, assentada ao lado da filha, chorava em silêncio. Arrastei uma poltrona, sentei-me também junto do leito, defronte da enferma, e dispensei a criada, a quem recomendei ficasse atenta ao primeiro chamado. Uma vez a sós com a Sra. Franchard, disse-lhe.

- Tranquelize-se, o estado de sua filha não se agravou e tenho com isso um bom augúrio.
- Permita Deus que o doutor não esteja enganado.
- Espero, dentro em pouco, uma acalmia. Se nada receitei ainda é porque tenho sérias razões para contar com algumas melhoras. Mas, enquanto esperamos, desejaria obter informações possíveis sobre a origem da crise. Diga-me: ao avistar o Sr. Leyre na igreja, a menina mostrou-se agitada?

— Absolutamente, doutor. Vimo-lo à saída, na porta do templo, e Lúcia, estacando súbitamente, disse: — “eis ali o homem que costumo ver em sonho. ”

Depois, ele nos cumprimentou, ela correspondeu-lhe e a seguir mergulhou em profunda meditação. Não deu palavra até chegarmos aqui. Depois, pediu ao pai consentisse em adiar o casamento. O resto, o doutor já sabe. Pelo que me toca em tudo isto, só lastimo haver ridiculizado tais sonhos, alienando assim a confiança de minha filha e impedindo-lhe as confidências. Pobre criança! E acariciava-lhe a face.

- Pelo que pude apreender, a senhorita atribui os sonhos à intervenção da Virgem Santíssima.
- ..
- Justamente.
- E sente-se, então, constrangida por ter de optar entre a submissão filial e os sagrados desígnios da Providência.
- Perfeitamente.
- Ela é muito devota?
- Devota, pròpri amente, não; faz suas orações, vai regularmente às missas dominicais, sempre comigo; também costuma assistir às festas da Semana Santa. Todavia, diga-se, vota um culto especial à Virgem e não perde um só ato do mês mariano.

- Costuma fazer longas preces?
- Não.
- Tinha por hábito conoentrar-se para meditar?
- Isso sim: todas as noites, recolhia-se uma meia hora mais cedo, para esse fim, e eu sei que o seu tema predileto era a vida de Nossa Senhora.
- E nunca fizestes, vós e o barão, quaisquer objeções a essas práticas piedosas?
- Não. Demais, como fazê-las, quando tais práticas nos são aconselhadas pelo nosso confessor?

Não insisti. Para quê? A baronesa não poderia compreender as minhas indagações clínicas, atinar com o liame indireto, porventura existente entre o delírio e as práticas piedosas da filha. Seria um erro, no caso, contrariar e chocar as suas convicções religiosas. Sem nada concluir, prossegui o inquérito:

— Mas, que pensa a senhora desse delírio? acredita, efetivamente, na intervenção da Virgem?

— Que lhe posso dizer a respeito? — respondeu algo hesitante. — Contudo, acho difícil associar o demônio a uma aventura desta natureza, pois Deus é assaz justo e bom para não permitir ao tentador a sedução de uma alma inocente como a de minha filha. E o senhor, doutor, que pensa a respeito?

Confesso que a resposta não deixou de ser hipócrita, de vez que pretendia ganhar a confiança da baronesa. Abstive-me, portanto, de expor quaisquer teorias, contrárias ao seu credo, dissimulei da melhor forma o meu ateísmo profissional e fui dizendo que estava pouco ao corrente de tais assuntos, mas, que o abade Jauga me dissera não acreditar que os acontecimentos oriundos do achado de um rosário bento pudessem atribuir-se a - demônio, e antes os estimava irrogáveis à Virgem, por quem a menina sempre revelara particular devoção. Vi, para logo, que havia tocado no ponto sensível. A Sra. Franchard, a exemplo de tantas outras mulheres católicas, fazia mistura de sincero pietismo com todo um acervo de superstições pueris. Não sabia distinguir as práticas vãs, dos atos religiosos, e, assim, fácil lhe era admitir que um rosário mar- ron ensejava uma boa hora de morte; que uma promessa a Santo Antônio facultava o encontro de objetos perdidos; que o cordão de São José aliciava casamentos felizes, da mesma forma que acreditava nos mistérios da Encarnação, da Redenção, da Conceição Imaculada e da Infalibilidade do Papa.

— Então, caro doutor, também o senhor acredita em uma intervenção providencial?

» Não acho impossível, respondi, corando; mas, a verdade é que não posso pronunciar-me, por me falecerem conhecimentos teológicos. Nada obstante, persuado-me de que nada temos que ver com o acaso, e muito menos com o diabo...

— Pois se não é o diabo, nem o acaso, só pode ser a Providência. Aliás, é a opinião do nosso pároco, que é uma santa criatura.

— Depois prosseguiremos a conversa; estou a ver — disse, observando a enferma — que a crise prevista se aproxima... Preciso manter-me atento e vigilante. Haja o que houver, não se assuste e confie em mim. E' que eu já percebera que Lúcia acalmava-se, a face descongestionava-se, rareavam- -Ihe as frases, as pálpebras fechavam-se. Fitei-a assim, detidamente, pela primeira vez. Era bem aquela criatura tantas vezes descrita por Leyre: rosto oval, nariz afilado, boca pequena, cabelos castanhos, olhos temos, alterados pela febre, não perderam, no entanto, a sua doçura!

Adormecia, evidentemente: cerrados os olhos, a respiração tomou-se mais regular, a temperatura baixou. Quando a vi completamente adormecida, retomei a palavra:

— As razões que me induziam a esperar uma crise benéfica eu lhas devo confiar, mas, peço não as revele, por enquanto, a quem quer que seja. Eu esperava que, noite a dentro, havia de repetir-se a visão onírica habitual, e, dado que me não tenha enganado, vai a senhora por si mesma certificar-se. Repare como as faces de sua filha se vão tomando emaciadas... Mas, por Deus, não se aflija, antes

procure evitar toda emoção, todo barulho, tudo enfim que possa ocasionar um brusco despertar, pois em tal caso eu não poderia responder pela vida de sua filha. Calmamente, vamos conversar, até que ela por si mesma desperte. De uma coisa, porém, preciso preveni-la, isto é, de que a enferma poderá ouvir e guardar o que dissermos. A senhora vai talvez surpreender-se da vivacidade com que me vou externar sobre a obra da Virgem Santíssima, mas não se admire. A verdade é que ignoro até que ponto ela se intromete nas coisas deste mundo, mas, se é que de fato o faz, Ela saberá perdoar ao meu cepticismo, o recurso de que me valho, da ideia de sua intervenção, em prol da minha terapêutica. Em uma palavra: procure conservar todo o seu sangue frio, não se deixe surpreender por qualquer ocorrência, e vamos aguardar os fatos com paciência.

E pus-me, então, a observar a enferma, enquanto a Sra. Franchard entrava a desfilar o seu rosário. **

Que dizer, então? Convencido estava eu, naquele momento, de que praticava a medicina, tal como o abade Jauga praticava a sua religião, isto é, como místico, e sem ter a meu favor a escusativa da fé. Pudesse Dussiron testemunhar aquela minha técnica e eu coraria até à menina dos olhos... Mas, ainda bem que ele àquela hora devia estar dormindo como um frade. Esforcei-me para arregimentar as ideias, comecei por classificar os fatos que me pareciam estabelecidos. O primeiro, era a íntima comunhão de pensamentos entre Leyre e Lúcia. Aqueles dois cérebros pareciam sucetivos de se impressionarem mutuamente, ao ponto de serem armazenadas, em um, as imagens derivadas do outro. Nada obstante, havia restrições que se impunham, como, por exemplo, a ignorância de Leyre quanto ao noivado de Lúcia. Isso só se podia explicar admitindo a comunhão de pensamentos, pois só se tornaram cognoscíveis os de transmissão voluntária. Mas, neste caso, esbarrava-me noutra dificuldade, a saber: se as imagens topográficas, dormitórios, móveis, etc., corretamente percebidos por Leyre, tivessem sido hauridos no cérebro de Lúcia, tal comunicação de pensamentos só poderia ter sido involuntária. Nem se poderia imaginar que Lúcia antes de conhecer o rapaz lhe transmitisse voluntariamente a imagem da floresta, da palhoça, da cerca, do parque, do castelo, etc. Assim, chegava eu a uma contradição absoluta, contradição que só desapareceria se admitisse que os dois jovens fruissem uma vida real, apesar de incorpórea.

A filosofia alexandrina sempre me despertou interesse e eu, sem o querer, lembrei-me das palavras de Próclus: — *A psique é uma essência incorpórea, separável do corpo.* Eu não ignorava quanto os alexandrinos eram versados no conhecimento dos fenômenos extraordinários da vida psíquica e, daí, o meu latente pendor para ouvi-los. Se o Espírito pode separar-se do corpo, como diz Próclus, possível fora que Leyre e Lúcia realizassem essa separação temporária... Misteriosamente atraída para a moça, a alma do rapaz teria, momentaneamente, quebrado os elos corporais para se aproximar da outra que a chamava inconscientemente?

Dever-se-ia admitir, então, algo de verdadeiro nas teorias teológicas, teosóficas, espíritas? Eu tinha lido essa opinião sustentada pelo padre Serafim nos seus estudos sobre bilocação; sabia que ela era corrente nas obras de Allan Kardec e da Sra. Blavatsky, secundados por inúmeros discípulos. O *linga sharirá* de uns, o *perispírito* de outros, podiam viajar sem o corpo físico e o faziam sempre durante o sono. Entretanto, que poderia haver de sério em tudo isso? Nada, positivamente. Nenhuma observação impecável podia citar-se. Agora, pelo contrário, deparava-se-me o feliz ensejo de observar um caso extraordinário. Mas, se o fato estava patente, a explicação me fugia. O fato, porém, afigurava-se-me indubitável. As coisas se passavam como se Leyre e Lúcia vivessem uma existência imaterial e pudessem ver, ouvir, sentir, quais criaturas realmente vivas. Sobre esses fatos fundava eu a esperança da cura. Assim, propus-me falar à Sra. Franchard, de feição a ser compreendido por Lúcia e, possivelmente, por Leyre. A primeira, ali estava corporalmente presente, em estado cataléptico; minhas palavras timbrariam-lhe os tímpanos e seriam retidas, ao menos, no subconsciente.

Quanto a Leyre, quer as ouvisse diretamente, ou por transmissão de Lúcia, também haveria de as

compreender. Meu intento era dar-lhes coragem, era fazer-lhes compreender a minha aliança, convencê-los de que por eles trabalharia na medida de minhas forças. Queria, enfim, prepará-los para a prova do casamento da jovem, que me parecia inevitável, diante da caturrice e do orgulho do barão. Mas queria, ao mesmo tempo, mostrar-lhes que a separação podia não ser definitiva e dar-lhes, a despeito de tudo, alguma esperança de futuro, posto que de mim mesmo nada esperasse. Para isso, de um só meio dispunha, que era o de atuar sobre o espírito da jovem, no sentido em que o seu misticismo conduzisse à ideação.

Importava-me, dessarte, fingir acreditar que a Virgem tudo fizera e não havia de deixar incompleta a sua obra, a despeito dos maiores óbices aparentes. Atuando desse modo, estava certo de cumprir o dever profissional de médico do corpo e da alma. Meu fito era curar a senhorita Franchard e consolar o rapaz, de quem previa o grande desespero.

Cerca de *11 YII* percebi que a enferma empalidecia e tomava aquele aspecto cadavérico assinalado pelo meu cliente. Rompi, então, o silêncio de mais de uma hora, para dizer à baronesa no tom mais natural deste mundo:

— Minha senhora, tenho meditado a respeito e cheguei a concluir que a Providência divina há- -de realizar seus desígnios, sejam quais forem os obstáculos humanos que se lhe anteponham. Demais, outros obstáculos não vejo além dos escrúpulos do barão, derivados da palavra empenhada, supondo que os preceitos de honra a tanto o obrigam. Porventura, pensa que seja impossível con- vencê-lo do contrário? E' claro que promessas deste teor são ipso *facto* condicionais e subentendem consentimento dos principais interessados. Estes podem, conseguintemente, até à hora do sim fatal, retomar sua liberdade.

— Ai de nós, doutor; meu marido não se deixará jamais vencer por esses argumentos. Não admitirá mesmo qualquer conselho a respeito, nem se conformará que lhes queiram ditar regras de conduta em questões que considera de honra.

— Mas, estando em causa a vida da filha?

Os olhos da baronesa se marejaram de lágrimas.

— Realmente, só num caso muito grave admito que o barão adiasse o casamento; mas, nunca que consinta em desfazê-lo. Certa estou de que jamais anuirá a qualquer outra união de nossa filha, o que vale por uma consagração de celibato e insulamento para ela, quando deixarmos este mundo.

— Mas, a senhora por si, penso, não se oporia ao que, na opinião do rev. Jauga, afigura-se um desígnio da Santíssima Virgem...

— O' doutor, certo que não; por mim, digo mais: — deixaria à minha filha, em qualquer hipótese, a liberdade da escolha. As mães sabem dos deveres matrimoniais o suficiente para não imporem às filhas ligações involuntárias.

Esta revelação, ingenuamente feita, deu-me muito o que pensar. O Sr. Franchard não teria sido um marido sempre solícito e carinhoso. Àquele espírito burguês, estreito, caturra, deveria faltar bonomia e condescendência. No casal Franchard predominara sempre, provàvelmente, a vontade do marido. Não obstante, atrevi-me a insinuar a rebeldia.

— Mas, à senhora também assiste o direito de intervir, e a mim me parece que seu marido não deixaria de atendê-la.

— E' que o senhor não o conhece bem de perto... Ele acabará sempre por fazer o que bem entender. Precatou-se logo da severidade do conceito na presença de um estranho e tratou de corrigir:

— Quero com isto dizer que acabará fazendo o que julga de seu dever. Conheço-lhe as condições e é por isso que afirmo a rigidez da sua vontade. Aliás, ele já se manifestou claramente à nossa filha.

— E o padre-cura não seria atendido ?

— Tão-pouco. O barão é familiar do arcebispado e, lá, tantas vezes tem ouvido Sua Eminência chasquear as ideias do bom cura, julgadas um tanto ingênuas, que acabou perdendo a confiança no

critério do padre Jauga, principalmente no tocante aos assuntos temporais. O nosso bom pároco é extremamente severo para consigo, tanto quanto indulgente com as faltas alheias. Imagine que é caritativo e tolerante até com as mães solteiras, ajudando-as a criar os filhos ilegítimos! Não... ele não terá autoridade para demover meu marido, que é inflexível, notadamente em matéria de conveniências sociais. Quantas vezes lhe tenho ouvido increpar a tolerância do padre Jauga.

— E' lastimável tudo isso, porque eu formo desse sacerdote um belo conceito; mas, neste caso, falarei eu mesmo ao barão.

— O doutor ousará fazê-lo? Pois desde já lhe asseguro que vai exasperar.

— Sinto muito, mas, não deixarei de levar às últimas trincheiras o meu dever profissional.

— Não o convencerá, creia.

— Tanto pior para todos...

Assumi, nessa altura, uma atitude solene e acrescentei:

— Pressinto que o consórcio se fará, graças à obstinação do Sr. de Franchard, mas, asseguro que ele não vigorará por muito tempo. A Vontade Divina — disse-o um tanto envergonhado da minha consciente e diplomática hipocrisia — há-de triunfar. Certo, todos vós tereis de experimentar rudes provações, tanto mais penosas, quanto mais resistirdes aos desígnios sobrenaturais... Mas, de qual* quer forma, eles prevalecerão...

Parece que esta linguagem impressionou a fundo a Sra. Franchard, que me fitou estupefata e, ao ver-me emudecer, entrou a repassar o seu rosário ... Revoquei-me às minhas anteriores reflexões, para considerar aquela magnífica figura de cera ali imobilizada a meu lado. Que mistério se operaria ali assim naquele instante? Quisera eu possuir a vidência das coisas invisíveis para ultrapassar este mundo, penetrar nessa quarta dimensão espacial, onde o astrônomo Zöllner buscava a explicação do inexplicável. O pensamento em conjeturas vagamundeava, galopava sem freios, a povoar de seres insuspeitados esse espaço tão distante e ao mesmo tempo tão próximo de nós. Era lá que precisávamos situar gênios e fadas, djins e peris, ko-bolds e lutins, ondinas e silfos, salamandras ígneas e pesados gnomos? Seria lá, que, espantadas da incredulidade humana, crescente e perversa, as ninfas amorosas, os faunos joviais, as dríades amigas das árvores e os sátiros de pés grifados procuraram refúgio? O devaneio prolongava-se evocando entidades maléficas ou benignas, que vivem nessas regiões interditas ao corpo, mas abertas ao espírito. Depois, acorriam-me as narrativas maravilhosas, cuja leitura tanto me prazia. Sem dúvida, repetia comigo mesmo, alguns forasteiros ousaram transpor a barreira que separa o plano imaterial do material. Na história de Sire de Coarraze, dizem que ele servia a um demônio familiar; mas o amor é, sobre todos, o ímã potente que atrai aos mortais os misteriosos seres do além. Ricas de casamentos maravilhosos são as lendas populares: a fada Melusina, esposa Lusignan, que acabou perdendo-a por excesso de curiosidade; o conde de Orgeveliers foi amado de uma fada, a condessa enciumada espreita o marido e surpreende-o adormecido ao lado de uma mulher maravilhosamente bela: impressionada pelo esplendor da amante de seu marido, não ousou despertá-la e apenas estendeu o próprio manto sobre o amoroso par adormecido. Ao despertar e dar com o manto, disse a Fada ao conde que não poderia mais voltar. Benedito, de Berna, Cardan, D. Diogo Lopes, Madalena da Cruz, abadessa espanhola e tantos, tantos outros, foram havidos por seres sobrenaturais, como amantes clandestinos. Destarte me flutuava o pensamento, indulgente com a imaginativa popular, cujo oculto simbolismo assaz me deleitava. Tais amantes irreais respondem, seguramente, às tendências humanas para ultrapassar os limites ordinários da vida. Mas a sua inconsistente ventura repousa numa ilusão e esvai-se logo que a curiosidade humana se alerta. E* sempre a história de Eros e Psique...

Súbito, a gentil enferma agitou-se. Ergui os olhos, ela acabava de esboçar um ligeiro movimento: suspirou a seguir e suavemente descerrou as pálpebras para fixar em mim a luminosidade de âmbar do seu olhar.

Sorri-lhe e me correspondeu com outro sorriso de tristeza.

— E' o senhor?! — muito prazer em vê-lo, meu caro Dr. Hertault. Saiba que me sinto muito melhor...

Tomei-lhe da mão, a pele se apresentava relativamente fresca, o pulso em ritmo tranquilizador.

— Ora muito bem... Livre, enfim, da crise, o que é preciso agora é dormir.

Amanhã de manhã, antes de partir; virei vê-la.

— Espere um instante, doutor, para que lhe expresse todo o meu reconhecimento.

— Reconhecimento de quê, e porquê, minha filha?

— Pelo que ainda há pouco dizia .

— Ouviu, então, o que eu dizia? Mas... como? Então não estava dormindo?

— Ora, o senhor bem sabe como foi que pude ouvi-lo... E virando-se para a baronesa: — mamãe, ainda uma vez cá estive a minha visita e a você também agradeço a sua bondade.

E ao dizê-lo, ergueu-se, os cabelos bastos em desalinho, abraçando-se comovedoramente com a baronesa.

— Pobre mãezinha querida! — eu confio na Virgem, sinto que devo obedecer a meu pai e assim farei, desde que ele o exija, mas, também estou certa de que a Virgem virá em meu socorro, quer tenha de sobreviver para bendizê-la, quer sucumba para me juntar a Ela.

— Não digas tolices, filhinha, e trata de te agasalhar. Afastou a filha, docemente, ajeitou-lhe cobertas e almofadas. Depois: — agora é pensar em dormir, conforme ordena o doutor.

— Mas, se não tenho sono, se quero contar-lhe o que me aconteceu?

— Neste caso — disse o médico — consinto que fale, mas, com a condição de procurar dormir, logo que termine. E, para começar, diga como é que sabe o meu nome.

— Há muito que o conhecia, de referência, e agora há pouco foi o meu visitante quem me informou que era o senhor a pessoa sentada a meu lado.

— Diga-me, então, o que fizeram ambos...

— O visitante chegou muito acabrunhado e foi ele quem me acalmou e adormeceu. Ao desprender-me do corpo, sentia-me perfeitamente bem, mas, ao vê-lo tão acabrunhado, tive vontade de chorar e abracei-o no intuito de o consolar.

— Que é isso, minha filha?! — disse a Sra. Franchard, um tanto escandalizada.

— E' verdade, mamãe; abracei-o e disse-lhe que não desanimasse j.. Foi isso justo no momento em que o doutor começou a conversar com você. Nós o escutávamos perfeitamente e o que ele disse nos encheu de coragem. Por mim, sinto que essa é a verdade e não tenho razões para duvidar da Santa Virgem. Como filha obediente, portanto, entrego-me à sua proteção.

— E, que disse a senhorita depois, enquanto eu meditava? — acrescentei com malícia...

— Consolei, reforcei o meu amigo, que não tem a minha fé para bem compreender os meus deveres. Agora, sei onde encontrar as energias que hei-de carecer, não para resistir à vontade paterna, o que seria um pecado, mas para me conformar com a vontade de Deus, sem duvidar da sua bondade.

E' uma alma cristã, bem o vejo. Levantei-me, coloquei a mão na sua frente e disse-lhe em tom afetuoso: — agora, durma e não desanime.

Despedi-me da baronesa concitando-a a repousar também, e fui deitar-me. Mal pude dormir, preocupado com o caso extraordinário que se me oferecia à observação. Os acontecimentos eram, contudo, muito recentes, muito complicados e muito dramáticos, para que pudesse ter deles uma noção clara. Refleti, depois, no que poderia dizer ao barão a fim de o convencer, e confesso que não encontrei um argumento capaz de lhe vulnerar a obstinação. Pressentia a inutilidade do esforço, mas o desejo de tentá-lo mantinha-se-me inabalável. Resolvi falar-lhe com toda a moderação e arriscar, de contrapeso, uma profecia. De resto, estava certo de poder profetizar sem perigo, visto que o Sr. Delile, o noivo, era um homem mundano, de atitudes corteses e delicadas, inteligência vulgar e vontade indecisa, tal como o descrevera Dussiron, que era autoridade no assunto. Se as visões da

moça não cessassem com o casamento, o futuro marido mal se haveria para representar o seu papel. A só ideia do possível impasse conjugal, não pude conter um leve sorriso. Mas, havia ainda um outro motivo a ponderar: era o caráter franco da jovem Lúcia, que bem poderia desabafar lealmente com o noivo, antes do casamento. E fora então possível que o Sr. Delile desistisse. Este, o tema das minhas lucubrações, naquela noite de insônia.

* Às 5 da manhã, enervado por essa obsessão, levantei-me disposto a respirar o ar frio do parque, a fim de acalmar pelo exercício a tensão dos meus centros nervosos. Vesti-me à pressa, desci e fiz destrancar a pesada porta do castelo. Fora, a noite apresentava-se límpida, a Lua brilhava ao poente, tornando cintilante a neve das ramadas e dos prados.

Ouvi passos, prestei atenção e reconheci o padre Jauga no vulto escuro que se aproximava.

— Pensei muito neste encontro, disse. Com certeza, o senhor, tal como eu, não pôde dormir e teve necessidade de sair... Como passou a menina?

— Deixei-a em repouso, inteiramente liberta da crise. Alguma dor de cabeça, fadiga talvez, por mais dois ou três dias, e estará curada.

— Oh! pedi muito à Virgem, em seu favor, porque, na verdade, é uma criatura adorável, que merece ser feliz.

— Pois saiba que a sua amiguinha também conquistou minha afeição. Advoguei-lhe a causa perante a baronesa, como melhor o não faria o meu caro abade. E' verdade que não deixei de temer a hipocrisia, de vez que falei em nome da Virgem, sem estar bem certo da sua autorização. De fato, a Santa Virgem — admitido que Ela exista — não deve eleger mandatários irreverentes, do meu quilate.

— Não diga assim, Dr. Hertault — murmurou docemente. — O senhor mesmo já afirmou que Deus julga intenções e não atos. Ele é pai indulgente e bondoso; nossa própria indulgência e bondade, por maiores que fôssem, não poderiam dar uma ideia da indulgência e da bondade infinitas. Ele perdoará ao senhor, que é bom, como perdoa aos maus, que o são, aliás, por não saberem o que fazem. Deus lhe destinou uma missão neste mundo e não pode agastar-se das suas crenças e opiniões, porque, além do mais, o senhor é filho d'Ele, como o são todos os homens. Na hora precisa, a sua graça o iluminará.

— "Amém! — e ri-me, porque me parecia que o bom do cura formulava simplesmente uma here-sia, atribuindo a Deus a paternidade de tudo que existe.

O sacerdote como que adivinhou meu pensamento, porque retorquiu:

— São Francisco de Assis chamava ao lobo seu irmão e orava com os passarinhos. Entretanto, não estou aqui para pregar um sermão. Estimo na sua pessoa um campeão da Santa Virgem e venho inteirar-me do que fêz e do que pretende fazer para que não desobedeçam aos seus sacratíssimos desígnios *rí*:

— Meu caro Rev., receio muito que a Virgem não triunfe logo de entrada. A Sra. Franchard está conosco, mas não há duvidar de que não tentará, sequer, intervir nas deliberações do marido. Quanto a Lúcia, essa, fará voto de mística resignação, e, se como espero, vier a criar uma situação insustentável para o esposo, não o realizará por si mesma, voluntariamente. Entretanto, improvisei-lhe uma mola, que funcionará automaticamente.

— Como assim?

— Não sei se me compreenderá, visto que, para explicar meu plano, tenho de fazer ponderações issaz estranhas aos seus estudos.

— Diga sempre...

— Fá-lo-ei sob sigilo profissional, meu caro padre: — o senhor sabe, quanto eu, que Lúcia Franchard é dotada de um temperamento particularmente sensível. Sistema nervoso de rara delicadeza, estou convencido de que ela representa um tipo acima da média comum. Dentro de cinquenta ou de mil anos, dado que a nossa civilização não se subverta por efeito de alguma crise, os sistemas nervosos deste teor serão mais frequentes. Eles irão aumentando à medida que a Humanidade se for

aperfeiçoando, visto que os progressos humanos se verificam com o aperfeiçoamento gradual do aparelho cérebro-espinhal. Dentro de mil ou dez mil anos — sei lá — mas, algum dia, seguramente, as criaturas serão mais sensíveis, mais impressionáveis. E sê-lo-ão também sem inconvenientes, porque a Humanidade será melhor, mais indulgente, mais tolerante, mais afável; respeitará muito mais a liberdade individual, tal como se não dá hoje, que o homem é impelido a impor aos outros a sua vontade. E' como se nos parecesse necessário obrigar todo o mundo a praticar o que se nos afigura virtude. Pretendemos fazer os homens virtuosos à força e acabamos punindo os que infringem as regras do catecismo social, que é o nosso código penal. Note que não estou fazendo crítica e sim constatando um fato. Contudo, há-de convir que temos uns tantos dogmas e castigamos todo aquele que os viola. Assim é que encarceramos a mulher que engana o marido, à revelia do seu consentimento como principal interessado, da mesma forma que o fazemos com o assassino, o bígamo, o contrabandista, etc.

O cura suspirou, eu prossegui:

— Volto ao tema inicial: as pessoas, cujo sistema nervoso é assaz vibrátil, estão sempre deslocadas em nossa atual Humanidade. E' o caso da nossa enferma... Essas pessoas sofrem muito mais, são atingidas por contrariedades e dissabores despercebidos à maioria dos homens. O delicado equilíbrio do sistema nervoso, condição necessária de sua esquisita sensibilidade, fàcilmente se rompe. Mas, também não há culpar os médicos, quando confundem esses espécimes, evolvidos, com os enfermos comuns.

Nove décimos dos meus colegas não vacilariam em diagnosticar neste caso uma histeria, da qual a paciente está absolutamente indene, pois não se trata, aqui, desta nevrose, ao demais vaga e pouco conhecida. Pois foi sobre essas particularidades de temperamento da menina Franchard que eu assentei o meu plano. Essas naturezas parecem dotadas de extrema complexidade: uma dga propriedades mais curiosas que elas apresentam é uma espécie de desdobramento das atividades mentais. E* como se possuíssem duas correntes de vida intelectual; uma, associada à consciência pessoal e normal; outra, que lhes fica aparentemente estranha; algo de comparável, enfim, a esses rios que apresentam dois cursos: um superficial, outro profundo. Ainda uma outra particularidade é a da aptidão para se integrarem numa ou noutra das vidas intelectuais. Quero com isto dizer que a consciência pode reunir num só feixe as duas referidas correntes. E como- isso raramente acontece com a consciência pessoal, a reunião se dá, amiúde, na corrente da vida intelectual oculta, que é a consciência integral, impessoal, ou seja a subconsciência. Essa consciência lata está para a consciência pessoal como o lago para o oceano; e o fato é que ocorrem, entre as duas consciências, permutas constantes. Assim como as águas do lago escoam para o mar e ao lago voltam, sob a forma de nuvens, chuvas, torrentes, assim também os atos psíquicos da consciência integral podem reaparecer na consciência pessoal sob as mais variadas formas, comumente sob a de impulsos e sugestões. Na maioria dos casos o impulso se realiza, o ato sugerido se completa sob a influência de uma força irresistível, que a consciência pessoal experimenta sem poder compreendê-la.

Mas... devo parecer-lhe bem sibilino, não é verdade ?

— O assunto é difícil, mas estou acompanhando-o.

— Pois bem: meu plano foi lançar no espírito de Lúcia a semente da resignação e da esperança. Estou presumindo que os primeiros tempos do casamento serão difíceis e penosos para o marido; mas, a vida em comum, as conveniências sociais, a noção do dever, hão-de constituir outros tantos agentes acomodatórios para a jovem desposada.

Falando-lhe à subconsciência palavras de esperança e com a autoridade de que me socorri para o fazer, operei uma tal ou qual sugestão indireta; e, quando ela despertou, convenci de que havia atingido o alvo. Se for preciso, ela se resignará, confiará no futuro... Oxalá pudesse conseguir outro tanto do Sr. Leyre, porque este, sim, não sei como se conformará com a provação que lhe está reservada.

— Tenho confiança na Santa Virgem — obtemperou o cura com a sua fé cega —, não há duvidar que Ela experimenta essas duas almas, para que granjeiem novos méritos e mais dignos se façam das alegrias que lhes reserva.

— Lúcia foi posta ao abrigo de toda e qualquer crise moral. E' possível que ela não seja tão indiferente quanto o presumo; que oponha ao marido quaisquer resistências, que, em serem inconscientes e passivas, não deixarão, ainda assim, de ser invencíveis. Se, qual o prevejo, os seus êxtases, ou antes — *transes* — continuarem, o Sr. Delile só terá diante de si um cadáver. Nessa hipótese, não há que desconsiderar grandes complicações que o barão vai engendrando com todo o seu pirronismo. Essa resistência passiva é a mola de que falei mais acima, destinada a funcionar automática e espontaneamente. Certo, bem quisera eu tentar o impossível, no intuito de romper uma união indubitavelmente infeliz e da qual a ausência de ventura será a menor das infelicidades. Tenciono, ainda, falar ao barão, mas antes de o fazer desejaria inteirar-me da personalidade do Sr. Delile, bem como das circunstâncias que decidiram o casamento, pois também ouvi dizer que o padre Fürster não era estranho a este negócio.

Notei que Jauga teve um leve estremecimento. A Lua baixava no horizonte e iluminava a paisagem com raios oblíquos. Silêncio e calma profunda em toda a Natureza. O sacerdote segurou-me o braço e conduziu-me a passos largos por um relvado distante, só parando depois de ganharmos o centro do prado. Aí, baixando a voz, disse:

— Não lhe mentiram: o Sr. Delile é, de fato, um perfeito cavalheiro. Educado pelos jesuítas, posto que não fizesse um curso brilhante, conseguiu bacharelar-se em ciências jurídicas. Tem o seu diploma registrado nos auditórios de Bazas, se bem que não advogue. Passa uma parte do ano em Nice e reside aqui nos seus domínios de Laferrière, de Julho a Janeiro. E' muito benquisto na região, por isso que afável e generoso. Sua família entre* têm velha amizade com a do Barão, mas a verdade é que ninguém augurava este casamento ao Sr. De* lile, tanto mais quanto mantinha ele uma ligação que ninguém ignorava, salvo, talvez, a noiva. Há poucos meses o Sr. Delile rompia com a Sra. Lídia d'Arrezo...

— A cantora italiana?

— Justamente.

— Cáspite! mas que bela criatura!

— Pouco depois desse rompimento o padre Fürster veio a Ferrière e ali passou três semanas. Isto sei porque ele andou visitando a maior parte dos meus paroquianos; e foi pouco antes de regressar que veio, pessoalmente, abrir conversações para o casamento do Sr. Delile.

— Mas, em que lhe podia interessar, a ele Fürster, esse casamento?

Evidentemente, o cura tinha grande receio do jesuíta, porque foi baixando a voz, ainda mais, que respondeu:

— Fürster é homem de vasta inteligência e de uma força de vontade invulgar: seu maior desejo é arrancar o país à administração dos homens que hoje o governam fazendo política anticlerical. Suponho que o seu objetivo é lançar Delile na política. O casamento com a menina Franchard acarretará copiosas relações de toda a aristocracia regional. O Sr. de Franchard é um nome acatado nesta zona, onde dá consultas grátis aos campónios, assume atitudes de Juiz de paz oficioso, e também não deixa de socorrer generosamente a muitos necessitados.

A baronesa e a filha são, por igual, estimadas, porque sabem dar não apenas o seu dinheiro, mas também os seus cuidados pessoais, o que mais cativa os nossos camponeses. O cálculo do padre Fürster é seguro, visto que, uma vez casado com Lúcia Franchard, o Sr. Delile terá insofismavelmente assegurado o seu lugar no Conselho Geral, com probabilidade de triunfo nas eleições do Legislativo.

Nada mais me fora necessário saber. Agradei ao Rev. o haver dominado os seus receios revelando os planos do trêfego jesuíta, que assim preparava a desforra católica. Certo, incumbia-lhe,

ajudado pelos correligionários, aliciar em cada departamento um candidato sério e disposto a preparar com grande antecedência a sua própria eleição. Considerei logo de mau augúrio a intromissão do padre Fürster no contrato de casamento. Ele não deixaria de quebrar lanças para objetivá-lo, ainda porque, correspondia a interesses da Igreja. Esses malditos frades não abandonarão nem mudarão os seus processos, por incapazes de compreender que são, eles próprios, autores da sua impopularidade.

Hoje, são eles mesmos que comprometem o Catolicismo, despercebidos de que um organismo coletivo é qual um organismo vivo, carecido de maleabilidade para se adaptar e subsistir, modificando-se com o ambiente.

A Europa do século XX não pode ser a Europa do século XVI.

Continuamos o passeio. No Oriente, a aurora purpureava a barra do horizonte. O frio aumentava, alguns pássaros começavam a cantar e uma brisa leve agitava as frentes altas, destacando-lhe3 do folheto partículas de neve.

Jauga foi o primeiro a romper o silêncio.

— Desejaria saber sua opinião quanto à verdadeira natureza do sonho, que parece reunir Lúcia e Leyre...

— Não tenho opinião que lhe possa satisfazer.

A hipótese mais verossímil, a meu ver, é a de uma comunicação de imagens e pensamentos, conquanto também a considere insuficiente.

— Porquê?

— Por dois motivos: ou a comunicação é voluntária, e neste caso nada explica os primeiros sonhos de Leyre, que era um desconhecido para Lúcia, ou a comunicação é involuntária e neste caso também não se explica como Leyre ignorasse, até aos últimos lances, que Lúcia era noiva. Se o cérebro da jovem estava aberto ao Sr. Leyre, se ele ali podia haurir imagens e lembranças, tal como fazia ao próprio cérebro, como justificar lhe escapasse uma circunstância de tal monta para ele?

— Então o doutor duvida de que as almas de um e outro possam momentâneamente deixar o corpo?

— Isso é coisa que muito me custa acreditar.

— Contudo, há-de convir que, admitida a veracidade dessa hipótese, tudo mais seria inteligível, isto é, os dois jovens se teriam comunicado em espírito, teriam permutado seus votos, qual o fazem duas pessoas que se conversam naturalmente. Os objetos materiais seriam percebidos pela vista espiritual, tanto como os sons pelo ouvido espiritual, etc. Nem seus Espíritos, imateriais, seriam detidos por quaisquer obstáculos, e poderiam de um lance visual abranger e franquear grandes distâncias.

Fêz-me, a seguir, longa preleção para explicar o milagre da bilocação, citou Antônio de Pádua, que, em 1225, pregou em Montpellier, ao mesmo tempo que cantava missa em seu convento. Vieram, a seguir, S. Francisco Xavier, S. Martinho de Tours, Ângelo d'Acii, José Copertino... Insistiu em Santa Ludovina, que ia todas as noites peregrinar em espírito pelos lugares santos, caso em que o transporte real do corpo espiritual ficava patente, de vez que, quando acordava, encontravam-lhe no corpo físico as lanhas feitas por espinhos no corpo espiritual. E prosseguiu, ainda, com as histórias da espanhola Maria d'Agreda na catequese dos selvagens americanos.

Estes fatos — disse ao terminar — são idênticos ao da menina Lúcia. Os milagres desta espécie são interditos ao demônio, que apenas pode operar translações instantâneas. Esta, pelo menos, a opinião dos melhores teólogos, e a razão, ou melhor, uma, das razões que me persuadem da intervenção da Virgem Santíssima neste caso da minha jovem penitente.

Jauga discorrera com vivacidade e convicção surpreendentes.

Via-se que o seu espírito se movia à vontade dentro dos meandros da Mística, e que sua alma bonachona e cândida aí se abeberava de uma fé robusta. Era o segredo todo daquela bondade ge-

nerosa. Suscitar-lhe qualquer dúvida, fora para mim uma falta grave, que a mim mesmo haveria de reprochar.

— Talvez tenha razão, meu caro abade. Não há negar que a Mística tenha penetrado mais fundo que a Ciência nestes fenômenos misteriosos da Me-tapsíquica. Vamos, porém, ao café.

E encaminhámo-nos à cozinha, já em atividade. Ali nos serviram café com leite e bolos, por sinal, saborosíssimos. O pároco não quis quebrar o jejum para a sua missa das 8. Deixou-me logo, não sem prometer uma próxima visita. Aqueci-me sem cerimônia junto ao fogo de sarmento que ardia no enorme fogão, a fumar o meu cigarro e a pensar em tudo quanto me dissera o sacerdote. Por volta das 7 y₂ vieram prevenir-me de que Lúcia se havia levantado. Fui encontrá-la mais bem disposta do que poderia imaginar. Queixava-se ainda de peso na cabeça, mas a febre desaparecera inteiramente. A baronesa, essa, ainda dormia, entregue a um repouso aliás merecido. Achava-me assim, portanto, a sós com a moça e na expectativa de lhe ouvir qualquer confidência. A confidência não veio... Agradeceu-me, ainda uma vez, e reafirmou a sua esperança na Virgem. A respeito de Leyre nem uma palavra. Não foi sem inquietação que me despedi. Lúcia conjugava, admiravelmente, a submissão materna com a teimosia paterna. A educação e os pendores religiosos haviam ganho tal ascendente no seu raciocínio normal, que os deveres de filha obediente à vontade paterna deveriam aparecer-lhe como imperativo indeclinável. Mas, que se passaria na esfera subconsciente do seu pensamento? Para mim, claro estava que, sob a superfície aparente da resignação, da calma, do respeito às conveniências, ela dissimulava sentimentos mais profundos, sem dúvida desconhecidos da própria consciência normal.

Essa personalidade oculta, que radicava na personalidade comum, na qual se abastecia de todos os elementos de atividade psíquica, figurava-se-me possuir uma têmpera mais voluntariosa.

Razão de sobra para não duvidar do futuro conflito dessas duas personalidades. O que eu não podia era prever como terminaria o prélio, ignorando, como ignorava, os recursos de que se poderia valer a vontade inconsciente.

Absorvia-me nessas cogitações quando, na biblioteca, me apareceu o barão de Franchard. Manifestei-lhe logo o desejo de conversarmos em particular, antes que me fôsse. Anuiu de pronto e, como que prevendo a natureza da minha confidência, tomou uns ares mais graves, mais solenes.

Aliás, parecia já se não preocupar com o estado da filha, cujas melhoras rápidas lhe davam ilusões sobre a natureza do mal. Evidentemente, escapava-lhe o sentido de qualquer perigo eventual.

— A menina já está de pé, senhor barão.

Exordiei assim com o título, como a querer valorizá-lo...

— Já sei, meu caro doutor, e resta-me agra-decer-lhe os seus cuidados.

— Todavia, permita chame sua atenção para os perigos que poderiam sobrevir, dado que haja qualquer constrangimento moral atuando sobre sua filha. Trata-se de uma natureza muito nervosa, muito sensível, quanto delicada e impressionável. O senhor mesmo teve ocasião de observar a intensidade das suas emoções. O dever profissional obriga-me a frisar esta circunstância, que requer a máxima consideração.

— Agradeço-lhe 'a solicitude que revela pela saúde da minha Lúcia, e fique certo de que tenho em grande apreço a sua advertência, quando haja de tomar alguma resolução atinente ao seu futuro.

Era evidente que o barão queria arrolhar-me. Nem havia como iludir-me a respeito, mas também eu não estava disposto a abandonar tão facilmente a partida. Foi, assim, com o ar mais prazenteiro, que agradei e tive vontade de rir, quando lhe surpreendi a fisionomia... E' que tivera ele a intenção de manter-me a distância e eu afetava compreender o contrário!

— Sinto-me grandemente honrado com o conceito que empresta à minha opinião. Sei que é um excelente pai e que o seu grande coração não deixará, jamais, de se fazer ouvir; mas, não é apenas para exprimir a minha opinião, quanto à oportunidade de examinar os projetos, concernentes à senhorita Lúcia que procurei adverti-lo. O que eu desejaria era assinalar à sua previdente solicitude as

consequências que poderiam resultar do próprio casamento.

Visivelmente impacientado, o barão desabafou majestoso:

— Essas consequências, senhor doutor, foram por mim previstas, examinadas, pesadas e medidas. Aliás, só poderiam ser vantajosas para minha filha.

Fique certo de que o pai da menina Franchard só teve em mira o futuro da filha. Se, pois, julgou convinável o partido que se lhe propôs, é que nele viu e encontrou as desejáveis garantias.

Nas famílias que, como a de Lúcia Franchard, se respeitam as tradições, o critério das conveniências não comporta, unicamente, a satisfação dos infantis desejos da noite, porque abrange e colima ideais mais amplos e mais complexos. Nossas famílias formam uma vergôntea do tronco mesmo, da força nacional!... E' do mais alto interesse, para o país, que essas vergôntees sejam unidas e apertadas em seus liames.

Hoje, essa necessidade se impõe mais premente que nunca, nossos deveres se tomaram mais numerosos e mais pesados. E* preciso, senhor doutor, fazer parte destas famílias para ter uma ideia da latitude dos seus deveres e sacrifícios, que a hierarquia do sangue lhes impõe.

O barão de Franchard, bisneto do convencional, exprimia-se como se fosse um duque ou par do reino.

Convencido estava eu, naquele momento, de que ele não falava só por si; que lá dentro do seu encéfalo devia palpitar algum fragmento do padre Fürster...

— Não tenho como vós, Sr. barão, a honra de pertencer a uma família que tanto se ilustrou ao serviço da França (e neste lanço guardei todo o meu tesouro de sisudez, ao falar desse heroísmo), mas, creia que compreendo as necessidades e injunções a que alude, pois é justamente em prol delas que me movo... O Sr. barão se engana — perdoe-me dizer-lho — quanto ao sentido da minha atitude, que tem um duplo objetivo: o primeiro é chamar sua atenção para os cuidados que exige a saúde de sua filha; o segundo não concerne senão à sua família.

Percebi que ele não contava com esta resposta, porque uma sombra de inquietação lhe desmanchou a compostura fisionômica.

— Suponhamos realizado o casamento: está o Sr. Barão convicto de que a enfermidade não reapareça? Refiro-me, bem entendido, às consequências imediatas. Preciso minudenciar para ser bem compreendido...

E, à medida que eu falava, ele se mostrava inquieto, a fitar-me com aqueles seus olhos redondos, grandes, salientes.

— Suponha o Sr. Barão que, no curso dos acontecimentos a que me refiro, estale uma crise nervosa; suponha que Lúcia caia nesse estado cataléptico de ontem; suponha que um médico seja chamado. .. Sabe o que esse médico virá dizer ao seu genro ?

A fisionomia do pobre homem perdera toda a compostura. Evidentemente, ele não previra a minha argumentação e sentia-se embaraçado para responder a ela. E' mesmo possível que ainda não tivesse compreendido o que lhe queria dizer. Acreditei dever insistir:

— O médico dirá, simplesmente, que a menina Lúcia está atacada de histeria, em uma das suas formas mais perigosas.

A palavra *histeria* desconcertou o meti interlocutor, que devia tê-la em mente, não como modalidade de nevrose, polimorfa, mas no sentido particular que o vulgo lhe empresta.

— Minha filha, histérica!? — balbuciou.

— E' o que vão sentenciar todos os médicos, posto que outra seja a minha opinião pessoal. Eu sou, porém, uma exceção em medicina, sob este ponto de vista. Portanto, o que os colegas dirão ao Sr. Delile é que a sua jovem consorte foi atingida de grave histeria, e que só poderá tratar-se numa casa de saúde.

O barão não dissimulava o seu horror e eu acreditei haver dito o bastante. Levantando-me, acrescentei: — o médico, interessado em elucidar os que apelam para a sua ciência, tem penosos

deveres a cumprir. — Acabo de me exonerar de um desses deveres e peço me perdoe a franqueza rude, mas necessária. Sei que estou tratando com um homem prudente, assisado, e contento-me só com o lhe haver despertado atenção, para que tome decisões maduramente ponderadas... Passe bem, senhor barão, e receba meus agradecimentos pela gentileza do seu acolhimento.

Ele, porém, não queria deixar-me partir. Tomou fôlego e disse:

— Um momento ainda. O senhor me impressionou bastante... Lúcia, histérica! — que escândalo, meu Deus!

— Mas, eu não disse que sua filha era uma histérica e sim que o diagnóstico imposto à maioria dos médicos era esse.

— E poderemos curá-la?

— Mas não há curar moléstias que não existem: basta criar-lhe uma situação tal que não permita a eclosão de crises nervosas.

— Pensa o senhor que ela possa ter essas crises depois de casada?

— De absoluto nada posso afirmar. Considero a eventualidade possível, simplesmente. Sua filha, repito, é extremamente sensível.

O barão parecia reanimar-se.

— E não haverá meio de corrigir essa sensibilidade?

— Nenhum. E' tudo uma questão de tempo, de higiene física, tranquilidade de espírito, maternidade, mas, bem entendido, maternidade desejada e não constrangida. Brometos e calmantes, neste caso, apenas atuam de passagem e o seu uso persistente acaba sempre por agravar o mal em vez de o melhorar. Reflita em tudo quanto tenho a honra de expender, e, já agora, permita que me retire.

Deixei-o entregue às suas reflexões e retirei-me em companhia do colega Dussiron. Não estava nada expansivo, confesso-o, pelo que, depois de me haver mimoseado com alguns brocardos amistosos e alusivos à minha austeridade, o colega sé deteve e respeitou-me as preocupações, tanto que as pressentiu sérias.

— Adeus, Hertault! — disse, ao nos separarmos. — Vejo que você não se eximiu aos encantos de Lúcia e está preocupado com o futuro dela. Aquele toleirão de pai há-de sacrificá-la aos seus tabus, creia; e não se preocupe mais com isso. Ainda teremos de ver outros muitos casos idênticos, acrescentou com a sua habitual pachorrice.

Longe estava eu, porém, de compartilhar aquele cepticismo. A verdade é que me afeiçoara a Leyre e experimentara os encantos de Lúcia. Desejaria que fossem felizes e dava tratos à bola para descobrir um plano adequado à sua união.

Ao meio dia, Leyre veio visitar-me e dei-lhe notícias tranquilizadoras, para as quais estava preparado pelo sonho da véspera. Reproduziu, *ipsis verbiStja* conversação que entretive com a baronesa, como se realmente a ela houvesse assistido. Repreendi-o amavelmente por não me haver feito confidências completas, respondendo que, nas suas entrevistas espirituais — para me servir da linguagem do abade Jauge — sempre manteve Lúcia ao corrente da minha intervenção. Mas, a sua visita tinha um fim expresso, porque recebera uma carta do Sr. Franchard rogando-lhe a remessa do rosário e agradecendo prèviamente, com exagerada polidez.

— Escreva ao barão que o rosário está em meu poder e dê-mo para que o expeça ao seu destino.

Leyre começava a depositar em mim uma confiança cega: entregou-me logo o rosário, do qual fiz um pequeno embrulho, que remeti ao padre Jauga, pedindo-lhe encarecidamente que só o entregasse a Lúcia. Procurei, tanto quanto possível, consolar o rapaz, que se mostrava assaz acabrunhado.

— E' preciso ter mais presença de espírito — disse-lhe. — Tudo acabará bem. Não vejo meios de evitar o casamento, e até desejo que isso se realize o quanto antes, pois nele vejo as premissas da sua felicidade futura. Deixe que os acontecimentos prossigam em seu curso natural. Duas coisas lhe peço: a primeira é que trabalhe com afinco, a fim de tornar o mais recomendável possível a sua posição social. Trate de conseguir, com as suas experiências químicas, a substituição do ácido

sulfuroso por substância equivalente, de eliminação mais fácil, veja se o seu saber técnico lhe permite descobrir algum processo útil à Empresa que o consultou. Faça, enfim, alguma coisa que o coloque em destaque social. A segunda coisa que lhe peço é que me traga sempre ao corrente dos episódios que sobrevierem nos sonhos. Refiro-me, claro, aos que mereçam atenção. Todas as manhãs, faça-me o favor de minutar o acontecido. Hei-de precisar, mais tarde, de um relatório minucioso de tudo isso, para defender a sua causa como tenciono fazê-lo. Aguarde confiante o desenrolar dos acontecimentos.

A segurança da minha palavra parece que impressionou o rapaz. No dia seguinte não obtive dele mais que um breve recado, para dizer que *os sonhos haviam cessado desde que lhe faltara o rosário*. Por outro lado, recebi carta da Sra. Franchard informando-me de que o casamento fora adiado para 15 de Março. Estava na expectativa de que o barão se arrependesse, quando, a 29 de Fevereiro, recebi uma carta de Jauga, anunciando-me sua visita para o dia seguinte, à noite, e pedindo-me sigilo. Essa visita, assim anunciada com reservas, excitou-me a curiosidade e, nunca, mais longas me pareceram as horas que a precederam. Finalmente, naquela noite, retardei o jantar e o padre quando chegou eram 8%, alegando já ter jantado.

— Tenho muita coisa a contar-lhe — foi ele dizendo. — A primeira é que o consórcio está irrevogavelmente apazado para 15 de Março. Isto, devemos-lo ao Rev. Fürster... Cá por mim, receio muito que o zelo pelos interesses temporais da Igreja não oblitere no espírito desse digno e sábio sacerdote a noção dos interesses espirituais. As suas intenções não podem deixar de ser excelentes, visto que Deus não terá servo mais zeloso, mas eu temo que esteja inconscientemente contrariando os desígnios da Virgem Santíssima.

Impaciente por inteirar-me dos fatos, lamentei intimamente que o padre se deixasse assim levar para o terreno místico e tratei de lhe cortar a dissertação, dizendo:

— Deixemo-nos disso, meu caro e bom amigo. A Virgem é assaz poderosa para fazer valer os seus desígnios, à revelia do nosso concurso. Conte-me os fatos, só fatos, pois é em fatos firmados que havemos de assentar a nossa conduta.

— Pois bem: alguns dias depois de sua visita a Balizac, a menina foi procurar-me ao Presbitério e contou-me o que se segue, pedindo que lho transmitisse: — que entrara em explicações com Delile demonstrando-lhe o escrúpulo que lhe causava uma união tão precipitada; depois de lhe contar lealmente os sonhos, não ocultou a inclinação que tinha pelo Sr. Leyre, o desejo mesmo de o esposar, se o pai a isso não viesse opor-se. Delile, bastante mortificado, não lhe teria feito objeção de maior, e somente pediu não rompesse, em definitivo, um projeto que ele afagara de coração, não lhe exigindo mais que um adiamento para 15 de Março. Acabaram acordes e foi o próprio Delile quem propôs ao barão e obteve, sem relutância, o adiamento. Foi nesse comenos que recebi o rosário e o entreguei em mão da menina. Tudo parecia acalmado e eis que, há poucos dias, o padre Fürster apareceu em Laferrière. Ignoro, mas presumo, ou antes — adivinho o que ele deveria ter dito ao antigo discípulo. O fato é que o Sr. Delile modificou a sua atitude e foi-se tornando mais exigente. Creio que conferenciaram os três: ele, o barão e o padre Fürster. Após essa entrevista, Lúcia foi chamada à sala pelo barão, que lhe declarou que o casamento não podia ser transferido além do prazo admitido. Ela nada respondeu, rendeu-se à vontade paterna. Contudo, dirigiu-se ainda uma vez ao noivo, mas este manifestou-se assaz embaraçado e falou-lhe do seu afeto, da confiança que depositava na sua futura mulher, da nenhuma importância que tinham os sonhos, e, finalmente, da diferença de linhagem entre ela, a filha do senhor barão de Franchard, e o jovem Leyre. Aludiu, depois, às in-junções sociais, à necessidade de conjugar as forças conservadoras para contrabater p ateísmo e a anarquia. Falou, ao que parece, como se o futuro da França e o da Igreja dependessem da sua ligação com a família Franchard.

Lúcia, que é uma menina inteligente, compreendeu logo de onde provinham tais argumentos. Atacou, resoluto, o padre Fürster. Testemunhei a entrevista, porque não queria vê-la arrostar sôzi-

nha com aquela penosa provação. Fürster portou-se com benevolência e procurou dissuadi-la de resistir à autoridade paterna. Que visse, em tudo, as artimanhas do demônio; era ele, o demônio, que lhe estava a toldar o raciocínio.

Eu quis protestar, invoquei a autoridade de Suarez e a opinião do abade Ribet, para demonstrar ao douto jesuíta que a translação instantânea do Sr. Leyre não podia ser atribuída a Satã, por excedente ao seu poder. Lembrei-lhe de que as visões se manifestaram após o achado de um rosário abençoado. Ganhei com isso enérgica reprimenda. Fürster disse-me, com toda a unção, que muito lamentava não poder concordar comigo; que já havia submetido o caso a Sua Eminência e o Cardeal se mostrara contrariado por ver um sacerdote da sua diocese envolver-se em assuntos estranhos ao seu ministério. Surpreendera-se, mesmo, ao saber que eu atribuía à Virgem uma qualquer intervenção miraculosa, e quis saber se eu tinha inteirado desses fatos os meus superiores hierárquicos, antes de emitir uma opinião evidentemente prematura e talvez infundada. Chegou a declarar que S. E. tivera a ideia de me remover da paróquia e só não o fizera graças à intercessão dele Fürster. Era a ameaça velada, mas definida. Calei-me. Estou velho e meu desejo é findar meus dias no rincão em que resido há 35 anos. Confesso que o padre Fürster não abusou do seu triunfo. Disse a Lúcia, simplesmente, que a Virgem não podia estimular na filha piedosa a desobediência aos pais. Falou da religião, da resignação, das cruces e provas a aceitar com alegria nesta vida efêmera, para assegurar a eterna felicidade na outra vida.

Convidou-me a acompanhá-lo e concitou-me a que me mantivesse neutro, repetindo que S. E. não estava satisfeito comigo.

Aí tem, meu caro doutor, o que Lúcia me incumbiu de informá-lo. Pediu-me, mais, lhe dissesse que, aconteça o que acontecer, a sua confiança na Virgem será sempre inabalável.

Agradei ao sacerdote, ao mesmo tempo que lhe assegurava toda a discrição, certo como estava da imprudência daquele seu passo, visto que as ordens religiosas tinham agora, mais que nunca, forte prestígio no Vaticano, para que um simples padre secular se lhes atravessasse no caminho. E dizer-se que era a mim que tocava lutar com essa gente! Doía-me ver assim perdida a primeira cartada. .. Considerei inútil intervir junto do padre Fürster. Conhecia-lhe de sobra a reputação de homem enérgico, inteligente, hábil, mas cujo critério claudicava por efeito da educação monástica. Nem arma qualquer me sobejava com que o atacasse, nem proposta alguma que lhe fizesse. Entretanto, cumpria' encontrar essa arma de triunfo, ou encontrar uma compensação de transigência. Embora... Uma vez na liça, não me fora dado desesperar. Chegaria muito tarde, talvez? Mas, como tomar a ofensiva antes de adquirir armas eficientes? Agir prematuramente seria, talvez, inutilizar quaisquer possibilidades de vitória ulterior. Tinha que resignar-me, esperar, mas, confesso, dentro de mim gritava um céberno. Uma só coisa me consolava: é que encontrara o velho colega e amigo Durieux, que me falou de Leyre num pleno afã de pesquisar sobre o ácido sulfuroso sem algo encontrar definitivo, mas, em compensação, descobrindo um novo processo de simplificação para fabrico do produto cuja análise lhe fora encomendada por uma poderosa empresa. Essa adquirira o privilégio da descoberta e pagara a Leyre uma boa soma, pretendendo mesmo associar o jovem químico com a oferta de grandes proventos. Durieux, entretanto, houvera por bem reter na Universidade o seu futuroso discípulo, concitando-o a recusar as propostas e encarregando-se ele mesmo de conseguir uma combinação mista. E assim é que conseguira da empresa a fundação e custeio de uma cátedra de química industrial, com a condição de ser regida pelo doutor Leyre. Em compensação, este se comprometeria a dar à empresa o monopólio exclusivo das suas descobertas. Por mim, teria preferido para o meu jovem cliente a sua fortuna e independência; mas Durieux, velho catedrático universitário, entendia que a ambição do químico devia estar mais que satisfeita com a provisão de uma cátedra universitária. O negócio ainda não estava ultimado, mas parecia certo.

Durieux achava que Leyre mostrava-se muito apreensivo, taciturno e um tanto indiferente aos seus triunfos. Sem embargo, trabalhava 18 horas por dia e só abandonava o laboratório quando exte-

nuado de fadiga. Não sabia mesmo se ele dormia, e como poderia dormir...

Pedi-lhe, então, que procurasse observar atentamente o seu dileto discípulo e o aconselhasse a não exaurir-se no trabalho.

Durieux despediu-se confessando que não acreditava em casos passionais; mas, se assim fôsse, tanto melhor, visto que são estados passageiros.

Eu, porém, tinha a respeito do rapaz uma opinião bem diferente.

Preocupado com o que lhe pudesse ocorrer no dia do casamento de Lúcia, convidei-o a jantar comigo nesse dia. Pedi-lhe que trouxesse consigo suá velha genitora. Esta, contado, percebendo que o ffilho preferi?ia ficar âf sós' comigo, esquivou-se de o acompanhar-

Contràriamente ao *que »esperava, Leyre se me apreseòtou bem disposto, quase alegre. Tive logo a chave do enigma, quando ele me mostrou uma caixinha com o *rosário de corale* e um papelucho azul, no qual se liam estas palavras: — *fiel lembrança. .. Lúcia.*

Aquilo lhe dera novo alento, ele se mostrava mais expansivo, bebeu e comeu com apetite, para adormecer logo após, ali mesmo, numa poltrona.

O pobre rapaz tinha passado tantas noites em claro que eu resolvi, desde logo, cerrar a porta do gabinete e deixá-lo repousar até às 7 horas, enquanto trabalhava a seu lado.

Notei, dentro em breve, que as feições se lhe tornavam cadavéricas, ou seja, aquele mesmo aspecto por mim observado em Lúcia Franchard.

Percebi que ia ter novidades... De fato, ao despertar, foi logo dizendo:

— Vi-a, doutor! vi-a!... E, conquanto estivesse acordada, também ela me viu e me falou!

— E que lhe disse?

— Que já estava casada, mas, sem embargo, mantinha as suas esperanças.

Eles partiram hoje às 1 horas para Granada, pelo Sul-expresso.

*

* *

Passaram-se depois oito dias sem que eu tivesse qualquer notícia de Leyre. Começava a tranquilizar-me a seu respeito, mas, escrito estava que essa trégua não seria duradoura.

E assim foi que a imprevista catástrofe não tardou a estalar qual um raio.

TERCEIRA PARTE

No dia 24 de Março, pela manhã, o Dr. Durieux veio buscar-me a toda pressa, porque o discípulo se achava gravemente ferido, presumindo-se que houvesse tentado suicidar-se.

Mais que surpreso, como se pode imaginar, saltei da cama e, mesmo em chinelas, meti-me num fiacre, munido do meu estojo de emergência.

Ao chegar aos aposentos de Leyre, deparou-se-me a mãe do rapaz ajoelhada junto do leito e soluçante.

Pálido, de uma palidez de cera, o rapaz tinha as vestes e as cobertas empapadas do sangue que lhe manara de extenso ferimento no peito.

Desacordado ainda por cima! Durieux providenciara: — água fervida, água oxigenada e o mais necessário, enfim, para que se procedesse a uma intervenção rápida.

O ferimento incidia na cavidade subclavicular esquerda, região particularmente melindrosa, devido os grandes vasos que a atravessam — a artéria e veia subclavas. Verifiquei que o ferimento em sentido oblíquo, de dentro para fora e de baixo para cima, fora produzido por faca ou punhal; e mais que não era profundo, havendo a lâmina resvalado pela aponevrose clavipeitoral, apenas interessando os feixes do músculo superficial do grande peitoral. A hemorragia abundante que sobreviera, pareceu-me devida ao seccionamento de alguns ramos da artéria acromo-torácica. Tratei logo, portanto, de tranquilizar a Sra. Leyre e o colega Durieux. Não se tratava, felizmente, de ferimento

mortal, mas, por maior segurança, mandei chamar o professor Vilanova, cirurgião notável, que me confirmou o diagnóstico.

— Quem feriu este rapaz? — e perguntou ele.

— Respondi que o rapaz mesmo, provável- mente.

— Mas eu discordo, porque se o golpe fôsse desferido com a sua própria mão, a incisão não se daria em sentido oblíquo ascendente e externo, qual o vemos. Esse golpe, portanto, só poderia ter sido vibrado por outra pessoa colocada em frente e à direita da vítima.

— Mas, não é possível — atalhou a Sra. Leyre — porque meu filho se deitou ontem às 21 horas e não mais saiu do quarto. Por outro lado, ninguém penetrou depois em nossa casa, cujas portas eu mesma fechei cuidadosamente, e hoje de manhã, quando dei entrada à criada, as trancas e ferrolhos estavam intactos.

— Uma coisa posso assegurar — replicou o professor: — e vem a ser que não foi este rapaz que a si mesmo se feriu.

Por minha parte, compreendia o raciocínio do colega, achava-o perfeitamente lógico. Se Leyre se houvesse golpeado a si mesmo, a direção do ferimento só poderia ser perpendicular ou oblíqua, de fora para dentro e de cima para baixo, a menos que se pudesse conjeturar um minucioso estudo do movimento necessário, para simular outra mão criminosa.

— Mas... onde está a faca? — pergunta Vilanova.

— E a Sra. Leyre: — ninguém a encontrou.

— E' esquisito —olveu o cirurgião — enquanto pensava o ferimento. Hertault, vá arranjar um litro de soro para injetá-lo, enquanto aplico estas ampolas de éter e cafeína.

Meia hora depois, feita a injeção, Leyre abriu os olhos sem dar mostras de haver recuperado os sentidos. Em vão tentaram arrancar-lhe uma palavra. Permanecia em estado de completa obnubilação, aliás, inexplicável.

— Nunca assinalei um estado de choque tão profundo senão nos grandes traumatismos — disse o cirurgião. — Temos que aguardar possa ele mesmo dizer o que se passou. Agora, é preciso evitar- -lhe toda e qualquer fadiga.

Retirámo-nos deixando o ferido aos cuidados da Sra. Leyre e de uma enfermeira. Vilanova confirmava serem a copiosa hemorragia e a persistente atonia intelectual os únicos sintomas inquietadores.

— Surpreende, na verdade, uma tal quantidade de sangue, quando os vasos abertos são de fraquíssimo calibre e daqueles que geralmente se obturam por si mesmos. Neste caso, nenhum grumo se formou, como se o sangue ficasse fluídico por longo tempo... Será hemofílico este rapaz?

— Absolutamente — respondeu Durieux —, muitas vezes se tem ele cortado, sem sangrar fora do normal.

— E' curioso! essa hemorragia me desconcerta e acho que aquele estado de choque é mais profundo do que o admissível pelo ferimento e conseqüente à hemorragia. Mas, enfim, havemos de chegar a uma conclusão em tudo isto. Contudo, que diabo poderia tê-lo ferido? A não ser que a mãe esteja iludida, é forçoso admitir que ele já se deitasse ferido; mas esta hipótese é também inconcebível, porque, nesse caso, haveria sangue por todos os lados. Temos que admitir que o bandido penetrasse no quarto ocultamente. Alguma amante ciumenta, quem sabe?

— Isso não — disse Durieux; — posso garantir que Leyre não tem amantes.

— Como pode garanti-lo, colega? — olhe que as boas partidas não se contam nunca, e as mulheres quando dão para ciumentas têm o demônio no corpo.

Íamos a sair, quando bateram à porta e a criada nos apareceu toda assustada, para dizer que o comissário aí estava.

— E Durieux, logo: — a polícia! — era o que faltava... Mas vocês fiquem, por favor não me deixem só com a prebenda.

O comissário era um tipo alto, representando 50 anos, porte de guarda civil. Acompanhavam-no dois agentes.

— Queiram desculpar, senhores, mas todo o quarteirão está em alvoroço com o boato do assassinio ou suicídio do Sr. Leyre, e, de qualquer forma, cumpre-me proceder a inquérito e corpo de delito.

Vilanova tomou a palavra e comunicou o que sabíamos. A Sra. Leyre e a criada passaram a depor.

— Pois bem, senhor comissário, que julga de tudo isto? — perguntou, finalmente, o meu colega.

— Di-lo-ei, senhor professor, depois de examinar o quarto do ferido. Poderiam transferi-lo para o leito da Sra. Leyre?

— Perfeitamente, não há inconveniente maior em o fazer.

— Permite a senhora que também façamos algumas pesquisas no seu quarto?

— À vontade, senhor comissário.

Auxiliado pelos agentes, o comissário examinou atentamente a modesta habitação, composta de dois quartos, um gabinete, sala de jantar, cozinha e um pequeno cômodo escuro. Em parte alguma encontraram vestígios de violência: as trancas tinham sido colocadas e retiradas pela própria senhora Leyre e a criada ouvira o ruído peculiar desse trabalho. As janelas haviam ficado fechadas de véspera, além de que, os quartos eram no segundo andar, o que dificultava a escalada externa. E, ao fim de tudo, o instrumento do crime desaparecera!

O comissário estava visivelmente entalado.

— Tentativa de suicídio... devendo a arma encontrar-se na privada.

— Impossível, porque não foi o rapaz que se apunhalou..,

— Entretanto, senhor professor, as minhas observações levam-me a crer que ninguém poderia introduzir-se no aposento, a não ser a Sra. Leyre.

— Mas isso é um absurdo! — exclamou Durieux.

— Penso com o senhor, volveu o comissário. Isso mesmo hei-de assinalar nos autos. Enfim, estamos diante de um caso bem enigmático, bem obscuro — repetiu, ao retirar-se.

Vilanova, que ainda tinha de operar no hospital, retirou-se em seguida, prometendo voltar. Durieux, esse, estava visivelmente preocupado.

— Precisamos evitar que a policia venha aqui meter o bedelho — disse-me.

— Vou falar, ao Procurador da República — respondi. Precisamos apresentar o fato como acidente inexplicável. De resto, não lhe poderíamos atribuir outra feição. A policia fêz todas as diligências materiais | não há urgência em agir judicialmente.

— E' também a minha opinião.

Leyre adormecera. Julgámos inútil nossa presença; partimos.

E foi, depois, todo um dia de atribulações para mim. Por mais que o tentasse, o pensamento não se me destacava do problema que o incidente daquela noite me impunha à curiosidade. Sem embargo da confiança que a palavra de Vilanova merecia, eu não podia deixar de admitir a hipótese de suicídio. O desespero pela separação de Lúcia bem poderia ter gerado a extrema resolução. Mas, por outro lado, não deixava de conjeturar porque teria ele esperado 8 dias. Se o fizesse no dia mesmo do casamento, vá; mas a verdade é que, nesse dia, mostrou-se resoluto, alegre, confiante... Como compreender, como decifrar aquela tragédia, se as coisas, tanto quanto as circunstâncias, eram por si mesmas inexplicáveis? Depois do jantar, voltei à casa de Leyre. Continuava dormindo, era um bom prognóstico. Também não tinha febre. Volvi a penates sempre obsidiado pelos mesmos pensamentos, miolos em combustão. A tarde decorreu lenta, pesadamente, como se não tivera fim. Às 17 horas, chamaram-me ao telefone. A agência de Laugon pedira ligação para mim...

— E' o Dr. Hertault? — uma voz de mulher!

— Sim, senhora.

— O senhor, em pessoa?

- .Eu mesmo.
- Quem aqui fala é a baronesa Jrranchard; — tenho algo de grave a dizer-lhe.
- Sou todo ouvidos.
- E' que acabamos de receber um telegrama de Granada, nestes termos:

"Motivos sérios nos obrigam regressar, aguardem carta."

- Só isso?
- Só.
- Pois é extraordinário — imagine a senhora que esta manhã o Sr. Leyre foi encontrado gravemente ferido, em seu próprio leito.
- Será possível?
- É o que lhe digo.
- = E o seu estado é grave?
- O ferimento é de natureza grave, mas, não mortal; as circunstâncias em que se deu o fato é que são incompreensíveis. Queira ter a bondade de dizer ao padre Jauga que me procure.
- Estamos entendidos; passe bem, Dr. Hertault.
- Sempre às ordens, senhora baronesa.

Que nova complicação vamos ter? — perguntava a mim mesmo, ao depor o fone.

Retomei a cadeira perto do fogão, acendi o meu cigarro, companheiro dileto das minhas divagações, e pus-me a meditar.

Confesso que o médico, em mim, censura o pensador por fumar demasiado. Que haverá de desconjuntado nessa coisa?— perguntava a mim mesmo, enquanto seguia de olhos fitos a fumaça em espiral. Evidentemente, algum desacordo entre o casal... Não será nenhum acidente ou enfermidade que agrave o motivo' do regresso, pois se um deles estivesse ferido ou enfermo, não poderia viajar. A ideia de ferimento revocou-me à lembrança de Leyre. Sem o querer, associava o ferimento deste aos motivos graves que determinavam o regresso daqueles.

Mas, ao mesmo tempo, não podia explicar-me razoavelmente a conexão dos fatos. Enquanto assim divagava, sobreveio o que tantas vezes tem acontecido na minha vida: — um desdobramento intelectual. A conexão! segredava o meu "eu" sobre-naturalista — nós haveremos de encontrá-la, porque o acaso não existe. Quando ocorrem graves sucessos na vida de duas criaturas-psiquicamente sintonizadas, quais Leyre e Lúcia Franchard, não pode deixar de haver um traço de ligação entre esses sucessos. Mas !. J que traço ? — exclamei alto, erguendo-me de chofre. Fatigado de tratos à bola, voltei a visitar o ferido. Fui encontrá-lo acordado, mas no mesmo estado tórpido, indiferente a tudo que se passava ao derredor. Era como se nada visse nem ouvisse.

A Sra. Leyre, sobressaltada, julgava o filho já atingido de imbecilidade. Tive de tranquilizá-la, e, à proporção que o fazia, indagava das circunstâncias que precederam o terrível acidente.

Assim, soube que o rapaz passara todo o dia no laboratório, como de costume; que se deitara cedo, tal como vinha fazendo de há 8 dias. Este hábito de se recolher cedo, coincidia com o casamento de Lúcia. Foi' uma consideração que fiz' a mim mesmo, pois a Sra. Leyre nada sabia das misteriosas aventuras do filho. Ela não deixara, todavia, de estranhar a brusca mudança dos seus hábitos. Há via dois meses que Leyre parecia ter horror ao sono, pois se deitava às duas ou três, para se levantar às 5 ou 6 da manhã. Entretanto, a partir de 15 de Março, houve completa transformação; voltara-lhe o prazer do sono. E foi isso, assinalava, depois que passara um dia comigo, pelo que, também me atribuía tal transformação nos hábitos do filho.

Voltei, à noite, a visitar o enfermo; continuava mergulhado em sono letárgico, espécie de coma. A velha Sra. Leyre estava aflitíssima e, para obrigá-la a repousar, foi preciso prometer-lhe que eu mesmo velaria até às 14 horas, quando a chamaria para render-me. Ficámos na alcova apenas eu e a enfermeira. Esta, cochilava numa poltrona o seu leve sono profissional. Por minha vez, assentei-me à

secretária e comecei a folhear maquinalmente brochuras e papéis ali esparsos.

É sabido que há momentos em que o homem mais discreto perde a noção dos seus deveres. Eu estava num desses momentos de despreocupação. As emoções daquele dia, o silêncio daquele quarto aclarado por uma lâmpada velada, o cheiro estonteante do éter, pareciam concorrer para o meu abstrato automatismo.

Um a um, percorria maquinalmente cadernos e brochuras, abrindo-os e fechando-os alternadamente, sem considerar o que continham.

De resto, eram todos recobertos de fórmulas químicas e análises matemáticas. Lia-os, sim, mas invocando os imprevistos sucessos da manhã. Súbito, deparou-se-me um caderno que me pareceu "familiar". Onde vira eu aquela capa amarelada com lombada vermelha?

Aguçada a curiosidade, abri o breviário, que era, nem mais nem menos, a agenda na qual Leyre anotava a súmula dos seus sonhos. Resoluto, já então, pus-me a folheá-lo com mãos algo trêmulas. Iria encontrar, ali assim, naqueles apontamentos iterativos, a chave do misterioso atentado?

Nas primeiras páginas, nada que não fôsse sabido e conhecido. À proporção que adiantava a leitura, as notas se multiplicavam, a escrita se tornava mais rica de episódios. Depois de uma falha de algumas semanas, o relatório prosseguia a 15 de Março. Foi evidentemente guloso que li aquelas linhas traçadas no dia mesmo da minha visita a Balizac:

"...Despertei no quarto de Lúcia... Lá estavam Hertault e a Sra. Franchard. Aproximei-me. Lúcia estava febril, delirava... Coloquei-lhe a mão na testa, ela acalmou-se, adormeceu. Depois... condensou-se. Pobre amigo — disse —, porque hei-de ser eu motivo de um novo pesar para o senhor? Poderá poupar-me esse pesar, se quiser... Nesse instante, ouvi a voz de Hertault, uma linguagem, aliás, muito de estranhar nele... Disse que a Providência parecia querer unir-me a Lúcia. Concitou a Sra. Franchard a que resistisse ao marido, e, quando pressentiu que ela não seria capaz de intervir na lide, concluiu em tom profético que o casamento com Delile se faria, mas não prevaleceria, e que o barão haveria de arrepender-se da sua pertinácia. A baronesa ficou muito impressionada, e Lúcia, quanto eu, não o ficámos menos. Porque assim se manifestaria Hertault? O fato é que me senti um tanto confortado. Tomei Lúcia pelo braço e fomos para perto do fogão. Ela assentou-se na poltrona predileta e eu me ajoelhei diante dela, tomei-lhe das mãos e beijei-as enternecido, a suplicar que não se casasse, apesar de tudo. Disse-lhe que morreria, se a visse ligada a outro homem que não eu... Sei — prossegui — que não tenho para lhe ofertar uma posição igual à do Sr. Delile. Minha família não tem fortuna nem renome, mas eu saberei conquistar uma e outro, de vez que me ame e consinta em esperar dois ou três anos. Acredita, Lúcia, que o só acaso nos tenha reunido? Pensará que o meu espírito não esteja fadado a pertencer-lhe? E como explicar esta nossa aproximação, este nosso misterioso encontro, se Deus não o houvera permitido? Respondeu com meiguice: — caro amigo, tal como você, acredito que Deus nos destinou um para o outro e é nessa convicção que reside a minha coragem. Mas, não quero que me peça desobediência a meu pai. Para ficarmos dignos da proteção da Virgem, importa me submeta sem queixumes a todas as provas que Ela queira infligir-me. — Admiro, Lúcia, a sua serenidade de ânimo, mas, penso que, se me retribuísse no mesmo grau o amor que lhe voto, outra seria a sua linguagem. Ah!, sim, que eu por mim não hesitara em arrostar com a cólera paterna, com os rigores da sorte, com o próprio Deus, se tal fôsse o preço da conquista... Ela tapou-me a boca com a mão e, acariciando-me os cabelos, falou assim: — "Não diga isso... submeta-se à vontade de Deus." — Levantei-me, desconcertado, clamei com acrimônia, tratando-a por tu: — a ti, é-te fácil falar assim, porque a alma se te enregelou à sombra da tua crença. Se o teu coração tivesse a paixão que no meu estua; se tua vontade tivesse o ardor da minha; se me amasses, enfim, como eu te amo, só a morte pudera separar-nos... Chorou! Corri para ela, envergonhei-me de mim mesmo... Fêz-me sentar a seus pés, fêz-me reclinar a cabeça nos seus joelhos e pronunciou estas palavras, que jamais poderei esquecer: — "Não tens a minha fé e assim não poderias compreender a razão da minha submissão. A vida terrena para mim não representa mais que a preparação para

aquela eterna vida prometida por Deus aos seus eleitos. E* nessa vida eterna que quero amar-te, acima e a despeito de tudo. Se Deus me conceder a graça de te haver por esposo aqui na Terra, eu lhe bendirei a bondade. Se me recusar essa graça, eu o bendirei ainda, certa de que em sua justiça Ele nos recompensará a ambos, pois sabe que sem ti não poderei ser feliz, jamais... Não me digas, pois, que não te amo. Amo-te, sim, mais que à própria vida e Deus sabe que não concebo a felicidade da vida eterna sem que dela compartilhes. Agora, vai-te e sê fiel a Deus e a Nossa Senhora."

Tais as palavras que de Lúcia ouvi, em tom solene. Meu coração desbordava de júbilo, mas, ao mesmo tempo, eu me sentia desesperado. Não encarava, qual o fazia ela, a reunião futura na eternidade e limitava à vida terrena todas as hipóteses de ventura que o amor pudera suscitar-me. De fato, o que para Lúcia não passava de simples convênio aleatório, representava para mim uma perda definitiva e irreparável. Sim! Ela amava-me, mas... eu a perdia. Obedeci-lhe, porém, e desta vez não foi sem demora que volvi ao casulo. Parecia-me que voava acima das matas, dos prados, dos vinhedos! E tive a sensação de entrar em casa pela janela cerrada. Desperto... muito mais desolado na vigília do que no sono. "

No dia imediato, apenas uma anotação:

"Restituição do rosário pelo Dr. Hertault."

"Nenhuma visão esta noite."

As anotações de 15 de Março sucediam-se logo, assim:

"Lúcia devolveu-me o rosário, este rosário ao qual devo simultaneamente a minha ventura e a minha desventura. Hoje jantei com o Dr. Hertault. Lá adormeci no gabinete do excelente amigo, que me deixou repousar durante 7 horas. Foi a primeira vez que me transportei de dia para junto de Lúcia. E fui diretamente ao seu quarto atravancado de malas. Figurei-me deitado na sua cama e aí chorei longo tempo. Aqueles aprestos indicavam uma partida próxima. Depois de espera que me pareceu infundável, "ela" chegou muito pálida, ainda em vestes nupciais. A criada despiu-a e revestiu-a de um costume de viagem. Licenciou a criada, quis repousar, estendeu-se no canapé. Aproximei-me. Colei meus lábios aos dela, sem que sentisse o contacto de minha boca, nem a carícia do meu beijo. De quando em vez fechava os olhos para dizer: — *meu Deus, que prova cruel me reservastes!* — enquanto grossas lágrimas lhe repontavam dos olhos. Tratei de adormecê-la pondo-lhe a mão na testa e o sono não se fêz esperar. Não cheguei a presenciar a condensação, mas tal como se estivesse dormindo, ela como que me via. Moveu os lábios e ouvi-lhe estas palavras: — "És tu, Antônio? Há muito não vens aqui; agora, tudo está acabado, já me não pertenco a mim mesma" — Ouves-me, Lúcia? — Sim... — Permites, então, que te acompanhe aonde quer que te conduzam? — Minha alma te pertence, Antônio. .. — Para onde seguem? — Para Granada, pelo Sul-expresso de Bordéus. — Pretendem escalar no percurso? — Não; quero ir diretamente a Granada... Ouvi ruído de passos no corredor. Ela despertou no momento justo em que o marido entrava. Eu não tinha visto ainda o Sr. Delile. É um homem de pequena estatura, sem embargo vigoroso e de porte elegante. Muito moreno, cabelos e bigodes negros, assim como os olhos cintilantes sob os supercílios bastos, que se fundem na base do nariz. — Pronta? é tempo de partirmos, cara amiga — disse. E aproximando-se, cingiu-a... Rápida qual corça esquiva, Lúcia recuou e derrubou uma cadeira. O Sr. Delile mal disfarçou um gesto de impaciência para dizer que não queria magoá-la. Chamou; a criada reapareceu. "Feche as malas da Sra. e mande conduzi-las... Estamos na hora. Vamos!" — Despertada, Lúcia não se precatava da minha presença. Lançou o olhar a todos os cantos, pôs o chapéu e a capa; desceu. Aquela tentativa de bérria, do meu rival, exasperara-me. Não foi sem raiva que o vi instalar-se junto dela num caleche, ao trote ligeiro de dois cavalos. Acompanhei-os sem maior dificuldade. Um simples esforço de vontade levava-me à carruagem. Lúcia chorava* ainda, emocionada com as despedidas e o Sr. Delile tentava consolá-la. — "Vejam, dizia, não há porque chorar assim... Eu não sou, afinal, nenhum papão." Quis, ainda uma vez, abraçá-la, ela rompeu a soluçar violentamente, o que lhe fêz desistir do intento, franzindo o sobrolho. Encolheu-se a um

canto e nada mais disse. Contudo, ao acercarem-se da estação, pediu à mulher que compusesse um tanto a fisionomia dolorosa que não deixava de ser ridícula. Ela enxugou as lágrimas, esforçando-se por obedecer-lhe. Segui-os ao restaurante da estação, onde jantaram, ou antes, onde o Sr. Delile jantou, pofe Lúcia não quis fazê-lo absolutamente. Estavam prestes a tomar o trem, quando acordei em casa do Dr. Assim é que, meus sonhos recomeçaram logo que o rosário me voltou às mãos. Oh! as minhas noites! Recuperaram o seu encanto... sim... Mas, quantas dores se misturaram às alegrias que elas no seu bojo me trazem!"

16 DE MARÇO

"Eis-me de viagem! Passei a noite no vagão, ao lado de Lúcia, que recusava deitar-se. O Sr. Delile, diante do público, também não insistiu. Estirou-se no beliche superior, enquanto ela permanecia sentada no interior, comigo a seu lado. Parecia-me que pressentia a minha presença. Acabou por adormecer e viu-me, então. "Antônio, não me acompanhe assim, por Deus lhe peço." — Não, isso é que não! Nunca, jamais! Não tiveste coragem para defender a nossa felicidade, mas eu não te deixarei. Fica sabendo que estarei constantemente a teu lado, entre ti e esse homem que te chama sua mulher. — "Não faças tal, suplico-te; vês quão doloroso me é mantel* esta situação. Sabes que não fui eu quem a criou, sabes quanto sofro, não queiras tornar mais penosa a minha existência, esta existência a que me condenaram. Não procures impossibilitar o sacrifício que Deus houve por bem exigir de mim." — Deus não teve piedade de mim, Lúcia... — "Cala-te, cala-te!" Que tem você, querida amiga? — advertiu Delile, debruçando-se sobre a companheira — está a falar sozinha? Pesadelo? Ela despertou sobressaltada e nada lhe respondeu. — "Está doente? sente-se mal? insistiu... "Não, disse por fim, foi com certeza algum pesadelo." Não tomou a dormir. Tomou o rosário e pôs-se a desfiá-lo, monologando orações. Para quê? "Quem as ouviria, entenderia, exaltaria?"

17 DE MARÇO

"Lúcia quis partir hoje mesmo para Granada. Não quer, absolutamente, parar no caminho. O marido viu-a tão perturbada com ar proposta de estacionarem em qualquer hotel do itinerário, que desistiu da ideia. Ficou, porém, mal humorado. Lúcia me percebeu, tão logo dormiu e a mim me pareceu haver algo de particular no seu sono, um não sei quê... "Trata-me por tu, perturba-se visivelmente quando me avista. E' possível, penso que ela se deixaria beijar pelo marido, se não temesse o meu testemunho... Esta noite, ainda me falou, mas o fêz com voz muito fraca. Não obstante, ouvi nitidamente. — "És cruel, és implacável! deixa-me, ainda uma vez te suplico. Contenta-te com esta alma que te pertence para a eternidade e não me prives de ser para meu marido a esposa obediente, que a Igreja preceitua..." Penso haver descoberto o meio de lutar contra o intruso que me roubou a criatura amada. E' preciso que Lúcia me saiba sempre a seu lado, que me considere sentinela permanente e invisível, de guarda a todos os atos da sua vida. A pobrezinha se debate entre as injunções do Amor e do Dever. Qual deles triunfará? Sinto que estou sendo egoísta e mau, mas a verdade é que não posso, qual o faz ela, distinguir corpo e alma para dar um e guardar outra, convicto de fidelidade e sinceridade. Não apreendo as sutilezas da sua casuística religiosa, senão que a ela, Lúcia, me dediquei de corpo e alma. Também por isso terei tido, em torturá-la, uma espécie de prazer. — "Pois sê a esposa obediente que idealizas — disse-lhe — mas, fica sabendo que estarei sempre a teu lado, serei a tua sombra. Chamas-me cruel... que dirias, então, se invertêssemos os papéis? Terias, amando-me, a coragem de entregar-me a outrem? Olha, eu nem sei já como conserve uma existência que se me faz odiosa. Que me importa, a mim, a tua alma e a minha própria alma, se te não posso possuir inteiramente? ET claro que vida e alma me são igualmente indiferentes. Oh! eu maldigo, sim, mil vezes maldigo o teu Deus. — "Não blasfemes, assim — replicou aterrada — não queiras arrastar-me ao! pecado; pensa na tua salvação eterna!** — O Sr. Delile percebeu-lhe a agitação... — Que é isso, minha amiguinha? está falando aòzinha».. Que é que sente ?" — E ela acordou para não readormecer. Percebi o esforço que fazia para ficar acordada..."

"Ei-los instalados num pequeno vilino de Granada. Estavam ainda à mesa, quando me postei junto de Lúcia. Acusando oefalalgia, ela se recolheu muito cedo. Delile parece amuado, irritado mesmo. Lúcia mal fala por monossílabos, tem o olhar inquieto, a revelar uma tal ou qual preocupação de espirito. Assisti-lhe à "toilette" noturna. Parecia adivinhar minha presença, tanto exagerou as precauções do seu recato. Mal se deitara, Delile bateu à porta, pedindo licença para entrar. Ela fingia dormir, Delile bateu mais forte e tomou ares de senhor. Lúcia levantou-se, revestiu o elegante *peignoir* de seda branca e foi abrir... Meu Deus! que cena me estava reservada... Refervia-me o coração de raiva e de ansiedade. O Sr. Delile aproximou-se, tomou as mãos da esposa, beijou-lhas... Ela não se opôs. Querida Lúcia, disse ele, eu terei sempre grande empenho em respeitar as suas suscetibilidades, mas não me coloque, por Deus, em situação ridícula. Esta é a terceira noite que passamos juntos e eu apenas tenho representado um triste papel...

— Desculpe, eu ainda me sinto fatigada da longa viagem, estou morta de sono e cansaço.

— Desagrada-lhe a minha presença? — A agitação de Lúcia fazia pena: chorava, contorcia as mãos. Seu silêncio, todo aquele visível desespero, aumentavam a mal contida irritação do Sr. Delile. Ele, cujas maneiras eram assim polidas, devia possuir um temperamento, impulsivo. O* ridículo, sobretudo, era o que mais deveria impressioná-lo. E o orgulho é sempre mau conselheiro. — Não responde? Contudo, sabe que lhe não peço mais que afeição, quando podia exigir obediência... Nem tenho a intenção de importuná-la além do necessário. Poderá deitar-se e dormir, mas consinta que aqui permaneça e durma também a seu lado, mesmo porque, amanhã, serei alvo do remoque de toda gente que me saiba excluído desta alcova nupcial. .. — Meu Deus! — exclamou Lúcia, lançando-se de joelhos diante de um oratório, em que se ostentava um crucifixo de marfim: — *Socorrei-me, tende piedade de mim, Senhor!* — A impaciência do Sr. Delile crescia. Deu alguns passos, volteou pelo quarto, parou perto do oratório. Fitou a mulher, soluçante, dirigindo súplicas a Deus, a Jesus, à Virgem. — A Sra. é de um nervosismo inconcebível — disse com doçura mal disfarçada. — Levante-se, deite-se, durma. Uma noite de repouso lhe trará a calma de* que tanto necessita. — Ela como que o não ouvia. Aproximou-se-lhe mais, pôs-lhe a mão no ombro, sacudiu-a brandamente. — Vamos, Lúcia, penso que tudo isto tem-se prolongado bastante... Deite-se... — As lágrimas da Sra. Delile aumentaram... Mãos enclavinadas, pendida a cabeça sobre a peanha do oratório, arfante o peito, ela soluçava em desespero. O orgulho do Sr. Delile venceu a piedade. — Vamos, querida amiga, concorde em que tudo isto vai-se tornando ridículo, que me está criando um papel estúpido... Será que tenha de carregá-la ao colo até à cama? — O cenho se lhe carregava; lia-se-lhe no olhar algo de tempestuoso. .. — Vamos, basta — acabou por exclamar, enquanto tentava erguê-la bruscamente. Ela debatia-se, resistia; desnastraram-se-lhe os cabelos, rompeu-se o *peignoir* e o colo surgiu túmido, esplêndido de virginal brancura! Delile não se conteve... Beijou-lho. Atirei-me a ele, então, esquecido de que era apenas uma sombra sem resistência. Lúcia acabara de lançar um grito estridente para retomar ao solo, em tremendas convulsões, enquanto Delile, de pé, junto dela, a fitava estupefato. E murmurou entre dentes: — *que bela prenda, me havia de reservar o padre Fürster!* — Depois, pareceu hesitar um instante, mas acabou por transportá-la ao leito, chamando a criada. — Tome conta da senhora, que está enferma... — E afastou-se, fingindo uma calma que estava longe de possuir. Quanto a mim, debrucei-me sobre o corpo entregelado de Lúcia e, impondo-lhe as mãos na fronte, procurava acalmá-la. O Espírito não tardou a condensar-se e apareceu-me na forma habitual. — Pois estava aí? — Certamente... Juntou as mãos súplicas, olhos ao céu, clamando: — *Deus, tem piedade de mim!* — Em seguida, sentando-se, chorava silenciosamente. Ajoelhei-me junto dela, cingi-a em meus braços e chorei também, rosto mergulhado em seus joelhos. E assim permanecemos abraçados até ao dia seguinte, na convicção de que as nossas almas se fundiam na mais doce das comunicações. Pressentia-lhe os pensamentos mais íntimos, como se meus fôsem e soldadas estivessem nossas almas por uma dor única. Quando acordei em meu leito, eram 7 da manhã."

'Triste, apreensivo, passei todo o dia... Pretextei forte dor de cabeça e deitei-me às 8 da noite. Adormeci logo, com o rosário sobre o peito. De novo no quarto de Lúcia. Ela estava só, estirada numa cadeira de braços. Parecia adormecida. Aproximei-me, abra* ceia, o sono como que se lhe tomou mais profundo. Estremeceu e disse: — és tu? — Sim, meu amor. — Tomei-lhe das mãos, e logo a forma espiritual se definia, enquanto o corpo se cadaverizava . Não me abandones — prosseguiu. Abraçou-se-me ao pescoço, apoiou a cabeça em meus ombros, confundidas nossas mãos. Assim permanecemos enlevados, coesos, meditativos. Nisso, bateram à porta com insistência. Não te movas, querida; fica, dei- xa-te estar assim... Que batam, que te chamem, que te sacudam, fica! Apertava-a de encontro ao peito, como a sentir-lhe as pulsações do coração precipite. A criada acabou por desistir, afastou-se e ainda lhe ouvimos os passos amortecidos. Outros, porém, se lhes seguiram, mais fortes, mais nítidos. Novas pancadas, a porta acabou cedendo e logo assomou a figura carrancuda do Sr. Delile. Foi direito à cama, sacudiu a mulher, disposto a despertá-la. Não te aflijas, disse eu, fica a meu lado. Deste-me tua alma e eu saberei guardá-la. Tendo-a cingindo em meus braços, colara os lábios na sua face cetinosa e murmurava baixinho, pondo nas palavras a própria alma: — deixa ficar teu corpo no sono letárgico que o imobiliza, não procures ouvir o apelo do teu sedutor, insensibiliza-te ao contacto das suas mãos. Fica junto de mim, nos meus braços, no meu coração. Ela deixava-se persuadir, tinha a cabeça repousada em meu peito e os braços enlaçando-me o pescoço. O Sr. Delile continuava a exortá-la: — Lúcia, vamos, desperta... Mas... como? Está gelada, parece morta! Tateou-lhe o coração... Viu que pulsava. Depois, ainda tentou, inútilmente, levantá-la. Sobressaltado, ordenou à criada chamasse um médico a toda a pressa. Passou a percorrer o quarto a longos passos, dando mostras de grande enfado. — Que mulher arranjei! — murmurou entre os dentes. — Mas é uma coisa absurda... Eu bem fiz sentir ao padre Fürster que ela me não amava e melhor fora desistir... Então, que diabo de interesse o levaria a persistir? Agora, que papel estou aqui a representar perante esta criada? E a língua do zèpovinho? → Aumentava-lhe a raiva, estava pálido, lábios contraídos, olhar chamejante. Acabou por agarrar uma cadeira, quebrando-a no assoalho com esta frase: — *estúpida aventura!* Aquele ato brutal pareceu acalmá-lo. Suspirou, assentou- -se numa cadeira. Quinze minutos, se tanto, chegava o facultativo. Auscultou, percutiu, tomou o pulso e acabou dizendo, em francês: — trata-se de uma crise letárgica e a única coisa a fazer é deixá-la em repouso. — Mas, para curá-la? — Por enquanto nada. Tranquelize-se, voltarei amanhã. — O Sr. Delile foi jantar. A criada, essa ficou para tomar de um jornal e passar a lê-lo, cantarolando. Vamo-nos, disse eu à Forma adorada, que, trêmula, tinha qssis- tido a quanto se passara. Saíamos deste quarto abominável. Pela primeira vez nossas almás vagaram juntas no âmbito da noite silente e pacificadora. O maciço de hotéis e chalés que se comprimem em torno do Alhambra estava deserto, e apenas as luzes do *Hotel Washington Irving* iluminavam o caminho à nossa frente. Deslizei pelas muralhas desbotadas, de oca, da velha fortaleza árabe, levando comigo, enlaçada ao pescoço, a companheira de minha alma. Flutuámos, assim, ao longo daqueles paredes em ruínas, para descer logo depois ao maravilhoso parque que ornamenta o estreito vale. Aí tomei pé numa extensa avenida, junto de uma fonte encimada pelas armas de Carlos V. Assentei- -me num banco de pedra, ela presa ao meu colo» Nada, a não ser o murmúrio da fonte, quebrava o silêncio da noite diáfana."

Não foi sem hesitação, que deliberei transcrever estes colóquios, que Leyre teve o cuidado de anotar minuciosamente, por me parecer de somenos interesse para os leitores. Mas, profundando-lhes o sentido, logo mudei de opinião. De fato, por eles se vê a evolução lenta que se operava no espírito da Sra. Delile, o que faculta o esclarecimento das molas ocultas na subconsciência da jovem. Na qualidade de médico, só posso formular uma opinião segura, a respeito dos fenômenos insólitos apresentados em sonhos, por ambos. Estou persuadido de que esses fenômenos são materialmente verídicos, dado que uma fraude ajustada entre eles fora mais que improvável, por ser, para mim, impossível. Além disso, há circunstâncias positivas a confirmarem esta prova moral, e

que não cabe lembrar aqui. Reconheço, contudo, que esta minha narrativa pode — ia a dizer deve — parecer absolutamente inverossímil para àqueles que não tiveram o ensejo de observar fatos análogos. Entretanto, o estudo das notas de Leyre não interessa apenas estes fatos e tem outro valor, qual o de esclarecer a complicada psicologia da senhorita Franchard. Por ele chegamos a apreender os meios de que se utilizava a sua vontade subconsciente. Para mim, é claro que o amor da jovem começou no estado secundário, ou seja — subconsciente. E' provável que durante os primeiros dias a personalidade normal não fôsse informada do sentimento embrionário no subliminal. A ideia de amor só se definiu tardiamente no espírito inocente e ingênuo da moça. E assim é que eu explico o silêncio que ela guardou por tanto tempo, do seu compromisso de casamento. No estado secundário, ou sonambúlico, se assim o quiserem, os sentidos da jovem mantinham-se adormecidos como no estado primário, mas a sensibilidade e a afetividade teriam sido maiores. O que de princípio a impeliu para o químico, foi a simpatia, e há que se reconhecer que Leyre, por sua vez, tudo fêz para merecê-la. Tinha por si a beleza física, a virtude, o talento e o atrativo próprio do infortúnio.

Foi nessa altura que a menina Franchard avistou Leyre à saída da Igreja, em Balizac. Então aquele amor, insuspeitado e latente até ali, irrompeu-lhe no coração para a vida normal.

Irrupção insidiosa, ela se manifestou pela repugnância ao consórcio com o Sr. Delile. A princípio, tentou lealmente abrandar o coração paterno e convencer o próprio noivo. Nada conseguiu e teve desejos de resistir à vontade paterna, mas a própria educação não lhe permitia fazê-lo de maneira radical, absoluta.

Acabou, assim, por ceder, mas, no dia mesmo do casamento, restituiu o rosário a Leyre.

Haverá relação de causa e efeito entre esse objeto e os sonhos do meu cliente?

E' possível, ainda que essa correlação aparente não passe de efeitos imaginários dos interessados.

A tal respeito não quero pronunciar-me e sim,, apenas, fixar uma coisa — a restituição do rosário»

È' possível que esse gesto de gentileza houvesse partido da personalidade secundária, mas, não posso afirmá-lo, senão apenas presumi-lo, de vez que a Sra. Delile jamais se explicou a respeito.

O caso é que, uma vez de posse do rosário, Leyre logo recomeçou a sonhar. E nele, a paixão, mais do que com a menina Franchard, revelava-se ardente, ciumenta, exclusivista, material em suma.

A moça apenas cogitava da alma e dentro do seu calmo misticismo conformava-se com uma partilha que julgava distinta e desigual.

No seu conceito, a personalidade verdadeira era a que reservava para Leyre — a alma. Nada importava que não mais se avistassem neste mundo. Havia-se-lhe entregado misticamente e nada poderia sequestrá-la àquele amor. A vida terrena é tão curta, tão contingente...

Tal deveria ser o modo de pensar da esposa de Delile quando as visões recomeçaram. Leyre lhe reapareceu mais exigente, ela perturbou-se com as recriminações, alarmou-se com a desesperação do rapaz.

E foi isso justamente quando o marido interveio. Delile, força é reconhecer, foi, de início, mais prudente do que hábil. As suas intenções eram melhores que os atos, e foi muito logicamente que a personalidade secundária provocou as sínopes, as letargias, as crises nervosas que deveriam irritá-lo e afastá-lo.

O Sr. Delile é um perfeito cavalheiro; recebeu acurada educação e veste-se, possivelmente, à moda londrina, como todos os homens da sua categoria.

Um tanto superficial e formalista, tem horror a tudo que seja pieguismo gritante, a tudo que aberre das meias tintas, dos tons neutros.

E, mais que tudo, temia o ridículo.

Não é um talento, igualmente, mas possuía inteligência lúcida e as atitudes da esposa deveriam irritá-lo, tanto mais quanto não estava habituado a resistências dessa marca.

A personalidade sonambúlica manobrou como se apreendesse os traços característicos do temperamento do marido.

Era como se ela estivesse convicta de anular toda e qualquer tentativa de ternura e carinho, provocando uma crise de lágrimas ou um delíquio. Isso deveria exacerbar o senso agudo do ridículo, que o marido cultivava, para mostrar-lhe a posição grotesca de um esposo repellido e comentado nos bastidores da famulagem.

Tal o papel que podemos razoavelmente atribuir à personalidade secundária, nos dois ou três primeiros dias do casamento.

Mais tarde, esse papel modificou-se, graças à influência de Leyre, cuja presença assídua, a partir da noite de núpcias, era implicitamente presumida, quiçá, mesmo durante o dia.

A personalidade normal da Senhorita Franchard, obedecendo, talvez, á uma auto-sugestão ou a uma inibição de origem subliminal, parece haver temido toda e qualquer carícia conjugal, ainda a mais inocente.

Leyre deveria ali estar atento, cioso, espreitante... Pois não o dissera ele mesmo ?

Fácilmente compreensível se nos torna imaginar o quanto essa persuasão atuaria sobre uma natureza impressionável, sensível, qual a de Lúcia. Só a isso podemos atribuir o excesso mesmo das reações nervosas da Sra. Delile, a quem tuna carícia menos delicada, como vimos, bastava para acarretar crises convulsivas. Este fator de ordem moral, o Sr. Delile mal pudera suspeitá-lo. E quanto ao médico espanhol, esse o desconhecia absolutamente.

Daí, o erro comum de ambos. Desconheciam a causa original das crises e não podiam constatar mais que a desproporção entre o efeito e a causa aparente.

Logo, só a histeria podia explicar o caso. Este diagnóstico, aliás, só poderia aumentar a desesperação do pobre marido.

Era o que lhe faltava! a esposa inquinada de gravíssima nevrose, cuja verdadeira natureza lhe haviam ocultado.

Sentia-se ferido, não apenas em seu amor-próprio, na sua vaidade, mas lesado em seus interesses mais graves de futuro pai de família.

Que filhos lhe poderia dar uma mulher assim desequilibrada?

Cogitações tais, tornaram-no mais irritadiço e suscetível do que fora para desejar. Não cogitou de ter para com a esposa a linguagem única que poderia conquistá-la, a linguagem que um marido deve ter com uma mulher piedosa, cristã, ou seja — a linguagem do dever e da submissão mística aos desígnios e à vontade de Deus.

Seria prevalecendo-se do misticismo da esposa que ele poderia, talvez, conquistá-la. Não soube ou não pôde fazê-lo.

Os temperamentos místicos apresentam estranha complexidade, muito de molde a seduzirem o psicólogo e mesmo o simples psiquiatra. Dificílimo, portanto, ver claro em semelhante matéria. Por mim, limito-me a dizer que não é raro ver-se a "esposa mística de Jesus" gozar da realidade material das suas carícias conjugais.

Seguramente, a educação mística da Senhora Franchard não tinha ido tão longe; ela não chegaria a preocupar-se com os perigos aqui assinalados, mas esses perigos não deixavam de existir, por inerentes e naturais a toda evolução mística de fundo afetivo.

Resumindo; se as realidades amorosas não existiam na alma pura de Lúcia Franchard, as potencialidades lá estavam virtualmente.

E quem as despertou foi o próprio Delile! Àquele beijo brutal com que lhe escaldou o seio virgem, foi uma revelação para a jovem desposada. Os instintos adormecidos fremiram com a injúria, mas, ao mesmo tempo, ela compreendeu que outros lábios tê-la-iam acariciado sem magoá-la .

. E o ciúme de Leyre, que a delicada pudícia pressentira, apareceu-lhe com todas as causas e consequências.

Foi, assim, nesse novo sentimento, que ela hauriu forças para resistir às solicitações do marido e para abandonar o corpo, voluntariamente, em profunda letargia. Preferia acompanhar Leyre. Esse primeiro passo, de modo algum poderia inquietá-la, de vez que o corpo lá ficava no leito conjugal e só a alma se juntava ao amante, a quem, de resto, essa alma pertencia.

Lúcia estava convicta de proceder honesta e logicamente, ao mesmo tempo que começava a experimentar junto de Leyre um temor impreciso e desconhecido para ela.

Seria esse o estado mental de ambos quando ò sonho os reuniu perto da fonte de Carlos V...

Dou a palavra ao próprio Leyre:

— "Durante alguns minutos nos quedámos imóveis naquela íntima comunhão de pensamentos, que nos traduzia, de um para o outro, as ideias e imagens que nos flutuavam na mente.

Eu sentia o suavíssimo calor daquele corpo maravilhoso, cujo peso levíssimo me era dado sustentar. O ritmo da sua respiração premia e afrouxava, compassado, os nossos peitos. Ouvia-lhe, ao mesmo tempo, os batimentos rápidos do coração. Não obstante a escuridade da noite, parecia-me que uma luz azulada banhava a paisagem! Luz que aclarava, qual difuso luar, as árvores despidas de folhagem, as muralhas altas do Alhambra e as próprias ervinhas que flectiam sobre a corrente d'água murmurejante, que bordejava as aleias. Deliciava-me a contemplação daquela silhueta deliciosa, que se encolhia ao alcance dos meus lábios. Tinha os olhos cerrados e parecia-me perceber na sua alma movimentos que lhe turbavam a serenidade habitual. Por minha vez, também não estava insensível ao murmúrio das vozes interiores, tanto mais imperiosas quanto o silêncio da noite cálida se fazia delas cúmplice. Veio-me à lembrança aquele beijo brutal, e, com essa lembrança, a imagem do seio delicado que Lúcia inadvertidamente desvelara.

Pulsou-me precipite o coração; senti como que um aperto na garganta e comecei a tremer, como se um frio mortal me houvera assaltado. E tive uma espécie de vertigem. Estranha força fêz-me inclinar a fronte para o rosto adorado, nossos lábios se buscaram e se colaram. Ela me estreitou nos braços com mais força, enquanto nossos hálitos se confundiam num longo, demorado beijo.

Tonto, parecia-me que tudo girava em tomo de mim, ao mesmo tempo que me sentia tombar numa queda interminável, quando Lúcia bruscamente se desprendeu e pôs-se de pé. Depois, entrou a percorrer a aleia, que entortava, adiante, logo, numa fechada curva. Segui-a, alcancei-a, ela me repeliu, delicadamente, a mão. "Não te aproximes, meu caro. Sinto o coração assaz enfraquecido para suportar estas fortes emoções, e, além disso, devo considerar que me não pertencço a mim mesma." — Perguntei-lhe se não me pertencia de alma.

— Sim, és da alma senhor, mas, não foram apenas nossas almas que ainda há pouco se beijaram. .. — Encostou-se ao muro que ladeia a estrada e começou a chorar. Aproximei-me. Ergueu a mão num gesto de querer manter-me a distância. Fazia a invocação do costume e deprecava em surdina: — "Mãe Santíssima, guarda-nos de nós mesmos!"

Respeitei-lhe a emoção, acalmou-se pouco a pouco e disse: — Deixa-me voltar para junto de meu marido. Não devo ficar mais tempo a teu lado. A consciência me diz que estou procedendo mal.

O* Lúcia! — respondi — desprezas, assim, o misterioso desígnio que nos reuniu? Pois não é a tua alma, e só ela, que aqui está junto da minha? Teu corpo, esse lá está, distante... Se mantiveste a promessa feita a teu pai, justo é também mantê-las a que a mim igualmente fizeste... E não só a mim, mas à Virgem Santíssima. Acreditas que Ela, na sua infinita bondade, possa ter sancionado a iniquidade de teu pai? Acreditas, porventura, que Ela proscruva as alegrias permitidas aos nossos espíritos? Pensas, acaso, que Deus possa rejubilar-se com os nossos padecimentos inúteis? Mas, na verdade, que juízo fazes da sua justiça, da sua indulgência? Convence-te, querida, de que para esse Pai boníssimo cada uma de nossas lágrimas cristaliza um sofrimento. O amor é atributo da divindade e para esse Deus de amor os beijos devem ser outras tantas preces.

— Que fazer, ó meu Deus? inspira-me tua santa vontade, faze a minha alma conturbada conheça o seu dever e ela se submeterá, ainda que espedaçada.

— Não blasfemes, Lúcia querida! teu Deus não pode aceitar tal sacrifício. Fica certa de que a nossa miraculosa união e esta nossa vida misteriosa são obra mesma da sua bondade. Ele deve ler a pureza dos nossos corações e sorrir à nossa ternura. Eu pressentia que Lúcia estava fundamentalmente de acordo, vibrando comigo. Insisti na ostensiva intervenção da Virgem e consegui apaziguar-lhe o espírito, desvanecer temores, aclarar dúvidas. Continuamos a caminhar, porém ela não quis mais o apoio do meu braço. Temia-se, evidentemente, da própria fraqueza, para resistir às minhas carícias e procurava um assunto estranho ao nosso afeto. — “Estás vendo esta torre ?” E apontava o palácio da Justiça, diante do qual chegáramos. — “Que elegante arcada em forma de ferradura!” E aquela mão esculpida no fecho da abóbada? Ela deveria, provavelmente, por força de mágico poder, desviar os maus olhados e proteger contra o malefício. Contudo, não pôde defender o Infiel contra os soldados do Cristo...”

E eu logo, arrastando-a para o pórtico: — pois repara nessa imagem que ai está, sorridente e acolhedora! Era a imagem de Nossa Senhora... Tal prece alcandorou-se, é a própria Virgem que te sorri, como a dizer: *deixa-te amar por aquele a quem te destinei!* Inspirado que estava, Lúcia deixou-se impressionar com todo aquele acervo de prudência e abandono, de receio e de crédulo misticismo. Estacou, fêz, suponho, breve oração e retomou-me o braço... Prosseguimos, assim, no passeio, subindo pela Torre do Vinho até as arcadas fronteiras ao palácio de Carlos V, o esplêndido monumento caído em ruínas antes mesmo de concluído. Esse palácio simboliza a impotência destrutiva. É que o maravilhoso palácio de inverno dos sultões de Granada foi arrasado para servir à construção do monumento cristão, que ficou inacabado, lúgubre, desconcertante.

Indiferentes a portas e paredes, penetrámos naquelas ruínas, atravessámos o pátio circular, ornado de uma dupla fila de colunatas e varámos o palácio mourisco, sempre banhados de uma luz imaterial. Percorremos, de vagar, a “Senda dos Mirtos” I admirámos a água que dormita na grande piscina de mármore; chegámos, finalmente, ao “Caminho dos Leões”, rodeado de esbeltas colunas de alabastro com arcadas rendilhadas.

Ali nos assentámos, conchegados, num degrau de escada, contemplando demoradamente a obra maravilhosa da arquitetura árabe.

Estávamos precisamente sob o pavilhão de entrada da sala da Justiça, à nossa frente estendia-se o piso de mármore com as suas colunas elegantes, os tambores da sua arcada e a fonte guardada por doze leões solenemente imóveis. Para trás de nós alongava-se o vasto salão de teto cinzelado e cujas abóbadas pareciam feitas de estalactites azulinas, rubras, douradas... Arcos de curvas graciosas dividiam a nave, quais entradas de grutas, onde todas as cores do espectro deveriam esbater-se. — Que maravilha! exclamou. “Que arte sutil e delicada! Como essa civilização moribunda soube desentranhar-se em graça e beleza! Parece que murchou assim, qual lucilante orquídea, como todo esplendor de esplendência estéril...”

— Não, minha querida, essa civilização não foi estéril, nada há estéril neste mundo; tudo tem a sua significação e importância ocultas. Ainda que essa civilização só deixasse esta obra prima, a civilização granadina não teria sido estéril. Mas, a verdade é que ela tem títulos outros de grande e benéfica fecundidade. De fato, ela fêz germinar toda uma literatura heróica, que exalta o amor, a coragem, a abnegação. A sombra dos Abenoerra- gens como que ainda vagueia por estes sítios. — Teria eu, assim me pronunciando, suscitado qualquer alucinação, ou magicamente evocado o passado? A verdade é que senti que Lúcia estremecia e procurava conchegar-se a mim. Depois, estranhas e novas coisas deslizaram à nossa vista, maravilhados e surpresos. O mármore do pavimento como que se tornou mais brilhante; a água começou a ebulir na fonte, a golfar da boca dos leões; pesados tapetes se desdobraram por compartimentos e salas; cortinas e sanefas de fino brocado se improvisaram sob o dossel das portadas amplas, enquanto formas femininas nos rodeavam, deitadas sobre almofadas bizarramente policromas. Veio, a seguir, um homem alto, de rosto moreno e longa barba preta, envolto em alvo manto e acompanhado de eunucos armados. Penetrou na sala, passou rente a

nós sem nos perceber, e deitou-se também sobre uma pilha de almofadas. As jovens mulheres afluíram, rodearam-no, enquanto outras belíssimas escravas acorriam com bebidas e frutas em salvas de ouro... Uma criatura fascinante, de calções espantosos que lhe deixavam os pés a nu e os seios meio descobertos, tomou da cítara e pôs-se a cantar uma canção originalíssima, uma espécie de melopeia gutural, triste e passional. As notas finais de cada frase musical prolongavam-se por intermináveis modulações, que facultavam à cantora demonstrar a maleabilidade e opulência da voz. O homem escutava atento, embevecido, acompanhando a melodia com meneios de cabeça. Terminada a canção, chamou a cantora e deu-lhe a provar na sua taça o que se me figurava um sorvete. Depois, tomou-a sobre os joelhos e cobriu-lhe de apaixonados beijos os louros cabelos, os olhos azuis, o seio alabastrino.

— Vamo-nos embora — disse Lúcia, baixinho —, estas sombras, semelhantes a nós, causam-me temor... — Não procurei retê-la; atravessámos, rápido, as paredes e seguimos pelas galerias até uma espécie de mirante, de onde se descortinava o grande e profundo vale. À nossa frente, do outro lado do rio, elevava-se uma encosta, nua e recoberta de casas encrustadas na rocha. Encostei-me à ba-laustrada de pedra e atraí Lúcia para junto de mim. Não relutou. Estava trêmula ainda pelo que vira, os olhos como que permaneciam velados e seus lábios vieram, como de si mesmos, naturalmente, colocar-se diante dos meus. E o coração me pareceu, então, assaz pequeno para conter o júbilo que o inflava...

20 DE MARÇO

— Cedo ainda, já eu estava no quarto de Lúcia, justamente quando ela regressava de um passeio de carruagem. Pareceu-me tristonha, apreensiva. Cerca das 8 horas o Sr. Delile mandou-lhe perguntar se jantaria com ele. Respondeu que sim. Fiquei no quarto. Ela não me viu, mas sei que pressentiu minha presença.

Pelas 9 % horas, voltou. Vinha com o marido, que se esforçava por ser amável, mas, depois de haver em vão ensaiado distraí-la, levantou-se mal humorado.

— "Você parece preocupada, Lúcia... Que tem? Se está sentindo alguma coisa, diga; mandarei chamar o médico."

Ela agradeceu e declarou sentir apenas dor de cabeça, pelo que, preferia deitar-se. Delile chamou a criada. Por minha vez, aproximei-me, pus-lhe a mão na testa. Dormiu logo e não tardou que a Forma se condensasse a meu lado.

O Sr. Delile ficara de pé, com a cabeça apoiada ao caixilho da janela, a tamborilar com os dedos na vidraça. A criada pediu licença e entrou. "A patroa está desmaiada!" disse. Delile aproximou-se, tomou a mão da esposa e logo a deixou pender, para dar de ombros e acrescentar: — Leve-a para a cama com cuidado e deixe-a ficar...

Disse-o, e foi-se...

Nós também fomos para o campo... Além, num outeiro, atrás da colina do Alhambra, divisávamos jardins em plataformas, muradas brancas. Singrámos o ar e tomámos pé ao lado de uma estreita escadaria, que trepava protegida à sombra de laranjeiras, mirtos e limoeiros.

— E' o Califado — disse Lúcia. Atingimos um jardim com dois largos canais de água corrente. Alto cipreste se elevava a um canto do jardim. Lúcia, que conhecia Granada, fazia esforços para nortear a conversa sobre assuntos indiferentes, mas as circunstâncias como que nos revocavam sempre ao que constituía o nosso único pensamento. — À sombra deste cipreste — continuou — a sultana favorita do rei Bsabdil foi surpreendida, quando corouva de rosas o Abencerragem Ahmed, o que originou o massacre de todos os cavaleiros dessa família poderosa, e cujo sangue ainda tinge a sala em que pereceram. Mas Ahmed com certeza, ao sucumbir, nada teve de que se lastimar, uma vez que morreu por amor, e, morrendo, foi amado... — En-tusiasmei-me e acrescentei: o amor é a obra mais maravilhosa do Criador. Foi o amor que ministrou à Humanidade o rudimento de todas as virtudes, que ensinou a bondade e o sacrifício. Bem sei que nem todo amor provém de Deus, tão certo

como poderem as coisas divinas ser imitadas. Entretanto, podes crer: todo amor desinteressado procede do Pai que está nos céus. Falo desse amor que nos leva a abnegar de nós mesmos a prol do ser amado, a felicitar-nos com a só ideia de lhe ofertarmos a própria felicidade. Acredita-me: os anjos estendem seus braços para acolher os mortos de amor, que são as vítimas eleitas do Altíssimo. E esse teu abencerragem, por mais infiel que tenha sido, há de estar assentado aos pés de Alah e junto daquela que amou na Terra.

— Não digas isso, Antônio! O amor terreno não é mais do que a contrafação do divino amor. Este é indene de todo o desejo pecaminoso, ao passo que aquele só vive desse e para esse desejo... — Não, minha querida, mil vezes não! O desejo que Deus infundiu em nossos corações não pode ser pecaminoso, porque tem as premissas da maternidade. O crime está em consentir na maternidade sem o amor. Isso é que se pode chamar profanação do Templo. Pensa, medita um instante na significação mística dessa Trindade que tu reverencias.

Não é o Amor que liga o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Poderás conceber a existência divina sem o amor? Poderás ter uma representação da sua imagem sem imaginar esse laço essencial? Entretanto, que fizeste? Por mim, penso que a obediência passiva a teu pai foi uma falta grave, assim como se houvesse renegado a tua fé, para te dobrares à sua vontade. Será que não sintas a benéfica influência que nos atrai um para o outro? Acreditarás, porventura, que a pureza dos nossos corações possa subordinar-se aos caprichos maléficos do demônio? Dize-me, Lúcia, se não percebes, como eu percebo, a ação irresistível da Providência em tudo isto...

Ela se calou. O seio arfava-lhe, rápido; adivinhei-lhe a perturbação das ideias tumultuantes, a desordem dos sentidos alertados para o amor. As nuvens que lhe toldavam a alma pareciam dissipar-se, quais brumas tênues por campos húmidos, ao calor do Sol nascente.*

**

Interrompo, aqui, as anotações de Leyre. O resto, prossegue nesse tom e proporção. Por elas se verifica que a moça foi pouco a pouco se habituando às manifestações ardentes de amor, do rapaz, sem que as suas caricias ultrapassassem a permuta de beijos. Enquanto sua mulher era assim cortejada em sonhos pelo enamorado imaterial, o Sr. Delile mantinha-se de mau humor e acabou por inquietar-se seriamente.

Todas as noites deparava-se-lhe aquela cena: a mulher ficava álgida, cadavérica, e o médico acabou diagnosticando uma histeria de caráter grave.

Mas o Sr. Delile era bastante educado para não fazer alarme. Não mais cogitou de fazer companhia à esposa e passou a jogar "bridge", com alguns ingleses do hotel vizinho.

A noite de 23 seria a mais interessante de se conhecer, mas, infelizmente, o manuscrito de Leyre terminou a 22. Era forçoso esperar que o ferido recuperasse os sentidos, para tomar conhecimento dos episódios imediatamente ligados ao drama que eu suspeitava.

Não houve remédio senão sofrer a curiosidade, de vez que o cliente só muito lentamente voltava a si. Ainda teve alguns dias de febre com alucinações terrificantes. E quando a febre cedeu, deixou-o grandemente prostrado. Perdera a noção dos fatos que precederam o ferimento. Foi em vão que o interpelei. Neste comenos, houve o abade Jauga de visitar aquele a quem chamava agora — "o campeão da Virgem".

O pobre sacerdote ficou angustiado ao constatar o mísero estado em que a Virgem abandonara o seu protegido.

Contudo, não desanimara o velho padre.

— O senhor me disse, Dr. Hertault, que o ferido perdeu muito sangue e ficou em abatimento inexplicável, e mais, que a gravidade do ferimento não era de natureza a justificar tais acidentes...

— Perfeitamente.

— Ajuntou que a sede da ferida e a direção da arma não se poderiam compreender, para admitir a hipótese da tentativa de suicídio...

— Também é fato.

— Pois bem: eu por mim estou persuadido de que se trata de um fenômeno de repercussão. O Sr. Leyre recebeu um golpe no corpo espiritual e o ferimento se transmitiu ao corpo material.

A fluidez do sangue e a hemorragia consecutiva são fatos observados e registados. A brusca reentrada do corpo espiritual no organismo físico, no instante mesmo da agressão, explica o estado de choque que o senhor mesmo observou. Afinal, há-de convir, caro doutor, que esta é a única explicação plausível.

A mim não me aprazia discutir com o padre.

Levei-o para junto do paciente e deixei que o abençoasse à vontade, a deprecar todas as graças que a Virgem pudesse ter à sua disposição.

Tais graças não seriam, certo, muito ativas, ou, então, a intervenção do padre Jauga não era assaz poderosa, visto que o rapaz só recobrou a memória muito lentamente. Mas, afinal, chegou o dia em que ele me pôde fornecer os esclarecimentos tão ardentemente desejados.

Mas, a verdade é que a sua narrativa, longe de aclarar o mistério, o tomou mais obscuro e eu cheguei a temer, pensando nas extravagantes concepções do cura de Balizac.

Senão, veja-se o que me contou Leyre:

— Quando, como de costume, supôs despertar no aposento de Lúcia, em Granada, notou que ela estava preparada para sair. De quando em quando, parecia-lhe ouvir: — meu marido quer que o acompanhe a ver um espetáculo de ciganos, com danças típicas.

Leyre conjecturou que a moça pressentia a sua presença e procurava explicar-lhe porque assim estava em trajés de passeio.

O marido não tardou em vir buscá-la. Tomaram uma carruagem seguida de dois ou três "landaus", todos escoltados por um pelotão de agentes da polícia, pois que não era prudente aventurarem-se à noite, sem garantias, naquele bairro de ciganos de Granada.

Acompanhei facilmente a comitiva, adejando ao lado dela, sem experimentar quaisquer óbices materiais. Descendo à cidade propriamente dita, tomámos à direita e subimos para Albayein, afastando-nos do Darro. Através de ruas íngremes e de rampas mal calçadas, atingimos a estrada que segue pela encosta, dominando o vale profundo, além do qual, do lado oposto, se desdobrava a massa escura do Alhambra. As carruagens estacaram defronte de uma casa entalhada na pedreira. A porta entreaberta deixava ver uma sala de teto baixo, bem iluminada. Dentro, seis mulheres velhas, todas feias, alinhavam-se revestidas de pretensiosas roupas granadinas.

Ao lado delas vi uns latagões, fisionomias patibulares, vestidos à andaluza, gravata vermelha e chapéu de abas largas.

Dois deles dedilhavam as cordas da guitarra. Ao fundo da sala, uma virago mais velha, de rosto encarquilhado e olhos negros, penetrantes, mantinha-se assentada, a fumar um cachimbo curto, enquanto a seus pés uma rapariguinha de seus 12 ou 13 anos, muito bonitinha, conservava-se em atitude provocadora.

A velha era assim uma espécie de rainha, rodeada da sua corte. Outras velhas, da sua idade, pareciam tributar-lhe o maior respeito.

Os forasteiros tomaram cadeiras ao longo das paredes, defronte das dançarinas. Eram ao todo uma dúzia de pessoas, entre as quais três senhoras inglesas, fora Lúcia.

No fundo da sala postaram-se os cocheiros, os agentes de polícia e o poviléo do bairro.

Não sei que estranho pressentimento me deteve à entrada e fêz que me afastasse e abrigasse à sombra da noite. Assentei-me — imaginariamente — no parapeito da muralha que ladeava a rua e num ponto de onde me parecia ver o que se passava no interior da sala.

Levantaram-se as bailarinas, aos pares, e os guitarristas pontearam alguns acordes. Em seguida, puseram-se a executar uma série de danças graciosas, que me pareceram da mais perfeita arte coreográfica: fandangos, jotas, sevillanas, habaneras, enfim, tangos... A dança espanhola é, sem

dúvida, bem artística, a realizar pela mímica e pelo ritmo, tão somente, o conceito das paixões, o assédio ardente, masculino, e a defesa estimulante, feminina .

Nas danças do Norte há mais selvajaria; nas do Sul, mais volúpia na habanera, e mais brutalidade no tango. Todas, porém, exprimem maravilhosamente as sucessivas fases da eternal função do amor.

Também é possível lhes tenha eu atribuído um sentimento inexistente...

Não obstante, certo estou de que Lúcia experimentava a mesmíssima impressão, e isto porque os seus olhos se enublavam com aquela mesma expressão perturbadora com que se me abandonava na eclosão dos nossos beijos. Era um olhar que se descrystalizava como um líquido transparentemente claro que tomasse, de súbito, a leitoso aspecto da opala. Houve, a seguir, um entreato. A rapariguinha que se encolhia junto da velha levantou-se e começou a dançar sozinha. Bisonha ainda, dava, contudo, pela rapidez dos movimentos e precisão dos gestos, um encanto extraordinário aos seus trabalhos. Não lhe busquemos, entretanto, nessa hora, fixar o semblante alegre, porque nele se estampa, indelével, já, o estigma do vício ignóbil...

Às danças deveria suceder um concerto. Enquanto os guitarristas temperavam os instrumentos, o empresário, um cigano vestido de veludo verde e chapéu de bico, ornado a pedras multicores, aproximou-se dos estrangeiros e perguntou se queriam ler a "buena dicha".

Um inglês aceitou logo a proposta e foi conduzido para junto da velha boêmia, que o mandou assentar-se. As outras viragos se afastaram. O exemplo do inglês animou a companhia e todos os visitantes passaram a exhibir a palma da mão. Sucessivamente, iam e vinham sorridentes, mais ou menos convictos, todos, porém, concordes no afirmar que a sibila algo adivinhara de justo e verdadeiro.

Delile e Lúcia não quiseram imitar os companheiros, o bamum tentou persuadi-los. Recusar am-se. O inglês de alto porte e face escanhoadada, distinto nas maneiras e um tanto altivo, objetou então: — Na verdade, Sr. Delile, p senhor devia experimentar... Olhe que vale a pena mostrar a mão a essa feiticeira. — Delile respondeu que eram coisas que lhe não interessavam... — Ora... —olveu o inglês — a verdade é que ela lê admiravelmente e o senhor perde uma bela ocasião de se divertir.

A velha compreendeu o sentido do diálogo, fêz sinal a Delile, que, sem dúvida, para não parecer ridículo, resolveu imitar os outros.

Infelizmente, com ele, a coisa foi outra. Mal lhe deitou os olhos na mão espalmada, a mulher não se conteve em ocultar a sua surpresa. Chamou as comadres, mostrou-lhes a mão em causa e todas se manifestaram admiradas. A cigana falou ao examinando durante alguns minutos. Ele corava, mostrava-se constrangido. Por fim, dirigiu algumas palavras à quiromante, ao que ela respondeu meneando a cabeça, negativamente, com vivacidade, ao mesmo tempo que fixava Lúcia. A velha insistia, Delile parecia recusar qualquer proposta que ela lhe fazia. Depois, ele notou que todos os olhares convergiam para a sua pessoa. Como se recobrasse o sangue frio, pediu a Lúcia que também fizesse examinar a mão.

Lúcia começou recusando-se, mas a cigana tanto lhe suplicou que acabou aquiescendo, para evitar escândalo. Aproximou-se. Uma das velhas comparsas chegou-lhe uma cadeira e Lúcia estendeu a sinistra, que a quiromante fixou àvidamente.

Grande deveria ter sido a sua surpresa, porque fitou a moça com mostras de grande admiração, logo chamou as companheiras e, mostrando-lhes a mão de Lúcia, entretinha com elas uma algaravia ruidosa, em linguagem exótica, da qual não pesquei uma palavra.

Fatalíssima curiosidade! Porque não obedeci ao pressentimento íntimo que me repelia daquela sala ignóbil? Deixei-me, certamente, impressionar pela atitude da cigana e a curiosidade venceu o temor. Não podendo ouvir-lhe os oráculos pronunciados a meia voz, aproximei-me e ouvi-lhe dizer que Lúcia era amada do Espírito de um mágico que tinha a faculdade de separar-se do corpo e visitá-la todas as noites... Mais: que esse mágico possuía um talismã... Eu me tinha adiantado e me postara atrás de Lúcia. Foi quando a harpia erguendo os olhos fixou-os em minim e fêz um gesto de terror. A seguir,

cerrando os punhos, estendeu os braços na direção do local em que me achava e clamou, estentóricamente: — Jesus! Maria! proteja-nos...

Ei-lo! — ele aí está, vejo-o! Foi o bastante: Lúcia desmaiou; eu mesmo, num ápice, encontrei-me de caminho, no âmbito da noite. A Sra. Delile foi reconduzida ao carro. O marido voltou à sala, ao mesmo tempo que as ciganas se retiravam em tumulto, a brandirem navalhas e dando tiros de revólver. Afastei-me, flutuei no meio do vale profundo. Serenado o tumulto, vi o Sr. Delile tomar o carro e arrancar para a cidade. Tratei de anteceder-lo e vi-me no aposento de Lúcia, tão logo o desejei. A Forma da minha, amada já ali se achava, intimidada e trêmula.

— Lúcia! minha Lúcia! — disse, abraçando-a — que foi que te aconteceu?

Contou-me o que lhe dissera a cigana e acrescentou:

—ít Dize-me, Antônio, se é por artifícios de magia que consegues vir a mim. Não me iludas, não mintas,...

— Juro-te que ignoro absolutamente o que seja a magia, e se é certo que a ti me reúno por meios sobrenaturais, isso se dá à minha revelia. Penso seja o rosário bento que nos tenha reciprocamente atraído, e, se há nisso qualquer magia, será magia da Virgem Santíssima.

— Vem ajoelhar-te comigo aos pés do crucifixo e renetir as minhas preces. Empuxou-me para o oratório, ajoelhámo-nos, entrelaçou as suas nas minhas mãos e rezou o Pai Nosso, a Ave-Maria, fazendo-me repeti-los. Persignámo-nos antes e depois das preces. Foi uma prova decisiva, Lúcia tranquilizou-se. Se magia houvesse em o nosso caso, não seria diabólica...

— Perdoa-me o haver desconfiado de ti... Mas, que mulher terrível, aquela! Estavas lá?

— Sim, e ouvi tudo que ela te dizia...

— Meu Deus, que fazer? Ajoelhou-se de novo e pareceu abismada numa prece fervorosa. Depois, mais calma, ergueu-se e caminhou para mim.

— Confio em Deus e na Virgem... Sinto, sei agora que é a ti que fui destinada para a vida eterna. Possa meu corpo voltar ao seio da terra, para que te pertença única, exclusivamente.

Assentou-se, fêz-me assentar a seus pés, a fitar-me demorada, piedosamente, com olhar de infinita ternura.

— Meu pobre Antônio, compreendo quanto tens sofrido...

Ouvimos o ruído de uma carruagem... Passos pesados, incertos, repercutiram na escada, depois no corredor. Entraram. Traziam o corpo inanimado da minha Lúcia! Estenderam-no na cama e as senhoras estrangeiras que lhe fizeram companhia, na festa, ali estavam também, solícitas. Chegou o médico, retiram-se todos, ficando apenas o marido e o doutor. Este, ainda uma vez, examinou, palpou, auscultou e concluiu:

— Sempre a mesma coisa. É preciso deixá-la só. Se até amanhã não voltar a si, então interviremos. Por enquanto, nada há que fazer. E foi-se, deixando o Sr. Delile assaz contrariado. Não lhe demos maior atenção. Nossa interpenetração de pensamentos era tão doce e tão profunda que permanecemos imóveis, no temor de lhe quebrar o encantamento. Daí a pouco, batiam à porta e a velha cigana entrou, aproximou-se do Sr. Delile e lhe entregou qualquer coisa. Não pude ver o que era. Depois, ela lhe falava ao ouvido, ele meneava a cabeça... Como que a mulher lhe fazia um pedido. Vi-o tirar a carteira e meter-lhe na mão uma nota de banco. Esse gesto nos surpreendeu, ergue-mo-nos tomados de uma inquietação indefinida. Foi quando vi a cigana precipitar-se para nós, de arma em punho. Instintivamente, coloquei-me à frente de Lúcia... O que se seguiu, não sei; de nada mais me recordo.

Aquela narrativa me suscitou uma tão estranha complicação, que tive de me recolher a meditativo silêncio. Cheguei a acusar-me por haver consentido Leyre percorrer tão longa e exaustivamente. A curiosidade, a meu ver, sobrepujara em mim os deveres do médico. Procurei corrigir a falta, recomendando-lhe, extemporaneamente, repouso e silêncio...

Ào entrar em casa, lá encontrei uma carta do abade Jauga, na qual comunicava que o casal Delile

era esperado no dia seguinte. Ele, Jauga, viria visitar-me logo que tivesse notícias capazes de interessar-me. No dia 31 de Março recebi a visita da Sra. Franchard, que tinha vindo ao encontro da filha. A baronesa nada podia adiantar, de vez que Lúcia não lhe havia jamais escrito e apenas recebia lacônicos telegramas. Ao que sabia, a jovem continuava padecente de grande astenia neivosa. O barão pedia-me que estivesse de sobreaviso para chegar a Balizac ao primeiro chamado.

Foi pela Sra. Franchard que soube achar-se o barão impressionado com a imediata realização da minha predição, tanto que começava a lançar a terceiros a responsabilidade do casamento. E' assim, que o arrependimento se manifesta nas pessoas teimosas.

De fato, logo no dia seguinte, um telegrama me chamava a Balizac. O Sr. Delile esperava-me na estação e conduziu-me no seu automóvel. Essa atitude-não poderia deixar de surpreender-me, pois o marido de Lúcia Franchard não devia ignorar os meus esforços tendentes a impedir, ou, pelo menos, retardar o casamento.

Seria justamente por isso que me testemunhava agora a sua confiança? A conversa que entabulámos, demonstrou que me não enganava. O Sr. Delile era um homem finamente educado, de inteligência mediana, certo, mas perfeitamente integrado na boa sociedade. Sua conversação era trivial, mas, variada e fácil. Pensei discernir nele a bondade e uma tal ou qual franqueza temperada de ingênua simulação. El nisso não podia deixar de ver um desvio, uma deformação originária da sua educação.

Assim é que entrou no assunto com circunlóquios: falou-me da sua viagem, das inquietações pelo estado de saúde da mulher, do desgosto que lhe causara o extemporâneo regresso. Perguntei se havia consultado algum médico na Espanha, respondeu que sim e não. Chamara um médico, mas esse não chegara a iniciar qualquer tratamento, visto que não lhe inspirara nenhuma confiança. Agora, desejava o parecer de um especialista parisiense, mas antes quisera consultar-me, visto já ter eu assistido a Sra. Delile, aliás com êxito. Emaranhou-se, contudo, no curso das suas explicações e acabou por confessar, depois de muitos rodeios, que havia telegrafado ao professor Quinsac, de Paris, o qual respondeu que me apresentassem a enferma, em primeiro lugar, pois ele, Quinsac, só viria se eu julgasse necessária a sua presença em Balizac.

A atitude do colega não me surpreendeu, aliás, por se tratar de um velho camarada e melhor amigo. Também não me passou despercebido que o telegrama do célebre neurologista me fizera crescer aos olhos do Sr. Delile. Nem tardei a constatá-lo.

Queira informar-me dos sintomas que observou na pessoa da enferma, a fim de me facilitar a tarefa.

Contou-me, então, minuciosamente, o que eu sabia por Leyre, cuja narrativa foi confirmada ponto por ponto. Não precisarei acrescentar que, sobre os seus acessos de raiva e quanto ao episódio da quiromancia, não deu palavra. Em compensação, traduziu as suas inquietações, a indiferença da esposa, toda a repugnância a qualquer carícia; os solilóquios estranhos que lhe surpreendia, sem omitir que, tentando os seus direitos maritais, acabou provocando uma crise sincopai, que muito o alarmara, já pela intensidade, já pela duração.

Confessou, depois, que esse estado sincopai se repetia todas as noites, durante as quais a moça permanecia inerte, fria, exangue, com aspecto verdadeiramente cadavérico.

— Foi nessa emergência que chamou o colega espanhol? — perguntei com calculada ingenuidade.

— Sim, respondeu, enleado.

— E que lhe disse ele?

— Diagnosticou fenômenos histéricos.

— E receitou?

— Não, nada...

— E' um médico sensato. Mas... diga-me: para que o senhor resolvesse regressar assim de improviso, penso, deveria ter ocorrido alguma crise mais grave. Noto que ficaram em Granada 5 ou 6

dias, e, no entanto, a Sra. Delile adoecera desde a primeira noite...

— Pois foi justamente o prolongamento do seu estado crítico que decidiu do nosso regresso.

Deixei de margem este ponto e falei-lhe de Granada; perguntei se visitara a Catedral, o Alhambra, o Califado e, finalmente, o Albaycien. Diante da sua afirmativa, quis conhecer-lhe as impressões.

— Viu as danças andaluzas? as ciganas? — Sim, vira...

— E mandou também ler a sua mão, conhecer a "buena dicha. ?

Esta pergunta o perturbou visivelmente, tanto que respondeu, seco:

— Fiz o que todos fazem.

Não insisti; calei-me e foi ele quem, depois de meditar um instante, retomou a palavra:

— Está o doutor realmente convicto de que minha mulher não é uma histérica? Meu sogro afirmou que o senhor lho havia assegurado^:.

— Sim, essa é a minha opinião. Desde, porém, que as crises perdurem, uma forma grave de histeria poderá declarar-se.

— E na sua opinião, qual a causa dessa persistência?

— Qualquer desgosto oculto.

— Saberá o doutor que minha mulher pretendeu retardar o casamento?

— Como não?

— E acredita esteja, nesta nossa ligação, o fator da enfermidade?

— Não há como ocultar-lho e o senhor hã-de perdoar que lhe responda com esta franqueza; mas, antes de tudo, devo à verdade o testemunho do que me parece verdade, como homem e clínico honrado, que sou.

O Sr. Delile desabafou num suspiro.

— Fique certo, Dr. Hertault, que, se apenas estivessem em jogo os meus interesses pessoais, eu não teria vacilado em sacrificar de bom grado o meu afeto às preferências da Sra. Delile. Infelizmente, as famílias da nossa hierarquia têm obrigações mais severas que os próprios desejos. São deveres imperiosos, aos quais importa eventualmente imolar a fortuna e até a ventura pessoal. Teremos ocasião de voltar ao assunto, porque — disse — acabamos de chegar.

Levaram-me logo à presença do barão, cuja solenidade habitual se tonalizava agora de uma melancolia bem estudada.

— Estou profundamente acabrunhado com estas ocorrências... Talvez devesse pensar primordialmente nos meus deveres de pai, antes de o fazer como católico e francês; contudo, não me arrependo de haver dado ao meu país o exemplo de sacrifício e abnegação.

Em vão procurei o interesse que a religião e a França poderiam ter em contrariar os pendores amorosos da pobre Lúcia Franchard. Não era sem razão que ele, o barão, encarecia a noção de tais coisas, só acessíveis aos privilegiados. Inclinei-me ligeiramente e ele prosseguiu:

— Também não deixou de impressionar-me a última conversa que tivemos, pela segurança do seu diagnóstico. Se falta houve — o que, aliás, minha consciência cristã não admite — ela estará no ato e nunca na intenção. Demais, agora, não há remédio a dar-lhe. Não podemos desfazer o que foi feito para a eternidade. Um recurso só nos resta para mitigar nossa aflição — a esperança depositada em sua perícia, sob a égide da Divina Providência. Conjuramo-lo, portanto, caro doutor, a empregar todos os meios para curar minha filha. Para tanto conseguir, creia, não mediremos sacrifícios, e se o doutor achar que devemos chamar outros colegas, pode desde logo contar com a nossa aquiescência.

..

Implícita, evidentemente, havia naquele discurso uma referência reflexa ao professor Quinsac. E caro lhe custaria, certo, se ele Quinsac, que não gosta de ser inútilmente incomodado, estivesse de veneta.

— Nada mais razoável do que a opinião de um especialista: — a quem deseja o senhor baião que

recorramos?

— Isso é lá com o senhor.

— Escolha o senhor barão mesmo, respondi. Contudo, devo dizer-lhe de antemão, com toda a sinceridade, que reputo simplíssimo este caso de sua exma. filha. Incurável de momento e para o momento, é força deixar ao tempo a ação que lhe incumbe. Nada de violências capazes de comprometer e até aniquilar o organismo. E pondo nas palavras intencional malícia, acrescentei:

— Basta, senhor barão, o escândalo já ocorrido, de vez que a inesperada interrupção desta viagem nupcial já se vai tornando assunto obrigatório de todas as palestras mundanas. Nem o senhor barão terá a presunção de se furtar à curiosidade maldosa que sói farejar as pessoas de conceito e representação social.

Adoçava assim, com umas tinturas de lisonja, a calculada azedia das palavras. Ele franzia o sobrolho, antes de tudo, mas houve de reconhecer que eu não exagerava a importância da sua família e acabou propondo chamássemos o professor Quinsac.

— Muito bem: — telegrafarei para que venha amanhã.

Expedido o telegrama, tratei de ver Lúcia. Pui encontra-la emagrecida, pálida, doente, desfigurada! Aquela pobre alminha, feita de candura e bondade, estava a pique de abandonar o cárcere que a constrangia e torturava. Os grandes olhos castanhos tinham uma expressão de angústia indefinível, mingüavam-lhe desejos de viver. O Sr. De- lile me acompanhara e não deixei de notar nele um tal ou qual constrangimento, como que procurando esquivar-se ao olhar da esposa. Conjeturei logo que Lúcia mal tolerava a sua presença. Mas, fôsse como fosse, o certo é que não lhe concedeu a mínima atenção.

— Bom dia, Dr. Hertault... e estendeu a mãozinha branca e flácida; — estou bem doente, não é?

— Mas, absolutamente não; não há tal, e vai ver que hei-de curá-la rapidamente.

O exame nada me revelou de perturbações orgânicas, quaisquer. Só a alma, que não o corpo, estava enferma. Receitei tônicos, preparados fosfatados e retirei-me, não sem lhe dizer que voltaria no dia seguinte, com um outro colega. Tivesse confiança, muita confiança, haveríamos de pô-la boa.

— Então vão fazer uma conferência médica? — exclamou, desalentada — é que, na verdade, estou mais grave do que afirma...

— Mas, eu só digo a verdade, minha filha. Até amanhã...

E parti logo, sem mesmo tomar a ver o barão. Delile ainda regressou em minha companhia.

— Que tal acha o estado de Lúcia? — perguntou .

— Bastante enferma...

— Mas, afinal, que tem ela?

— O senhor o sabe, tanto quanto eu — respondi já mal humorado. Embatucou e daí por diante não trocámos palavra. Ao nos despedirmos, disse-lhe:

— Passe bem, meu caro senhor, e creia que o lastimo sinceramente, porque o julgo um perfeito cavalheiro e a situação em que se encontra é das mais penosas.

Apertou-me a mão efusivamente e nada respondeu .

Chegado a casa, fiz a minha clinica domiciliária e fui logo visitar Leyre.

O rapaz melhorava lentamente. No dia 2, de manhã, fui esperar Quinsac pelo rápido de Paris. Tratei um auto e tocámos a toda para Balizac. De caminho, informei-o do que se tratava.

— Você deve ter-se apaixonado pelo caso, meu caro Hertault, pois estou a perceber sua grande simpatia por esses dois jovens amantes metafísicos. Também não poderia deixar de ser assim...

— Certamente, repliquei a sorrir, e até desejaria poder casá-los.

— Neste caso, importa primeiro descasá-los, e olhe que essa casta de gente não se divorcia nunca.

— Isso pouco importa e o grande caso é que se não livrarão da minha tentativa.

— Hum! não é fácil... e, pelo que você conta, estou a ver que me incomodaram em pura perda. Também você, amigo, podia ter-me poupado esta viagem.

— Bem o sei, Quinsac, mas, acredite, fui a isso forçado e, de resto, também precisava jogar com o seu prestígio. O diagnóstico é fácil, o remédio também, mas convém que o ouçam da sua boca. E* um serviço que você presta aos meus protegidos.

— Pois vamos lá, vamos lá... Antes de tudo, há que ver a enferma.

— Mas, diga-me -agora uma coisa, ó Quinsac: — desde quando se fêz você amigo dos jesuítas?

— Eu?!

— Você mesmo. O Sr. Delile já lhe passou um telegrama e sei que o não fêz de moto próprio, senão porque alguém lhe inculcou o seu nome. E esse alguém, suspeito eu quem seja.

— Então quem é?

— O padre Fürster.

— Tenho ouvido falar nesse padre.

— Costuma você visitar os jesuítas?

— Sim, ainda últimamente tratei, aliás, com muita sorte, de um dos seus maiores.

— E fizeram-lhe referências ao padre Fürster?

— Como sendo um homem inteligente, ativo, enérgico. Penso seja ele o verdadeiro chefe da Ordem, para toda esta região sudoeste.

— E' a verdade, eu sei que ele joga de mão.

— ET o seu mister, e havemos de ver que ainda hão-de provocar grandes perturbações.

— E' possível... Em todo caso também lhes vou à ilhargá, na trilha da guerra, e espero fisgar o Reverendo.

— Conte-me lá essa coisa...

— Por enquanto, não; quando deslindar toda a meada, hei-de escrever-lhe.

— E eu hei-de alegrar-me, porque esses bugres têm o diabo no corpo.

Era assim que Quinsac se manifestava. Depois, o sábio que ele era, inquiriu com muita solicitude de todos os fenômenos nervosos que a Sra. Delile acusava, abstendo-se de recusar *a priori* a possibilidade dos mais inverossímeis. E' que, por si mesmo, já havia verificado muita coisa extraordinária, para supor que os seus conhecimentos adquiridos limitassem o campo do cognoscível. Sua inteligência bastante lúcida e ágil, por outro lado, nada negaria sem motivos exatos, precisos, nem o seu juízo algo afirmaria sem provas certas e seguras.

Chegámos muito cedo ao Castelo de Balizac. O barão e o genro, prevenidos por telegrama, esperavam-nos. A acolhida do Sr. Franchard não podia deixar de ter a solenidade compatível com a visita de um sábio ilustre. Felicitou-se de receber na sua "modesta vivenda" um dos "príncipes da ciência", essa "deusa que cria, paralelamente com a aristocracia do sangue", a "aristocracia do talento".

Visivelmente escandalizado, Quinsac cortou a loquela com a sua habitual franqueza e foi logo pedindo para examinar a doente.

O barão embatucou e, revestindo-se de glacial dignidade, pediu a Delile que nos acompanhasse ao quarto de Lúcia.

Examinou-a demoradamente e deteve-se, metuculoso, na auscultação dos pulmões e do coração.

Passou a observar o fígado, o rim, o estômago; depois, o sistema nervoso, sensorial, motor. Verificou, em suma, o estado geral do organismo e percebeu que Lúcia guardava ainda a sua virgindade.

Terminado o exame, interpelou-a e fê-la historiar minuciosamente quanto lhe houvera sucedido. Diante do marido, ela hesitava em narrar as dolorosas peripécias dos seus sonhos, mas Quinsac mostrava-se implacável. Com voz firme e clara, o colega atuava como por sugestão sobre o espírito tímido da jovem. Assim, teve ela de lhe contar os primeiros sonhos, a surpresa que teve quando verificou que tudo correspondia à realidade; a emoção causada pela presença de Leyre, quando saíam

da igreja... Quando ela recalcitrava, Quinsac toma-va-lhe das mãos e dizia autoritário: — vamos, menina, nada de reticências; o seu dever de enferma assim o exige, perante nós, médicos, e diante do seu marido. A mentira é coisa indigna da sua pessoa, do seu caráter. Para obrigá-la a revelações completas, ele a interpelava e constrangia nos mínimos incidentes. Arrancou-lhe a confissão dos imaginários passeios de Granada, das carícias permutadas e até dos beijos...

A moça sofria cruelmente, ofegante, ao desnudar da própria alma. Chorava, e, sem embargo, prosseguia na confissão, qual se uma força superior a houvesse avassalado.

De resto, Quinsac não lhe despregava os seus olhos de aço, nos quais eu via a ação enérgica e fascinadora sobre a paciente.

O marido começou por conturbar-se; depois, corou e acabou por empalidecer de uma palidez de cera. Houve um momento em que pretendeu intervir, mas Quinsac se lhe impôs num gesto autoritário. Tentou levantar-se, retirar-se, e foi ainda retido por outro sinal expressivo.

Eram o seu orgulho de marido e sua vaidade de homem fortunoso qua estavam postos à prova.

Por mim, intimamente, lastimava-o; mas começava a compreender as intenções do meu sábio colega, a necessidade daquela operação cruel. Quando Lúcia revelou todas as castas fraquezas oníricas, quis ele conhecer as minúcias dos últimos sucessos de Granada, dos quais só possuíamos um depoimento incompleto: Lúcia repetiu o incidente da velha cigana, recapitulou a narrativa que a respeito já me fizera o ferido. A pitonisa, ao examinar a mão de Delile, notara um sinal extraordinário e indicativo de haver ele esposado um espírito do qual jamais faria sua mulher. Ao deparar com ela, Lúcia, quis também examinar-lhe a mão. E tanto que o fizera, logo chamou as companheiras, a fim de observarem uns tantos traços da sua mão.

Acabou por dizer que ela, Lúcia, era amada de um mágico, que, graças a um talismã, vinha visitá-la todas as noites. A seguir, declarou estar vendo o Espírito do mágico e entrou a fazer gestos terríficos* Foi neste comenos que ela desmaiou, para só recobrar-se em sonho, no seu quarto, ao lado do Sr. Leyre. Dali assistira à entrada do seu próprio corpo, tinha visto deitarem-no, ouviu quanto dissera o médico chamado na ocasião, e acabou por ver chegar a cigana.

Ela, a cigana, depois de confabular com o Sr. Delile, projetara-se ao seu encontro, brandindo uma faca... O Sr. Leyre, nesse instante, também se levantara da cadeira... De nada mais se lembrava, quando, no dia seguinte, acordara em seu leito, exausta, fatigadíssima. Nesse mesmo dia quis deixar Granada, no que também concordava o Sr. Delile, mas as sínopes consecutivas também exigiram sucessivos adiamentos.

— Agradeço-lhe a confissão — disse Quinsac —, avalio o quanto ela lhe foi penosa; mas essa confissão era a preliminar indispensável de um tratamento seguro, que há-de restituir-lhe a saúde e a felicidade. Acentuou intencionalmente a última palavra e continuou: — não falo somente para a senhora, mas também para o Sr. Delile, a quem muito deploro. Coragem, no entanto; não se deixem abater.

Ao sairmos, ele pediu a Delile que o acompanhasse a sala contígua. E tanto que ali nos instalámos, o colega prosseguiu:

— Posso apenas confirmar o diagnóstico do meu colega Hertault; contudo, devo esclarecê-lo, para o Sr. Delile, porque conheço a honorabilidade da sua família e não o considero capaz de ação menos digna. Sua mulher está na iminência de sucumbir a um desgosto e o senhor bem lhe sabe a causa. Peço-lhe me perdoe o havê-lo constrangido a ouvir o relato da Sra. Delile, por mim intencionalmente provocado. E' que não sou homem de tergiversações, quando e sempre que se trata de uma vida humana periclitante. Sua mulher não o esposou livremente, ela ama a um outro homem e o senhor há-de convir que, nas circunstâncias em que se originou esse amor, os seus melindres, ó seu pundonor, não podem ser atingidos. O senhor está defrontando, quiçá, forças cuja energia e modos de ação ainda escapam aos conhecimentos da ciência humana. Nenhum médico tem estudado melhor essas forças do que o meu colega Hertault, aqui presente; e assim sendo, eu considero auspiciosa,

tanto para o senhor como para a Sra Delile, a sua presença nesta casa e nesta conjuntura. De resto, a Sra. Delile tem a mais alta noção dos seus deveres e a honra do meu amigo não corre riscos quaisquer, e menos ainda pudera corrê-los em sonho.

Esses sonhos, entretanto, para nós médicos, têm significação peculiar, qual a de ensinarem, pelo seu simbolismo realista e concreto, a causa do mal que acabará por vitimar sua mulher, se ao senhor não sobrar coragem para lhe salvar a vida. A luta que nela se trava, entre a paixão e o dever, acabará por aniquilar o organismo, já de si delicado e sensível, não talhado para essas emoções. Seu coração é ardente, passional; a razão se submete ao dever; é claro que só poderia subsistir pelo equilíbrio do dever com os sentimentos. O senhor me compreende e ainda uma vez peço perdoar a minha atitude, convencido da necessidade de agir com energia e presteza, já que o perigo também se apressa.

O Sr. Delile tudo ouvira sem articular palavra. Apoiara os cotovelos sobre os joelhos e mergulhara o rosto nas mãos.

Assim permaneceu, por momentos, entregue a cogitações que não deveriam ser alegres. Depois, como que fazendo penoso esforço, discorreu com a voz alterada:

— Obrigado, doutor: — o senhor tratou-me rudemente, mas as suas explicações me aclararam as suas intenções, que reconheço ótimas. Tenho pela Sra Delile muita afeição, mas não desejara, nunca, possuí-la contra a sua vontade. Sempre me desinteressei das conquistas deste gênero. A par disso, receio muito que a saúde da Sra. Delile não me assegure a prole robusta que eu almejo. Também lhe falarei com a mesma franqueza que teve para comigo. Se eu tivesse podido prever todas estas consequências, certo não teria casado. Mas, infelizmente, a verdade é que estou casado com Lúcia Franchard. E ela não anuiria ao divórcio, penso, ainda que eu mesmo lho propusesse. Nossas tradições de família, tanto quanto as convenções religiosas, a isso se opõem. Estamos, portanto, num beco sem saída e, ao menos por enquanto, não vejo como remediar esta situação. Pode ficar certo de que, se me fora dado descobrir um meio de cancelar, sem escândalo, as dificuldades em que me vejo, não hesitaria um minuto. Contudo, vou confidenciar a respeito com alguém que me merece inteira confiança e, dado que haja uma solução para o caso, só essa pessoa poderá encontrá-la.

Nada mais nos cumpria dizer. Despedimo-nos de Delile e fomos conferenciar longamente com o barão. O velho magistrado conservava-se na mais cruel perplexidade.

Não há dúvida que amava a filha e compreendia, posto que tarde, haver anuído a um convênio estúpido. Mas também não havia esperar que ele o confessasse, jamais.

Quinsac, que tem grande tato social, apanhou de pronto os fracos do Sr. de Franchard e, conseqüentemente, teve o cuidado de fixar em alto relevo os inconvenientes que o estado mórbido da filha acarretaria. Insistiu, muito especialmente, nos comentários malévolos que o prolongamento da enfermidade haveria de suscitar, para culminar no escândalo de um possível falecimento.

Era ainda uma operação dolorosa que ele praticava, à feição dos seus métodos psicológicos.

— Você não perdeu o seu tempo — disse-lhe, quando de regresso corríamos no automóvel.

— Não havia possíveis meios termos: Delile é um homem de brio, mas, fraco; o barão é um bom homem, porém bronco e teimoso. Ambos já cometeram, na melhor das intenções, uma ação má, obrigando a casar, contra a vontade, aquela criaturinha deveras interessante e gentilíssima. As luas excelentes pessoas acabarão por aniquilar suavemente a pobrezinha, se antes alguém não os esclarecer "p-a-pá santa Justa", pois que estão de boa fé. Sabe o que lhes vou fazer? — vou pedir 10.000 francos pela visita. Minha opinião será acatada na medida do preço feito, acredite. Conheço muito bem esta casta de clientes e você, Hertault, há-de permitir que o encarregue da distribuição desse dinheiro, que, francamente, não desejo guardar. Demais, sei que a sua especialidade o coloca em contacto com infelizes que só você conhece e trata de socorrer. Deixe-me ajudá-lo e não falemos mais nisso.

Era, ainda e sempre, o legítimo Quinsac...

No dia imediato, enviei a conta do colega. Insistira para que assim o fizesse e a isso chamava —

"uma outra operação dolorosa e indispensável". Pela volta do correio, recebi um cheque a favor do Dr. Quinsac, e soube mais tarde que a cifra causara ao barão desagradável surpresa; mas, sem embargo, também elevava no seu conceito os méritos científicos do especialista. Só os científicos, diga-se, porque, quanto ao trato social, tinha as suas restrições a fazer...

Nos dias que se seguiram, devotei-me ao inquérito sobre as intrigas políticas do padre Fürster. Não tardou me convencesse da eficácia dessa diligência, por isso que os resultados obtidos eram comprometedores para os eclesiásticos, notadamente para ele, Fürster.

Por outro lado, não me deixava de inquietar o silêncio guardado por Delile e pela família Franchard.

Cada dia que passava, aumentava minha curiosidade.

Não mais chamado a Balizac, ignorava, em absoluto, o estado da minha doentinha.

Pois quem me forneceu informes foi Leyre... No dia 10 de Abril recebi recado para visitá-lo com urgência, pois tinha novas importantes a comunicar-me.

Tratei de aviar-me. O jovem amigo recuperava as forças lentamente, porque a verdade é que já não tinha aquela energia moral, nem aquele desejo de viver, que são do médico os mais potentes auxiliares.

Debilitado, inapetente, a ferida tardava a cicatrizar.

Logo que cheguei, fiquei surpreendido com a sua agitação. Pediu à genitora que nos deixasse a sós e logo me foi dizendo:

— Dr. Hertault, esta noite vi Lúcia.

— Então, foi a Balizac?

— Não; depois de ferido, não mais sonhei, talvez pior ter um sono muito leve...

— Nesse caso foi ela que aqui veio?

— Exatamente. Eram 11 %, mamãe dormia. Tenho certeza de que estava bem acordado quando divisei o fantasma de Lúcia perto da cama. Algo difuso, movia os lábios, sem que eu lhe pudesse ouvir qualquer som. Ocorreu-me, então, o processo de que me utilizava para desprendê-la e pedi-lhe que colocasse a mão na minha testa. Dormi incontinente e, quando despertei, vi Lúcia em pé, a meu lado, com a mão na minha testa. Tanto que ela me distinguiu, disse:

— Que tens, Antônio? Estou aflita porque há muito não me apareces. Estás doente?

— Ferido, e, como vês, muito debilitado, mas não em perigo de vida.

— Quem te feriu?

— Não sei.

— Onde é o ferimento?

— Mostrei-lhe o lugar.

— Pobre amigo! a má sorte nos persegue, venho encontrar-te doente, combalido. Ah! o desespero da tua ausência! Que Deus me perdoe o preferir a tua companhia, ainda que culposa.

— Tranquiliza-te, meu amor, e acredita que menos tenho sofrido do meu ferimento do que da tua ausência. Agora, esta visita me dará alento.

Mas... tu? Que se passa contigo?

— Também estou enferma do corpo, acamada desde que cheguei a Balizac, a fraqueza não mais permitiu me levantasse. - Sinto-me cada dia mais acabrunhada e enfraquecida. Depois... se te não avistava... Mortal angústia! Hoje, supliquei à Virgem, fervorosamente, que viesse em meu socorro e, mal terminada a prece, veio-me a ideia de tomar a tua carta, guardada numa caixinha que é o relicário das minhas mais preciosas lembranças da infância e da mocidade. Pedi a caixinha e tirei a carta. Secretamente, confesso-o, coloquei-a sobre o coração. Senti logo a tua suavíssima influência a penetrar-me, qual fluido sutil e doce. Adormeci e vim acordar aqui, junto de ti. Perdoa-me dizer-te, mas eu me sinto quase ditosa em te ver assim ferido e doente, pois agora sei que tua ausência não foi voluntária.

— Não fôsse a minha vontade entravada, querida Lúcia, e a minha alma não teria estado um só instante longe da tua. J. Não duvides jamais de mim, ouviste? — Abracei-a, tomei-a ao colo, acalentei-a qual se o fizera a uma criança. Conversámos tema, longamente, e ouvi-lhe coisas que preciso comunicar ao caro amigo, Sem demora. O senhor foi vê-la duas vezes, sendo que a segunda acompanhado do Dr. Quinsac. Depois dessas visitas, ela se reanimou, recuperou esperanças, dado que antes só desejava a morte. Não tardou, contudo, a inquietar-se novamente, porque o senhor não mais voltou lá e apareceu um outro médico, um tal Portalier. Este médico lhe disse que breve estaria curada, pois iria prescrever uma medicação enérgica, de sorte que, dentro de oito dias, poderia seguir o marido a qualquer região de bom clima, onde mais prontamente se restabeleceria. Lúcia contou- -me que lobrigou influências adversas, por instantes arredadas, a acumularem-se de novo em tomo dela. Venha em nosso auxilio, doutor, pois só com o senhor poderemos contar.

Foi bom prevenir-me sem demora, pois sabe que a seu favor farei mesmo o impossível. Deixe-me partir a fim de providenciar sem mais delongas...

Voei dali mesmo ao telégrafo e emprazei Quinsac para uma conferência telefônica às 10 da noite, a fim de obter referências do Dr. Portalier. Em seguida, escrevi a Jauga para que se inteirasse das ocorrências do Castelo e me viesse visitar na manhã seguinte. Solicitada para as 10 da noite a ligação com Quinsac, ela só me foi facultada às 10,40. O velho amigo tivera a pachorra de esperar todo aquele tempo e assim travámos o nosso diálogo:

- Allô! E' Quinsac? — aqui fala Hertault.
- Sou eu, sim, amigo; como vai o barão?
- Não sei, não tornou a chamar-me.
- Impossível!
- Pois é a verdade. Chamaram Portalier... conhece-o ?
- Muito valor intelectual, muito saber, mas enfeudado ao partido católico radical. Homem honrado, indubitavelmente, mas acessível às influências políticas... Seria presidente de uma sociedade civil, substituindo uma congregação religiosa.
- E' quanto basta, vou agir.
- Não deixe de dar-me notícias, pois sabe que faço votos pelo seu triunfo, e veja se lhe posso ser útil.
- Tem você relações com os superiores do Rev. Fürster?
- Tal como lhe disse.
- Pois, então, diga-lhes que as intrigas do seu agente são manifestas e se a elas não renunciarem, quanto ao negócio de Bazas, vêr-me-ei forçado a desmascarar o padre Fürster. Peça-lhes que telegrafem ao mesmo, para que me procure com urgência.
- Amanhã, logo cedo, tratarei disso.
- Obrigado, Quinsac.
- Adeus, Hertault.

No dia seguinte, de manhã, recebi a visita de Jauga. O pobre homem estava consternado. Tivera ocasião de conversar com a baronesa, que se mostrava apreensiva, mas, ao mesmo tempo, reservada. O barão, esse, mostrava-se simplesmente glacial. Pouco poderia contar. O Sr. Delile ausentara-se por 48 horas, logo após a visita de Quinsac. Depois, voltara na companhia de Fürster, que sé havia trancado com o barão e o genro. O conciliábulo fora longo e à noite foram os três, juntos, esperar na estação o médico de Paris. Este dissera que a Sra. Franchard apenas padecia de uma prostração nervosa, da qual esperava prontamente curá-la. Ele quis saber a história do rosário e acabou por aconselhar que o inutilizassem. Procurado o rosário no quarto de Lúcia, ninguém conseguiu encontrá-lo. Recearam interrogar a menina, neste particular. O Dr. Portalier fêz referências muito honrosas a Quinsac e ao senhor mesmo, declarando, contudo, achar muito pessimista o diagnóstico de ambos.

Uma coisa verdadeira, por ele dita, foi que um e outro são cépticos e ignoram o auxílio que o médico pode encontrar na crença dos enfermos e na submissão às vontades divinas.

Assim, tudo ia de mal a pior para os desígnios da Santa Virgem, porém Ela triunfaria a despeito de tudo.

Eis como terminou o bom do cura, convicto...

Agradei-lhe, pedi que me deixasse correr a clientela e voltasse para o almoço. Esquivou-se, um tanto embaraçado, pretextando vários negócios.

Compreendi que eu era, para ele, uma personagem comprometedora e agradei-lhe a coragem daquela sua visita.

Depois, tomei um mago de papéis fechados no cofre, e meti-me num carro, mandando tocar para a casa do padre Fürster.

Era lá, na sua própria tenda, que eu ia atacar o terrível adversário.

QUARTA PARTE

O padre Fürster habitava uma casa antiga, de estreita rua, no centro da cidade. O porteiro, uma cara de beato, com ares suspeitosos abriu-me a porta, por trás da qual uma grade de ferro interceptava o corredor. Aquilo dava impressão de cárcere ou fortaleza.

Perguntei pelo Rev. e a resposta foi que — não morava ali...

Não me dei por vencido, insisti, declarei-me positivamente informado e pedi que fôsse apresentar meu cartão, tendo tido o cuidado de aditar ao meu nome estas palavras cabalísticas: Banco de Leipzig, 120.000 marcos; Harrison & Smith, 800 libras; Filipe Lopes S.A. 10.000 pesetas, etc., etc.

O mal humorado porteiro tomou o cartão, leu com desconfiança crescente as palavras manuscritas, girou a grade, fechou-a na minha cara e partiu.

Não tardou a voltar e pedir que o acompanhasse. Esgueirei-me pelo extenso e húmido corredor, galguei dois andares e fui dar a um quarto cujo rudimentar mobiliário consistia em pequena cama de ferro, um lavatório de madeira e duas cadeiras, pintadas de branco. Afora isso, dois grandes armários, um porta-cartas e, ao fundo, um oratório também de madeira, encimado por um crucifixo de cobre. Ao centro do quarto, atravancando-o, uma grande mesa pejada de papéis e livros metodicamente arrumados. A essa mesa estava assentado o padre. Levantou-se logo que entrei...

— Deseja falar-me? — disse polidamente.

— É verdade, respondi, encarando-o bem nos olhos. Tinha defronte de mim um homem de estatura mediana, magro, cabelos brancos, à escovinha, sem tonsura. A testa alta, encanoada; nariz reto, olhos negros, vivos, lábios finos e mento quadrado. Ostentava, também, um bigode maltratado e como que não talhado para o seu rosto. Vestia um terno preto, camisa de colarinho baixo. Secularizado, positivamente... O aspecto geral da figura denotava vigor intelectual e firmeza de carácter. Meu exame foi rápido. Num golpe de vista tomei o pulso ao adversário, enquanto ele me dizia:

— Já não sou mais o padre Fürster, pois a situação que atravessamos obrigou-me a deixar a Ordem, e posto que ainda seja sacerdote, não me atrevo a usar sotaina.

— Ao menos por agora, não venho como inimigo, meu caro Rev.; contudo, de sua atitude depende que em inimigo eu me transforme. O senhor é homem de grande valor para que eu tente jogar as cristas com a sua pessoa, e assim é que prefiro explicar claramente o fim da minha visita, com risco, embora, de lhe parecer indelicado. Venho simplesmente pedir a sua intercessão valiosa para que seja anulado o casamento do Sr. Delile.

— Pois sinto dizer-lhe que, mau grado meu melhor desejo de o servir, nada posso fazer, visto que nenhuma influência tenho aproveitável ao caso, e o senhor pede coisa justamente que de mim não depende...

— Permita que esclareça o meu pedido e apenas o que lhe rogo é que se digne de responder-me.

— Fá-lo-ei, tanto quanto me seja possível.

— Obrigado. O senhor não ignora que fui chamado a tratar do Sr. Leyre, bem como da menina Franchard...

— Efetivamente.

— Sabe, também, que aconselhei o barão a desistir do propósito de impor à filha uma união que a ela lhe repugnava.

— Também é verdade.

— Porque, então, interveio no caso? Porque se valeu da sua inteligência, dos seus recursos persuasórios, da sua influência enfim, para realizar uma ligação desastrosa para ambos os cônjuges?

— Quanto a isto, só aos meus superiores hierárquicos posso e devo prestar contas.

— Muito bem. E porque, ainda posteriormente, aconselhou a vinda de outro médico do seu credo, no intuito de contraditar a minha e a opinião do Dr. Quinsac?

— Não entendo o que diz...

— Serei mais claro, então, e peço me diga porque a vinda do Dr. Portalier, que é, sabidamente, um médico da sua Congregação?

— O Dr. Portalier háo pertence & Ordem.

— A sua Ordem, talvez; mas é o presidente da sociedade civil à qual aprovou ao senhor vender os seus imóveis.

O padre não tugi nem mugiu...

— Neste caso — prossegui — vöu dizer esse porquê, isto é, que o senhor tem o encargo de preparar a desforra católica nas próximas eleições e pensa que o consórcio Delile-Franchard faria do seu antigo discípulo um candidato mais que viável. E mais: o senhor já distribuiu, por intermédio de várias pessoas, 12.000 francos neste distrito eleitoral. Digo mais: — que os distribuiu a tais pessoas (que nominei), tendo retirado essa quantia do Banco X, onde encaixara um cheque do Banco de Leipzig, a favor do seu porteiro, no dia 17 de Junho.

Fürster tudo ouvia impassível.

— Da mesma forma procedeu o senhor lá em Charente e eu conheço o nome dos seus agentes e candidatos. Ali, esses agente» já receberam 20.000 francos, provenientes de um cheque de Harrison & Smith, de Londres. Este cheque foi emitido a favor de conhecido negociante, que é também membro do conselho administrativo da sociedade civil, que sucedeu a sua congregação.

Continuava nesse diapasão, indicando ao velho jesuíta o nome dos seus comparsas e apaniguados, assim como o montante e origem das somas derramadas na preparação do campo eleitoral, guardando-me, já se vê, de aludir a quem devia a desinteressada traição daqueles informes. Não estivesse eu seguro da sua exatidão e a calma do padre me teria convencido de sua improcedência e falsidade.

Deixou-me falar à vontade, e, quando terminei, limitou-se a dizer:

— Surpreende-me extraordinariamente tudo quanto acaba de dizer, mas não vejo em tudo isso a participação da comunidade, conforme o senhor pretende insinuar. Contudo, cumprirei meu dever, que é transmitir o que me pede, aos meus superiores. Apenas, quero me conceda quarenta e oito horas para fazê-lo.

Como vê, não faço mistério da minha verdadeira situação.

— Concedo-lhe, meu caro Rev., essas 48 horas e faço votos sinceros para que não nos tenhamos de tratar como beligerantes. Aqui tem a minuta dos fatos que terei de denunciar ao Governo, se a isso me constrangerem.

Saudei-o, deixando-lhe anotações em que indicava míiidamente o movimento de fundos distribuídos pelo padre e seus comparsas, bem como a nominata de todos os respectivos agentes. Era um

verdadeiro relatório o que eu conseguira fazer. O eclesiástico tomou o papel, friamente, e reconduziu-me até à grade com a mais impassível polidez. Eu mesmo não saberia dizer se ferira o ponto nevrálgico da questão. Fiirster, enérgico, não se traíra, não revelara nem emoção, nem surpresa, nem vacilação qualquer. Cheguei a duvidar do êxito, imaginando que o adversário havia queimado o último cartucho e nada lhe faria modificar seus planos. E' claro que passei o resto desse e todo o seguinte dia na maior inquietação. Nem mesmo fui ver Leyre, tal o temor de que me surpreendesse qualquer sinal de desânimo na empresa. No dia imediato, logo pela manhã, o padre foi a minha casa.

— Trago-lhe, senhor doutor, o anotário que me confiou e que não tem para mim o menor interesse; nada obstante, pensamos que melhor fora evitar qualquer escândalo. Os tempos correm maus para nós outros: governo e magistrados não nos inspiram confiança. Encarregaram-me, portanto, de saber ao certo o que de nós pretende.

— Mas, se já lho disse, meu caro Rev., apenas a anulação do casamento da senhorita Franchard.

— E' coisa que de nós não depende, os casamentos católicos são indissolúveis.

— Quer dizer, então, que recusa as nossas condições?

— Porque se no3 torna impossível satisfazê-las.

— E, no entanto, é o único meio de escaparem a um corretivo bem merecido — disse — exaltando-me.

— Um corretivo? — retrucou com dignidade.

— Sem dúvida. E' que, com fins exclusivamente políticos e partidários, o senhor não hesitou em prejudicar a vida de uma menina encantadora, e condenar ao desespero um excelente cavalheiro. Releve que lho diga: o senhor foi de uma crueldade abominável, desprezou os preceitos do seu Deus, imolando aos interesses de ordem temporal a vida espiritual da minha protegida. Nem poderia jamais exprimir com exatidão a iniquidade do seu procedimento! Sim, o senhor manejou à vontade dois fantoches, o barão e Delile; o senhor falou-lhes de sacrifícios, interesses sociais, deveres religiosos; esmagou a consciência da ingênua donzela com o peso das suas mentirosas exortações, para que se submetesse ao sacrifício cristão, quando, na verdade, só visava a interesses mesquinhos da sua comunidade! Valerão esses interesses o sacrifício de uma vida humana?

E fixei-o nos olhos, duramente...

Conservava ele, contudo, a mesma impassibilidade aparente, a despeito de toda a minha acrimônia.

Por fim, disse:

— Nós não encaramos a vida e os deveres humanos pelo mesmo prisma e eu sinceramente lhe perdoo, porque, se injustas são as acusações, essa injustiça é involuntária. A concepção que o senhor tem dos direitos e deveres humanos, das alegrias e sofrimentos terrenos, dos fins da existência, em suma, é estreitamente limitada. Como todos os seus correligionários, o senhor encara a vida humana nos limites aparentes que vão do berço ao túmulo, o seu olhar não transpõe esse horizonte, não vai além.

Mas o católico, senhor doutor, pode abranger maiores latitudes, porque a fé lhe outorga a maior visão espiritual, que o senhor não pode conhecer nem lhe julgar da perfeição. O católico sabe que a vida na Terra é efêmera e apenas preparatória da outra, da vida eterna; sabe que as alegrias deste mundo são aparências enganadoras, | sabe também onde se encontram as verdadeiras e imperecíveis alegrias. O senhor parece tripudiar ou desprezar o conceito de quantos, como eu, renunciaram às aparências para aspirar às realidades. Para o católico, tudo o que atormenta a alma, punge o coração, mortifica o corpo, é provação purificadora. Fora eu um desses jovens aos quais me acusais de haver torturado, e aceitaria jubiloso o sacrifício que me houveram pedido. Desejaria testemunhar a Deus submissão cega, incondicional, pela só alegria de o preferir a todas as coisas deste mundo. Pareço-lhe odioso?! E' um juízo imprudente e temerário! Hesita o senhor, porventura, em fazer sofrer os seus doentes? Não será jubiloso, pela noção do dever cumprido, que enterra o seu bisturi nas en-

tranhas do paciente para extirpar o tumor que lhe ameaça a vida? E, no entanto, as dores passageiras que lhe provoca, têm por objeto dar-lhe alguns anos, talvez minutos mais, de saúde. Que será, senhor doutor, uma vida de tormentos comparada à eterna felicidade da alma? Um instante de inapreciável duração... Oh! — o senhor jamais poderá compreender a alma de um crente sincero. Acusa-me de haver sacrificado a vida espiritual da menina Franchard a interesses materiais; atribui-me planos egoístas, paixões políticas que eu estou bem longe de compartilhar... Que me importam a mim o seu governo, a sua tirania, a sua perseguição? Ignorará, por acaso, que eu marcharia satisfeito diante das suas metralhadoras? Se nós tentamos subtrair este desgraçado país aos ateus, que renegam a Deus; aos ímpios que desafiam a cólera divina, pensa que o fazemos por interesse pessoal? Engana-se. Não temos interesses pessoais, nem mesmo existimos, individualmente falando. Somos escravos de N. S. Jesus-Cristo, não temos pai nem mãe, nem família; apenas possuímos os míseros farrapos que vestimos e a nossa casa é a que nos indicam os nossos superiores.

Vamos aonde nos mandam, os únicos interesses que ainda guardamos no coração são os de Deus e dos pecadores ignorantes, que o ofendem sem o conhecerem. A salvação desses infelizes é o que nos apaixona, no afã de lhes evitar as penas eternas. Neste só intuito trabalhamos, sem esmo-recimentos e sem tréguas .

— Mas Rev., não acredito seja Deus tal como o senhor imagina.. j a sua justiça não poderia ser mais iníqua do que a justiça humana. Sim! A justiça divina não poderá jamais cominar penas de eternos castigos para os erros de uma existência efêmera, qual a nossa. Esta, para mim, como para o senhor, não passa de curtíssima etapa, uma escola à qual seja necessário voltar, quiçá um grande número de vezes. Eu também, como o senhor, acredito na eterna felicidade, mas penso que é preciso merecê-la com maiores esforços. Lobreigo os seus primórdios e os vejo mais longínquos do que os ensina o seu credo. Não foi Deus quem criou o homem com todas as suas peças servindo-se de um pouco de barro, animado ao seu sopro. O homem edifica-se a si mesmo, sob as vistas de Deus. Em vidas sucessivas, aperfeiçoa a alma imortal, assim como o corpo, que lhe é o invólucro perecível. Aos progressos, como às quedas da alma, correspondem aperfeiçoamentos ou degradações desse invólucro, visto que o esforço para melhor é o único recompensado. A preguiça e o abandono de si mesmo retardam o progresso, tomando-o talvez impossível. Entretanto, o passado nos demonstra o que será o futuro. Ao longo do caminho percorrido pela Humanidade a elevar-se lentamente, desenvolvendo-se pouco a pouco, desprendendo-se insensivelmente da forma animal, vemos que uma nova rota mais extensa se desdobra diante de nós, e que dentro de milhões de anos, talvez, nossa alma, melhorada e instruída, saberá fabricar corpos mais perfeitos.

Tal, meu Rev., a crença — não digo fé — que o estudo da natureza me há facultado. De nada disto tenho certeza, mas há uma coisa da qual não posso duvidar: — é que o Ser Supremo nos desse a inteligência, a faculdade de amar, o dom divino de nos perpetuarmos, para nos interditar de pensar, amar e reproduzir livremente...

Fürster ouvira-me calmo, impassível, impenetrável, sem se trair um instante.

— A sua crença é uma crença incerta, Sr. Dr. Hertault, e a sua filosofia lisonjeia ao seu espírito, mas não consola nem fortalece o seu coração. E* que o senhor imagina não sei que reencarnações sucessivas, para explicar o que o homem não pode explicar. Por mim, a quem Deus concedeu a graça de ter a Fé, sei que Nosso Senhor é a própria divindade em si mesma... Se nisto me tenho enganado — disse-o com certa melancolia quase imperceptível —, comprometi a existência e fiz-me carrasco de mim mesmo. Reconsiderou, porém, logo, com energia:

— Mas... não! eu não me engano: vivendo na pobreza, morrendo torturado na Cruz, o Cristo mostrou, aos que o amam, a verdadeira senda. Este mundo foi feito para a dor, para as lágrimas, para tudo o que maltrata, fere, punge. A dor, só ela, nos purifica e conduz à vida que ao nosso Redentor aprouve viver.

Palavras tais, ele as pronunciava com certo calor e convicção impressionantes. Compreendi, então, a influência, o fascínio que esse pregador afamado devia exercer nos auditórios, quando com a sua fé ardente fundia as camadas superficiais do coração para irradiar a paixão latente que o devorava. Era, evidentemente, um fanático, mas, com justiça também, não se lhe pudera negar um grande coração, uma vasta inteligência e um desinteresse pessoal absoluto.

Estivéssemos no século XVI e ele me teria conduzido à fogueira, talvez chorando e abençoando-me com toda a sinceridade. No século XX, entretanto, estava reduzido a defender suas convicções religiosas com intrigas e manejos indignos do seu caráter.

— Não chegaremos nunca a nos entendermos — disse-lhe. Nossos olhos não se voltam para o mesmo fanal; contudo, estamos ambos de boa fé.

Deixe-me expor-lhe o que pretendo e julgo possível. A Sra. Delile ama e é amada; o rapaz é uma inteligência notável e possui um grande coração...

— Bem o sei e, por melhor conceito que faça do Sr. Leyre, não excederá o meu conceito, posto que também ele se tenha afastado da religião.

— A mulher saberá reconquistá-lo e o senhor terá nele um recruta a valer por dez Deliles; mas, deixe-me continuar. A menina Lúcia é de natureza tão sensível e impressionável que, se o casamento não for canonicamente desfeito, isso lhe acarretará provavelmente a morte. O senhor bem sabe que ela apresenta estranhos fenômenos de êxtase.

— E' fato...

— Acredita o senhor — permitindo-me falar como se fôsse católico — que esses fenômenos se prendam ao encontro de um rosário bento e que sejam, neste caso, devidos a uma influência divina?

— Com franqueza, não o creio. Certo, a vida dos santos nos apresenta numerosos casos de bilocação, mas, semelhantes milagres só ocorrem àqueles que, graças a uma vida austera, por méritos excepcionais, conquistam esses divinos dons do Espírito-Santo. E talvez não devamos considerar milagroso estes fenômenos extraordinários, porque não passarão de aparentes maravilhas, qual as conceitua S. Tomás, e a nossa própria ignorância é que lhes adjudica uma origem maravilhosa. O telefone é um prodígio aos olhos do selvagem... Os fatos registados por Lúcia e Leyre podem ser excepcionais sem serem sobrenaturais. A Igreja nos ensina que uma ilusão é fácil quando a imaginação é viva e fracos são os sentidos, embotados pela carne. Não posso, igualmente, acreditar numa fraude tendenciosa desses dois jovens, pois que os julgo incapazes de praticarem-na, a todos os respeitos. Poderiam, todavia, ter-se enganado de boa fé e transformar para si mesmos, em coisas verdadeiras, simples coincidências e aproximações fortuitas. Mesmo admitindo que, sob a influência de um estado psíquico particular, as suas almas tenham sido dissociadas do corpo temporariamente, o que, aliás, não infenso à teologia, nada prova seja essa separação obra de Deus. Pelo contrário, os fenômenos da mística, verdadeiramente divinos, são incompatíveis com os sentimentos de revolta, com a desordem dos sentidos, com a resistência, mesmo involuntária, aos mandamentos de Deus e da Santa Madre Igreja. Ora, a verdade é que eu não encontro vestígios de misticismo na aventura dos seus protegidos. Parece-me, mesmo, que os sonhos e visões de Lúcia desviaram-na da obediência do pai e da conformação graciosa aos seus deveres filiais. Os fenômenos por ela produzidos, a serem reais, não me parecem miraculosos e o senhor antes deverá procurar-lhes explicação em leis naturais, ainda desconhecidas.

— Agradeço-lhe a explicação clara da sua forma de ver o assunto. A muitos respeitos, estamos de acordo. Os argumentos que eu pretendia utilizar, caso a sua opinião se conformasse com a hipótese de uma origem celeste, ou providencial, perderam a razão de ser. Consinta, no entanto, lhe faça ainda uma pergunta.

— A que responderei, se puder.

— Eu sei que a Igreja não reconhece o divórcio, mas admite a nulidade dos casamentos que julgue irregularmente contraídos.

- Sem dúvida.
- E não será possível obter essa anulação, desde que o casamento não esteja consumado?
- Por direito canônico o Santo Padre pode anular tais casamentos.
- E o direito canônico não prescreve, igualmente, que o consentimento deve ser íntimo, isto é, que o sinal de anuência dos cônjuges não deve ser apenas formal, mas natural e consciencial?
- Essa é a doutrina da maioria dos teólogos e canonistas.
- Pois muito lhe agradeço, Rev. E' que eu tenciono aconselhar ao casal Delile que promova a anulação do consórcio, de vez que ele não foi consumado e a senhorita Delile apenas lhe deu um consentimento extrínseco. O que lhe peço, em troca da destruição dos documentos que possuo, e que o senhor conhece, é que me não contrarie nos meus planos. Peço-lhe, mesmo, que comunique este meu desígnio ao casal Delile. Considere que o meu pedido nada tem de ofensivo ao seu ministério, ainda porque, só tenho em mira o resguardo de duas vidas preciosas. Poderá empenhar-me o seu consenso na medida das suas possibilidades?
- Estou autorizado a fazê-lo.
- Obrigado. Aliás, contava com essa generosidade e fique certo de que, com ela, vai salvar duas almas de escol.
- Deus o permita... — e despediu-se.

Na verdade, não poderia eu obter do padre FUrster mais que uma simples promessa de neutralidade. Ainda assim, estava convencido de haver ele mudado o curso das suas ideias. Com certeza, teria sindicado dos meios de ação e compreendido o perigo da minha intervenção ativa no caso. Os projetos do partido católico seriam desarticulados e, quem sabe, nulificados, uma vez previamente conhecidos, e o sacrifício que houvera por bem impor a Lúcia Franchard tornava-se, dessarte, inútil. Ao invés, agora, o que lhe convinha, era atenuar as consequências, para me tirar todo o pretexto de luta. Nem há duvidar de que, com a sua argúcia, logo se convencera da minha decisão irrevogável de levar o pleito aos extremos. Por minha vez, eu tinha certa confiança naquele monge, não só pelo interesse próprio que lhe corria, de manter as posições conquistadas, como também por lhe haver surpreendido a grandeza e a dignidade do caráter. Talvez me increpem de não ter guardado a reservada atitude que ao médico se impõe, talvez me censurem os recursos de que me prevaleci. Sou o primeiro a reconhecer o aparente excesso de zelo dispensado aos dois jovens clientes, mas, sem embargo, eu me justifico pela convicção de que a vida de ambos dependia da presteza e rigor da minha intervenção.

Assim sendo, não me competia a escolha dos meios. Agora só me restava vigiar os acontecimentos, que se me figuraram correr com extrema lentidão. De Lúcia, sabia por Leyre, que havia reatado as visões noturnas. Ele, Leyre, também se mostrava agora mais discreto no relatar as suas entrevistas sonambúlicas. Daí, concluía eu que as confabulações se tinham tornado mais íntimas e carinhosas. Infelizmente, essa existência dúplice, em parte, deveria acarretar-lhes, a ambos, maléficis resultados, alterando-lhes a saúde. O rapaz ainda não pudera levantar-se; as forças como que se lhe exauriam dia a dia.

Lúcia, igualmente, guardava o leito, de mais a mais emagrecida, pálida, anemiada de corpo e triste, preocupada, desesperada de alma. Uma carta de Jauga comunicava que o tratamento de Por-talier não lograra qualquer efeito; que, chamado uma segunda vez, esse colega acabara declarando que, dada a ineficácia da sua medicação, fora supérfluo tentar qualquer outro tratamento e que, ao seu ver, a Sra. Delile não tinha energia moral suficiente. E, nesse caso, o auxílio de um médico da família, mais íntimo no trato, deveria ser preferido, atento à natureza dos fenômenos. Aconselhou, finalmente, que me chamassem, julgando-me naturalmente indicado para os casos daquela natureza. Uma vez tentados, que foram, todos os recursos da sua técnica, convinha retomar aos meus métodos, ainda porque, já haviam produzido um alívio passageiro.

O padre Fürster mantivera a sua palavra. Via-se claramente que ele me entregava, assim, as

chaves da fortaleza...

Contudo, o barão não me chamou tão logo. Et que teria lá os seus melindres para ajustar contas comigo e com Quinsac, surdo que se fizera à nossa opinião.

Depois, o meu feitio algo brutal e franco desagradava-lhe, positivamente.

Eis porque tive de aguardar alguns dias para rever a minha protegida. E, certo, mais teria esperado, se o Sr. Delile não viesse antes comunicar-me que sua mulher se mantinha desacordada, havia catorze horas, com aquela mesma aparência que revestia em suas crises catalépticas.

O próprio Delile também me surgia um outro homem: fisionomia abatida, olhar amortecido, a denotar aturadas vigílias.

Mostrou-se mais afável que de costume e, logo que nos pusemos a caminho, disse:

— O padre Fürster me participou a visita que o doutor lhe fêz e mostrou-se alarmado com o seu diagnóstico e prognóstico. Acrescentou, mais, que, a menos que o senhor estivesse enganado, convinha cogitar de submeter o nosso caso à decisão da Santa Sé, e assegurou-me que o Soberano Pontífice não lhe seria indiferente.

— Pois eu tenho — respondi-lhe — os meios de dar a conhecer a sua situação ao Santo Padre; mas só o farei se a Sra. Delile, o barão e o senhor mesmo estiverem acordes em solicitar a anulação do casamento. Demais, sabe que tenho de jurar por minha honra que a vida de sua mulher corre perigo. O amigo a quem vou recorrer e que priva da familiaridade de Sua Santidade não se prestará a intervir e atuar, desde que se não trate de negócio urgente e grave.

— Lastimo, confesso, que a questão tenha tomado este caráter. Sinto profundamente ter acarretado à pobre Lúcia uma prova tão rude e dolorosa. B com isso ter-me-ia poupado este papel ridículo que estou representando, de marido por hipótese, de direito e não de fato.

— Entretanto, há um melo de colocar do seu lado os sarcásticos e maldizentes... Colocando-se o senhor na atitude de verdadeiro amigo da sua companheira e tudo fazendo para salvá-la. Teria havido uma cartada infeliz, imprevisível, apenas. E olha que não seria um caso banal, de modo que as próprias mulheres seriam as primeiras a colocá-lo nas nuvens. Imagina um marido que logo após o matrimônio, pressente o desgosto de sua mulher e a respeita em holocausto ao próprio amor que lhe vota, a fim de que a nulidade do casamento se torne viável! E' um partido que se oferece, a meu ver excelente, para exaltar a grandeza da sua alma. a nobreza do seu caráter.

— Tem razão, disse após um instante de reflexão. — E' o melhor meio que se me oferece para sair desta aventura.

— E depois, será preciso que faculte à sua mulher um bom pretexto de divórcio.

— Divorciarmo-nos?!

No civil, somente, porque, quanto ao mais, o casamento ficará invalidado na Corte de Roma.

— Sim... isso é verdade.

Julguei prudente não insistir. Claro estava que o Sr. Delile, com o seu temor do ridículo, não havia cogitado da única atitude que o poderia salvar. À sua inteligência pouco ágil demorava, aposto, a prefigurar-se os aplausos que haveria de receber. E assim é que entrou a cantarolar. Indício de bom humor... Tratei de aproveitar o ensejo para obter novos pormenores do ato final daquele sonho de Leyre na noite do ferimento.

Precisava agir com prudência, mesmo porque, o Sr. Delile me havia omitido a visita da quironomante. Foi assim, mui discretamente, que abordei o assunto:

— Vou parecer-lhe talvez muito curioso, mas, desejaria saber algo dos últimos sucessos de Granada, dado que não veja maior inconveniente em me informar.

— Diga, doutor...

— Sabia, porventura, que o Sr. Leyre tinha sido gravemente ferido na noite de 23 de Março?

Fitou-me, estupefato...

— E' possível?!

— Tanto é possível, que é real: eu mesmo vi e pensei a ferida. E note que ele ainda não está restabelecido...

— Mas... é extraordinário! O senhor foi testemunha do que minha mulher contou ao Dr. Quinsac... Lembra-se, possivelmente, da velha cigana... Eis o que a respeito posso acrescentar: fui eu que pedi à cigana fôsse a nossa casa, àquela mesma noite. Quando Lúcia, desacordada, foi transportada para a carruagem, voltei ao salão e pedi à cigana que me fôsse falar imediatamente. Ao entrar no quarto, ela se aproximou e entregou-me a faca, dizendo: — o espírito ai está, assentado aos pés do espírito de sua mulher, desfira o golpe ao lado da cadeira que aqui está, atrás do senhor... Recusei-me. Ela retomou a faca e murmurou baixinho: — dê-me 20 duros e tudo estará acabado. Passei-lhe o dinheiro, alucinado, sem refletir, e ela se precipitou para o local indicado. Nesse momento passou-se um fato extraordinário, que, mais que tudo, me impressionou: Lúcia, estirada lá na cama, ergueu-se, deu um grito lancinante, e tomou a tombar. Acerquei-me e notei que havia salpicos de sangue na manga esquerda do vestido. A cigana também se aproximou do leito e mostrou-me a lâmina da faca ensanguentada, dizendo: se não estiver morto, *está mortalmente ferido*.

Nimamente agastado com tudo aquilo, despedi a cigana, de quem guardei a faca. As manchas de sangue do vestido foram pouco a pouco se evaporando, sem deixar vestígios. Também a faca, na manhã seguinte, apresentava o brilho natural. Nada revelei deste incidente, porque a ideia que me ocorreu foi que a cigana se utilizara de uma substância qualquer para melhor representar a sua farsa. Entretanto, agora, pelo que me diz, estou deveras perplexo. ..

Entre eu, então, a divagar sobre aquela singular explicação do abade Jauga, atinente a esses fenômenos misteriosos de *repercussão*, tantas vezes assinalados nos processos de feitiçaria.

O Sr. Delile, impressionado com o meu silêncio, perguntou-me o que pensava a respeito.

— E' um fato a mais, maravilhoso, nessa estranha aventura do Sr. Leyre e da Sra. Delile, e a mim mesmo pergunto se não estaremos defrontando fenômenos que ultrapassam a craveira dos nossos conhecimentos e da própria imaginação. O senhor contou isso ao padre Fürster?

— Contei.

— E que lhe disse ele?

— Ficou assim pensativo como o senhor e acabou por dizer que, com certeza, eu me deixara suggestionar pela velha cigana. Será que ignorava o ferimento do Sr. Leyre?

— Mas a baronesa não lhe havia falado nisso? Pergunto porque eu mesmo lho comuniquei pelo telefone, no dia 23 de Março.

— Não, absolutamente.

— Falaremos, então, ao cura de Balizac, que é muito versado nestes assuntos. Mas, voltemos ao início da nossa conversa... Que pretende o senhor fazer, dado que o estado de saúde de Lúcia seja tão grave qual o presumo?

— Dir-lhe-ei que não desespere, que vamos pleitear de acordo a nulidade do casamento religioso, e que haveremos de encontrar um meio airoso de cancelar o contrato civil. Pretendo, enfim, demonstrar que hei-de ser para ela um bom amigo, pronto para todos os sacrifícios em prol da sua saúde.

— E' isso mesmo e eu o felicito, porque é a única coisa razoável que se pode fazer.

Acávamos de chegar e eu me dirigi logo, diretamente, ao quarto de Lúcia. A baronesa lá estava junto da filha, e o estado da pobre rapariga era deveras impressionante.

Extremamente emagrecida, parecia completamente exausta. Nem pudera, até então, dar acordo de si. A respiração era lenta, imperceptível quase; os membros rígidos, gelados...

Que fazer? Diante de mim tinha uma doente muito suggestionável, muito nervosa, mais que emotiva; e, assim sendo, pareceu-me imprudente despertá-la de chofre pelos processos comuns, tais como, por exemplo, a compressão dos ovários. Preferi um método misto, não infalível, certo, mas cujo insucesso em nada poderia agravar a situação. Comecei pelos passes transversais no rosto e peito e

acabei nos sopros rápidos dos olhos e da região hipogástrica. Decorridos uns quinze minutos, ela respirou mais livremente, a rigidez cataléptica começou a ceder e dez minutos depois abria os olhos.

— E' o Dr. Hertault?! — mas, quanto prazer em vê-lo!

— Seu marido e amigo — acrescentei, acentuando esta última palavra — foi buscar-me esta manhã e eu estou certo de que agora atingimos todos o termo desta provação comum. E' preciso tratá-la sèriamente.

— E' muito tarde para o fazer, doutor...

— Ora essa?! — quem lhe traz o remédio não sou eu; é o Sr. Delile...

— Sim — disse ele —, e tenho a pedir-lhe mil perdões por não ter de início ouvido e atendido aos seus desejos. Você é bondosa e há-de perdoar-me, pois eu não podia renunciar à dita de tê-la por minha companheira. Entretanto, se eu imaginasse, sequer, a verdadeira origem dos fatos, teria sido o primeiro a desistir, para lhe dar inteira liberdade.

Mas, ainda bem que nem tudo está perdido. Nós podemos, suponho, pleitear a nulidade do casamento. .. Terei, com isso o desgosto de perdê-la como mulher, mas tanta é a afeição que lhe voto, que saberei achar consolo no sacrifício em favor da sua saúde e felicidade.

A partir deste momento, deixo de ser seu marido para ficar sendo simplesmente o mais sincero e devotado dos seus amigos. Nem me será penoso renunciar a direitos que não exerci.

Isto, disse-o ele rindo-se, e Lúcia estendeu-lhe a mão.

— Quanto agradeço a sua bondade! — eu sei que o seu generoso coração jamais me recusaria um ato de piedade e por isso mesmo não lhe devo pedir tão grande sacrifício. Sou sua mulher | reconheço os deveres que me cabem, como tal. Não posso expor o seu nome à maledicência do mundo e o melhor será restituir-lhe a liberdade com a minha morte, que, bem o sinto, já se aproxima. E sou eu, então, quem lhe pede perdão de não haver sido a esposa que o senhor idealizava e merecia. Deus sabe que, neste particular, as minhas forças traíram a minha vontade.

— Grande, Lúcia, é o sacrifício que me imponho e seria o menos gentil dos homens se lhe não exagerasse a aspereza; mas esse sacrifício também não deixa de ter compensações. Serei, então, o amigo que auxilia sua própria mulher a readquirir liberdade, e para que essa tarefa seja devidamente apreciada, importa não pareça que visa apenas à minha própria liberdade, mas, ao contrário, que me tome um modelo de abnegação. Em suma: é preciso que renuncie voluntariamente, mas, com pesar e dignidade concomitantes. E isso, nós haveremos de conseguir. Deixe-me, portanto, manifestar esse sofrimento resignado e esse desprendimento insólito, sendo nós dois os únicos a saber que há neles um pouco de exagero. . Permita dizer — um pouco — porque a verdade é que se não renuncia, sem tal ou qual amaritude, a uma mulher encantadora, gentil, bondosa... Mas, lembro-me, não do desgosto em perdê-la e, sim, da alegria que terei em lhe restituir a saúde do corpo e da alma.

Lúcia começava a entemecer-se, eu julguei prudente intervir:

— A decisão do seu marido é, nem mais nem menos, a única que poderíamos dele esperar. Penso exatamente com ele. A atitude que assumiu reveste-se de uma nobreza admirável e vai granjear-lhe o aplauso e a admiração do mundo feminino, conquistas mesmo, direi, que lhe não vão causar ciúmes.

Deixe-nos, agora, ouvir a opinião de seu pai, mesmo porque, nada poderemos tentar à revelia do seu assentimento. Tenho cá os meus motivos para supor que ele não relutará no aceder aos nossos projetos. Tudo se há-de arranjar... lembre-se do que há tempos lhe disse ... Trate de evitar os êxtases e síncope frequentes, que muito a prejudicam.

Daqui a pouco, voltarei.

A baronesa de Franchard saiu conosco e quis inteirar-se do estado de saúde da filha.

— Curar-se-á rapidamente, desde que o senhor barão não se recuse atender à voz da razão. Caso contrário, pouco tempo terá de vida, minada pelo desgosto e pela anemia.

Vou com os senhores à presença de meu marido ... — resmungou entre dentes.

— Mandei perguntar ao barão se nos poderia receber e fomos logo introduzidos na biblioteca que

o leitor já conhece.

O pobre homem tinha encanecido. Como todas as pessoas que ligam grande importância aos preconceitos mundanos, Franchard padecia com o ver-se alvo dos comentários da vizinhança.

É certo que as peripécias da mal-aventurada viagem nupcial permaneciam ignoradas, mas, o intempestivo regresso dos nubentes e a prolongada enfermidade da moça, aliados a visitas médicas consecutivas, até de Paris, tinham excitado a bisbilhotice dos castelos vizinhos.

Falava-se em "visões" da Sra. Delile e havia mesmo quem as descrevesse e desfigurasse, à vontade. Outros assoalhavam que a jovem estava irremediavelmente louca, e alguns chegavam a ser impiedosos com o barão, que teria ocultado ao genro o desequilíbrio mental da filha. Tudo isso vinha ecoar aos ouvidos de Franchard, a consterná-lo profundamente.

A brusca retirada de Portalier, por outro lado, fizera-lhe perder toda a esperança que a primeira visita desse colega lhe despertara.

Assim, o que lhe martelava o espírito eram as funestas consequências apontadas por mim e por Quinsac.

Inteligência medíocre, pouco imaginativo, sem outro guia além dos seus estreitos preconceitos burgueses, o barão estava, por assim dizer, desarvorado.

Não via como sair-se da alhada, nenhuma solução outra se lhe deparava, a não ser a morte da filha, prevista por Quinsac.

Seu coração de pai sofria cruelmente, ferido em sua afetividade, e temia, ao mesmo tempo, pela repercussão que o triste desanlace haveria de causar no círculo das suas relações.

Nada obstante, continuava irredutível na sua obstinação. Há criaturas assim desse feitio moral; criaturas capazes de procurar todos os meios de reparar os próprios erros, de um modo indireto, mas incapazes de reconhecer formalmente a culpa e desfazer o que fizeram.

— Que tal acha a menina? — disse — após os cumprimentos do estilo.

— Muito pior do que quando aqui estive, e tanto que lhe digo: — já se não trata apenas de agir, mas de agir com maior presteza.

— Deus meu! — e como agir?

— Sr. barão: o senhor é um jurista e é à lei, e só à lei é que devemos pedir o remédio heróico. A débil compleição orgânica de sua filha não resiste ao desgosto desse enlace e faz-se imprescindível desfazê-lo, no que, aliás, está de acordo o Sr. Delile.

— De acordo com o divórcio, diz o doutor?

— Por enquanto não há falar em divórcio. A primeira dificuldade a vencer é o casamento religioso. Poderemos pedir a sua nulidade?

O Sr. Franchard concentrou-se um instante... Via-se que a hipótese não lhe houvera ocorrido como medida de salvação. Ele, como a maioria dos leigos, ignorava a elasticidade do direito canônico, cuja doutrina em matéria de casamentos é infinitamente mais humana do que a do nosso código civil de há vinte anos.

— A nulidade, repeta, é impossível: o matrimônio, em direito canônico, é indissolúvel.

— De acordo, Sr. barão, mas essa indissolubilidade só atinge os matrimônios válidos e os que tal não sejam julgados deixam de ser indissolúveis, porque, na realidade, não houve matrimônio.

— Procuremos ouvir um eclesiástico conhecedor da matéria.

— Penso não errar afirmando-lhe que o Papa tem o direito de anular os casamentos celebrados, porém não consumados.

— Mas, eu não sei se uma tal anulação pode ser facilmente obtida. Precisamos, repito, ouvir um especialista em cânones.

— Tem razão, Sr. barão; mas, diga-me: — no caso de ser isso possível, daria à sua filha o direito de pleitear o recurso por si mesma?

Calou-se, refletiu, parecia hesitar. Evidentemente, estaria conjecturando nos comentários que o

feito iria despertar.

Nesta altura, a baronesa interveio com uma energia que eu estava longe de lhe atribuir... E' que os tímidos são, às vezes, os que mais audaciosos se revelem, desde que decidem agir.

— Não há que hesitar — disse ela ao barão —, basta o tempo já perdido; eu não quero imolar a vida de nossa filha a preconceitos absurdos, sejam eles quais forem. Se o casamento pode ser anulado, precisamos tratar disso imediatamente.

O Sr. Franchard mostrou-se surpreso com aquela atitude, a lentidão do seu espírito não lhe facultou uma resposta imediata e o que vimos foi revirar os olhos em mostras de enfado.

O Sr. Delile entrou, nesse comenos, com o seu contingente.

— Pelo que me concerne, declaro desde já que estou resolvido a entrar com o meu requerimento de nulidade. Quero muito bem a minha mulher, mas, por muito que me custe fazê-lo, não vacilarei em sacrificar-lhe os meus direitos, a fim de lhe restituir a liberdade como penhor da própria existência.

— Se assim pensa, meu filho — disse o Sr.

Franchard —, a questão está resolvida e inútil se torna a minha intervenção.

— Não, Sr. barão, a sua intervenção não é tal, inútil, visto que sua filha quer submeter-se à vontade paterna. E o senhor me permitirá acrescentar que uma ação comum, pelos dois esposos, que habitarão cada qual a sua casa, mas, conservando relações de amizade e recíproca confiança, só poderá fazer calar as más línguas e lhes impor um tal ou qual respeito. A abstração de uma das partes só poderá dificultar o veredito pontifício. Claro que é sempre fácil julgar um pleito amigável, em comunhão de vistas, do que fazê-lo, singularmente, à revelia de uma das partes.

Era como se a luz fôsse graduando no espírito do barão. Acabou por anuir, mas não sem deixar de colorir sua condescendência com delicadas tinturas de amor paterno.

— Prezo bastante a vida de minha filha para negar-lhe todo e qualquer sacrifício. Se, como diz, a anulação do seu casamento pode contribuir para restituir-lhe a saúde, hei-de pôr à prova todo o meu prestígio, a fim de alcançar nosso objetivo.

— Então, autoriza-me a falar eu mesmo ao Santo Padre, desde que obtenha meios de o fazer?

Fitou-me admirado... Pois seria lá possível que eu, um simples médico, pudesse dirigir-me direta e pessoalmente ao Papa, quando ele, barão de Franchard, nenhuma influência tinha que o recomendasse à Cúria? Por precaução, julguei dever acrescentar:

— Peço-lhe esta autorização, é claro, para o caso de encontrar alguma combinação.

— Entrego-me à discrição — concluiu.

Voltei a ver Lúcia. A baronesa, o Sr. Delile

e eu, demos-lhe notícia das boas disposições do pai. Ela se mostrou indiferente, tal o profundo abatimento nervoso em que se achava. Foi então que me decidi a sugerir-lhe a cessação dos êxtases, bem como um sono sem sonhos, das 6 da tarde às 9 da manhã.

Aconselhei que se afastasse do contacto da carta de Leyre, e retirei-me com exortações de confiança.

Regressei a casa no mesmo automóvel do Sr. Delile, que me acompanhou e quis saber os passos necessários para a iniciação do processo de nulidade. Tratei de escrever logo uma longa carta ao professor Quinsac, aditando-lhe um resumo completo das extraordinárias aventuras sonambúlicas de Leyre e Lúcia.

Assinalei as circunstâncias do casamento com Delile e expus as razões que impunham a anulação.

De maneira muito especial, pedi a Quinsac que se conjugasse comigo, a fim de utilizarmos os préstimos de um amigo comum, médico de Sua Santidade, a favor da Sra. Delile.

Expedido o grosso calhamaço, tratei de visitar Leyre. Contei-lhe a visita a Balizac e fiz-lhe ver que as coisas iam tomar outro rumo.

Preciso se fazia, portanto, que as suas entrevistas sonambúlicas se interrompessem, em benefício de ambos. De outra forma, também não responderia pela vida de Lúcia, tal o seu dispêndio de

energia nervosa com aqueles colóquios.

A esperança que lhe dava, aliada à confiança que lhe merecia, foram o bastante para que me entregasse o rosário e aceitasse de bom grado a mesma sugestão dada a Lúcia.

Passaram-se 15 dias durante os quais fiz algumas visitas a Balizac, para renovar as sugestões e reanimar o espírito da paciente.

Assim, consegui fazê-la dormir naturalmente um sono de 18 horas em 24. As forças não tardaram a voltar-lhe, ainda mais auxiliadas pelo influxo de novas esperanças.

Leyre, esse, por sua vez, restabelecia-se mais rapidamente. Dentro de 8 dias, estava de pé.

Nesse ínterim, consegui uma entrevista do arcebispo e dois vigários gerais, interessando também na causa um dignitário eclesiástico, meu amigo, tudo no intuito de reforçar o pedido do casal Delile.

Pouco tempo depois, recebi carta do amigo de Roma, contando-me que havia conseguido relatar ao Papa a história dos meus protegidos e que ele, o Papa, se mostrara muito comovido e interessado, tanto que mandara que lhe levassem o relatório que Quinsac lhe enviara, com simultâneo convite para que lhe relembresse o assunto dentro de duas a três semanas.

O tempo corre célere. Eu havia informado Lúcia das notícias de Roma, notícias que lhe causaram a melhor impressão.

As melhoras de sua saúde eram lentas, mas, progressivas e regulares. Os sonhos cessaram, fôsse por sugestão minha, fôsse pela supressão de contacto com a carta e o rosário, que haviam originado as relações oníricas. Em fins de Maio, a Sra. Delile pôde abandonar o leito, e, passados alguns dias, consenti que saísse do aposento.

Seu primeiro comparecimento à mesa das refeições deu azo a tuna solenidade em que tomámos parte eu, Jauga e o próprio Delile.

O marido de Lúcia chegara a afeiçoar-se ao "seu papel" e mostrava-se o mais correto e perfeito dos amigos de sua mulher.

Assim é que procurava trazê-la sempre a par dos acontecimentos inerentes à marcha do processo.

Ao arcebispado chegara uma carta da Cúria Romana, recomendando que ativassem ali o preparo das instruções preliminares.

Nessa carta também requisitavam o meu depoimento e o do Dr. Quinsac, bem como atestados técnicos e um relatório minucioso, tanto dos fenômenos insólitos observados quanto da enfermidade da Sra. Delile, sem omissão das consequências que poderiam acarretar a manutenção do casamento.

Tudo isso, soubera o barão, lá mesmo no arcebispado, e escusado é dizer que me valeu, no seu conceito, um aumento de prestígio.

Mais que aos meus cuidados, talvez, atribuo a essa carta o convite para o jantar íntimo, em regozijo pelo restabelecimento de Lúcia.

O Sr. Delile revelou-se de um bom humor admirável, entretendo-nos com a narrativa dos trâmites intermináveis impostos ao processo, na Corte Pontifícia.

E' que ele tinha como informante secreto o padre Fürster, que, bem se vê, mantinha galhardamente os seus compromissos.

O padre Jauga, esse exultava de alegria e não cessava de manifestar sua admiração por Delile.

À sobremesa, o Sr. Delile contou, prazenteiro, o incidente da quiromante e da faca ensanguentada, aludindo de passagem ao ferimento de Leyre, que ele considerava apenas o fruto de extraordinária coincidência.

Mas, nessa altura, o cura protestou com veemência:

— Absolutamente, não! Não era coincidência; era, positivamente, um fenômeno de repercussão.

— De repercussão?! — repetiu Delile, admirado.

— Sim, repercussão mística: é a confirmação estrondosa do que ainda outro dia eu lhe afirmava, Dr. Hertault. O Sr. Leyre deixou o corpo material; seu espírito pensante, sua alma sensível, revestida de um invólucro quase imaterial, transportou-se, instantaneamente, a grande distância. A

ausência de qualquer noção de espaço, de percepção da sua passagem por localidades intermediárias constitui, a meu ver, o melhor indício de intervenção da Santíssima Virgem, por isso que os transportes assim diretos são interditos ao demônio.

As pessoas que assim se transportam, em corpo semimaterial, podem, repito, pensar, atuar, sentir com esse corpo. Há casos, mesmo, em que lhes é facultado agirem sobre objetos materiais. São casos raros, sem dúvida, mas perfeitamente constatados.

Outra coisa são as sensações e chagas ou ferimentos infligidos ao corpo espiritual. Mas, ainda há mais: — é que esse corpo espiritual nos parece ser o molde, a matriz do corpo físico. Os ferimentos que o primeiro recebe, repercutem no segundo e dá-se, então, o que chamamos repercussão, nem mais nem menos que a transmissão, ao corpo, do golpe desferido no espírito. Eu lhe contei, meu caro doutor, a história de Santa Ludovina, que viajava em espírito pelos lugares santos[^] dilacerando as carnes nos espinheiros e matagais. Um espinho, que se lhe encravara no corpo espiritual, foi encontrado no corpo carnal.

33, além do mais, um fato muito assinalado nos processos intentados contra a feitiçaria. Não há, portanto, nada de que nos possamos admirar. A separação do corpo espiritual do seu arcabouço material é nm fenômeno muito natural, apenas dependente de leis que a Humanidade ainda desconhece. Deus realiza, por esse meio, milagres que Satã mal poderia imitar grosseiramente.

Os espíritos devotados ao maligno podem, seguramente, desprender-se do corpo, qual o fazem os santos, submetidos que estão às mesmas leis.

Também os golpes que recebem, transparecem no corpo dos feiticeiros, e assim é que ensinam os demonólogos: para escorraçar o espírito malfazejo, importa feri-lo a espada, a punhal, ou ainda com qualquer gume metálico. Daí, a tradição mágica dos punhais. O Sr. marquês de Mirville cita um exemplo célebre: — o daquele feiticeiro que infestava o presbitério de Cideville; Cotton Mathiers, Fairfax, Glauvil, Delrio, Bodin Leyer, de Lamère, não ignoram a repercussão.

Alguns destes autores, principalmente Fairfax, apontam casos.

Em suma: o fenômeno é tão comum que se tomou conhecido em toda a parte. Os árabes costumam desembaraçar-se dos fantasmas que lhes assombram as residências, a tiros de espingarda, ou procurando desferir punhaladas.

Devo acrescentar que os modernos ocultistas também reconhecem a realidade destes fatos que a mística nos ensina.

Seu amigo Cel. de Rochas — disse, virando-se para o meu lado — assegura ter observado o que ele denomina exteriorização da sensibilidade, e também explicou a possibilidade de certos envoltórios.

Pois a exteriorização da sensibilidade, de que fala de Rochas, não passa de fenômeno rudimentar da separação do espírito do corpo, mas deixa entrever que o corpo material se ressentia das contusões e choques experimentados pelo corpo espiritual.

E' lembrar o que nos diz Aksahof a respeito da senhorita d'Esperance.

Essa moça, cujo desprendimento do corpo espiritual parece verificar-se com tanta facilidade, enfermou gravemente porque um experimentador menos prudente lhe tocou o fantasma ou duplo, meio desprendido. Autores outros nos dão exemplos marcantes, quais os de desenhos impressos rio corpo espiritual ou fluídico que se vão refletir no corpo físico.

Este é o caso de Santa Ludovina. Tudo, como se vê, repercussão.

Temos, portanto, que o corpo fluídico do Sr. Leyre fôí ferido pela cigana, e o ferimento se transportou ao corpo carnal...

— Mas o sangue... — disse Delile — como explica o Sr. Cura a sua brusca aparição e conseqüente desaparecimento da lâmina da faca, sem deixar o menor vestígio?

— O sangue, Sr. Delile, é, provavelmente, o veículo da vida e, assim sendo, concebe-se que o corpo espiritual carregue consigo elementos vitais. As crenças relativas às virtudes mágicas do sangue são

tão velhas quanto a Humanidade.

Ulisses, quando vai evocar os mortos, cava um fosso e o enche com o sangue de um animal sacrificado. Tão logo as almas bebêmdesse sangue, elas se materializam, vivem e falam com pleno domínio do mundo físico. A lembrar que, ainda neste passo, Ulisses as afasta com a ponta do seu punhal. O sangue que emerge, nos ferimentos do corpo fluídico, não é o sangue comum; evapora-se, reverte ao corpo de sua origem.

A vidente do Coux, uma santa camponesa cuja história conhecemos, apresentava frequentemente esse fenômeno. Estigmatizada, épocas havia, periódicas, nas quais reproduzia as chagas do Senhor: sangrava, tingia as ataduras e as próprias vestes. Findo o êxtase, as chagas desapareciam sem deixar traços e as manchas sangrentas se dissipavam. Como vê, nem mais nem menos do que teve ocasião de observar, meu caro Sr. Delile. E eis porque não me repugna ver em tudo isso um milagre da Santíssima Virgem...

Essas palavras, disse-as o bom do cura um tanto acanhado, a desculpar-se de haver falado tanto tempo.

E foi quando o barão tomou a deixa:

— O podèr de Deus é infinito, mas a mim me intimida o estudo dessas manifestações assaz perturbadoras. Quero propor-lhes que bebamos à saúde da nossa querida enferma. Acompanhe-nos, por quem é, Sr. Cura; olhe que este champanha é de Mumm, adega de 1874, comprado ao chefe da casa em 1879 e o senhor não poderia saborear coisa melhor. A opinião do Sr. de Franchard sobre os seus vinhos era sempre superior a quaisquer críticas.

Dentro de pouco tempo Leyre recebia a sua nomeação da Faculdade, nas condições previstas e ajustadas.

O Sr. Delile quisera travar relações com o seu venturoso rival e os dois rapazes já se estimavam, embora as circunstâncias lhes impusessem grandes reservas nessas relações.

No corrente mês de Julho, recebi uma carta do amigo e colega italiano, carta que me deu tanto prazer que logo telegrafei ao Sr. Delile.

Logo que ele me apareceu e lha mostrei, disse: — Agora, faço questão de almoçarmos todos, amanhã, em Laferrière. Queira prevenir o Sr. Leyre, dizendo-lhe que não prescindo da sua honrosa presença. Eu mesmo virei buscá-los no meu automóvel. Tenciono convidar a família Franchard e o abade Jauga, mas, sem os prevenir da presença de Leyre. E' uma surpresa que lhes quero fazer, e a única peça que pretendo pregar à *minha mulher*.

Leyre recusou-se, a princípio, mas acabou por ceder às instâncias de Delile.

Quando chegámos a Laferrière, aliás muito tarde, o Sr. Leyre entrou de chofre no salão. Grande, a estupefação do casal Franchard.

E quanto a Lúcia, a sua emoção chegou a inquietar-me...

Ofereça o seu braço ao Sr. Leyre, disse-lhe Delile, e queira fazer as honras desta casa, ao menos por esta última vez.

Minha vingança — acrescentou, sorridente — é que mais tarde terão o desprazer de ver trocados os papéis.

— Ah! — diz Lúcia abraçando-se ao Sr. Delile (enquanto Leyre lhe apertava a mão) deixe-me abraçá-lo de todo o meu coração, como ao mais nobre e leal dos amigos.

i . * -i— Amigo ideal, não digo que não, minha cara + Lúcia; mas, não o ^marido entressenhado...

E não deixava 'de háver eiii seii rosto uns laivos de, maliciosa «tristeza' .- . * Depois, acrescentou

:

Antes de nos asseptarmos à mesa, quero pedir ao Dr. Hertault que nos leia a carta recebida de Roma.

E eu li o que se segue:

“Caro amigo.

O Santo Padre tornou a falar-me do seu negócio. Ele se mostra muito inclinado a uma solução favorável e eu espero para breve a declaração de nulidade. S. S. já prevê, também para breve, um novo enlace e até me prometeu enviar sua bênção aos futuros esposos. Impõe, contudo, uma condição: — quer possuir o piedoso objeto a que se prende uma história tão extraordinária. Eis o que me incumbiu de lhe dizer, contando receber, em sinal de submissão às suas ordens, o precioso rosário de coral. "

E ele não o terá roubado, gritou Dussiron, que acabava de chegar, sempre atrasado, e mesmo sem convite...